

**Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEdu  
Mestrado Profissional em Educação**

**NÁJELA PEREIRA MEDEIROS GONZALEZ**

**A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR DA  
TEORIA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

**Jaguarão  
2025**

**NÁJELA PEREIRA MEDEIROS GONZALEZ**

**A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR DA  
TEORIA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Bento Selau da Silva Júnior

**Jaguarão  
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

G643r Gonzalez, Nájela Pereira Medeiros

A resolução de conflitos na educação infantil:  
um olhar da teoria sobre a prática pedagógica /  
Nájela Pereira Medeiros Gonzalez.

116 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do  
Pampa, MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2025.

"Orientação: Bento Selau da Silva Júnior Selau".

1. Resolução de conflitos. 2. Prática  
pedagógica. 3. Formação de professores. 4.  
Educação infantil. I. Título.

**NÁJELA PEREIRA MEDEIROS GONZALEZ**

**A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR DA  
TEORIA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18, de março de 2025.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Bento Selau da Silva Júnior  
Orientador  
UNIPAMPA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia dos Santos Moura  
UNIPAMPA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andreia Mendes dos Santos  
PUCRS



Assinado eletronicamente por **BENTO SELAU DA SILVA JUNIOR, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/03/2025, às 14:05, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **PATRICIA DOS SANTOS MOURA**, **Coordenador(a) de Curso**, em 22/03/2025, às 23:17, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Andreia Mendes dos Santos**, **Usuário Externo**, em 24/03/2025, às 08:24, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1695374** e o código CRC **9D3F0FA9**.

---

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus e aos Orixás, por terem me amparado em muitos momentos, me dando força interior para seguir em frente, clareando meus pensamentos e me dando paciência diante das dificuldades que se apresentaram durante este processo, mostrando que tudo é possível quando acreditamos que podemos realizar.

Ao meu professor e orientador Dr. Bento Selau da Silva Júnior, que me acolheu como orientanda, e desde o primeiro dia me oportunizou refletir diante da pesquisa, sempre acreditando no meu potencial e me motivando. Acima de tudo, pela disponibilidade, pela amizade, fostes uma grande referência profissional em minha trajetória como pesquisadora.

Aos professores que fizeram parte desta jornada durante este tempo e também contribuíram positivamente para a minha formação.

A todos os colegas de mestrado, turma 2022, pelas discussões, sugestões e pelas amizades construídas.

Ao meu marido Leonardo por sempre me incentivar em todas as horas, sendo tão importante em minha vida, principalmente com suas palavras, abraços, alguém que esteve sempre ao meu lado, fazendo o impossível, sem nunca reclamar e não me deixando desistir em nenhum momento.

Aos meus pais, Gelson e Ângela, meu eterno agradecimento pelas aprendizagens de vida. Em especial, à minha mãe sempre ao meu lado, me ajudando com os inúmeros afazeres do dia a dia, principalmente cuidando e zelando os meus filhos, enquanto estudava em Jaguarão, e em outras demandas exigidas. Me ensinou a seguir em frente, mesmo diante dos obstáculos da vida.

Aos meus amados filhos Thales, Antônia e Miguel, meu agradecimento especial, a seu modo, nos últimos anos, estiveram tão presentes na minha vida, vibrando pelas conquistas, não somente as minhas, mas as deles também, vivenciando um dia de cada vez.

A todas as professoras e equipe diretiva da Escola Municipal de Educação Infantil Recanto Feliz que participaram deste trabalho.

Finalmente, MUITO OBRIGADA! Todos vocês foram importantes e essenciais ao longo dos anos.

“Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contexto familiares, valores e níveis de conhecimentos de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca de repertórios, de visão de mundo, confrontos, ajuda mútua e conseqüentemente ampliação das capacidades individuais”.

Lev Semionovitch Vygotsky

## RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa que teve por objetivo analisar as compreensões teóricas dos professores da Educação Infantil sobre a prática pedagógica referente à resolução de conflitos na sala de referência. O referencial teórico trouxe informações pertinentes às respectivas situações conflituosas, envolvendo as intervenções docentes, os conceitos relacionados à resolução destas e os atritos entre as crianças na Educação Infantil. A pesquisa foi realizada em uma escola da Proinfância da Educação Infantil, localizada na zona urbana de São Lourenço do Sul, na zona urbana. A instituição atende crianças de zero a seis anos de idade e contou com a participação de treze professoras. A metodologia constituiu-se em um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido por meio da investigação-ação. Essa abordagem tem como principal característica buscar por soluções e/ou resoluções de problemas os problemas a partir da ação, visando à melhoria da prática e ao aperfeiçoamento das formas de atuação no contexto do grupo. Através dela, foi realizada uma formação na escola constituída de seis encontros com duração de duas horas. Quatro deles foram realizados em grupos conforme a faixa etária das crianças, com o objetivo de identificar as principais causas das situações de conflitos, planejar soluções, implementar melhorias, bem como monitorar e avaliar os resultados das ações. Os instrumentos para a coleta de dados foram a observação e a entrevista semiestruturada. Já os outros coletados foram tratados por meio da análise textual discursiva. Os achados da pesquisa foram organizados em três categorias emergentes: “Situações que interferem no comportamento das crianças e podem gerar conflitos na educação infantil”, “Discussões teóricas e ações direcionadas a resolução de conflitos na Educação Infantil” e “A resolução de conflitos por meio do princípio formativo”. Os resultados indicaram que as professoras não recorrem apenas às teorias na sua prática pedagógica para resolver as situações de conflitos, mas sim constroem estratégias e abordagens com base nas suas experiências e vivências na sala de referência.

Palavras-Chave: Resolução de Conflitos. Prática Pedagógica. Formação de Professores. Educação Infantil.

## RESUMEN

Esta tesis es el resultado de una investigación que tuvo como objetivo analizar las comprensiones teóricas de los docentes de Educación Infantil sobre la práctica pedagógica en torno a la resolución de conflictos en el aula de referencia. El marco teórico trajo información relevante a las situaciones de conflicto, involucrando intervenciones didácticas, conceptos relacionados a la resolución de conflictos y conflictos entre niños en Educación Infantil. La investigación se realizó en una escuela de Proinfância da Educação Infantil, ubicada en el municipio de São Lourenço do Sul, en el área urbana, que atiende a niños de cero a seis años de edad, y contó con la participación de trece profesores. La metodología consiste en un estudio cualitativo, a través de la investigación-acción, con la característica de resolver problemas a través de la acción, mejorando la práctica y perfeccionando la forma de actuar en el contexto del grupo. Utilizando esta metodología se realizó una capacitación en el colegio consistente en seis encuentros de dos horas de duración. Cuatro de estos encuentros se realizaron en grupos según el rango de edad de los niños, con el fin de identificar la problemática principal de las situaciones de conflicto, planificar soluciones, implementar mejoras, monitorear y evaluar los resultados de la acción. Los instrumentos para la recolección de datos fueron la observación y la entrevista semiestructurada. Los datos recolectados fueron procesados mediante análisis textual discursivo. Los resultados de la investigación se organizaron en tres categorías emergentes: “Situaciones que interfieren en el comportamiento de los niños y pueden generar conflictos en la educación infantil”, “Discusiones teóricas y acciones orientadas a la resolución de conflictos en Educación Infantil” y “Resolución de conflictos a través del principio formativo”. Los resultados indicaron que los docentes no utilizan la teoría en su práctica pedagógica para resolver situaciones conflictivas, sino que crean estrategias y enfoques basados en sus experiencias en el aula de referencia.

Palabras clave: Resolución de Conflictos. Práctica Pedagógica. Formación de Profesores. Educación Infantil.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Registro de ocorrências.....	16
Tabela 2 – Formação acadêmica, tempo e área de atuação das participantes.....	34
Tabela 3 – Título, autores, ano de publicação/ páginas e descrição teórica.....	38

## LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PPP	Projeto Político Pedagógico
PPGEdu	Programa de Pós-Graduação em Educação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 EDUCAÇÃO INFANTIL PRIMEIRA ETAPA DA INFÂNCIA NA ESCOLA .....</b>	<b>17</b>
2.1 A Educação Infantil na legislação e nos documentos normativos.....	17
<b>3COMPREENDENDO ALGUNS CONCEITOS RELACIONADOS AOS CONFLITOS NA ESCOLA .....</b>	<b>22</b>
3.1 O resultado do levantamento e o que dizem as investigações sobre intervenções docentes .....	22
3.2 Alguns conceitos relacionados à resolução de conflitos .....	26
3.3 Conflitos entre as crianças na Educação Infantil .....	28
<b>4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO .....</b>	<b>31</b>
4.1 Fases da investigação-ação .....	33
4.2 Identificação da preocupação temática .....	37
4.3 Plano de ação .....	37
4.4 Atuação prática .....	40
4.5 Coleta de dados .....	41
4.6 Tratamento dos dados coletas .....	43
<b>5 DISCUSSÕES DOS DADOS E ANÁLISE INTERPRETATIVA.....</b>	<b>44</b>
5.1 Situações que interferem no comportamento das crianças e podem gerar conflitos na Educação Infantil.....	45
5.2 Discussões teóricas e ações direcionadas a resolução de conflitos na Educação Infantil.....	66
5.3 A resolução de conflitos por meio do princípio formativo.....	84
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>105</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>108</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>112</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante minha atuação na Educação Infantil, em alguns encontros com professores, deparei-me com queixas e argumentos de colegas sobre uma problemática enfrentada em suas salas de referência: situações que envolviam comportamentos agressivos por parte de crianças pequenas.

Em uma formação realizada na escola, no dia 15 de maio de 2023, as colegas expuseram preocupação e inquietações quanto às posturas e atitudes de outras professoras ao lidarem com as situações e ter de resolver os conflitos, pois a maioria não tinha a percepção direcionada pela teoria ao tentar solucionar essas questões cotidianas e rotineiras.

Nos diálogos que se seguiram em reuniões e conselhos de classe realizados entre os dias 22 e 25 de maio de 2023 do mesmo ano, foi possível observar que grande parte dos relatos advindos das professoras com relação aos conflitos culpabilizavam às famílias das crianças.

Com a intenção de melhor compreender essas situações na escola, dei início à formação no curso de Mestrado Profissional em Educação da Unipampa. Paralelamente, dialoguei com as professoras da instituição na qual atuava, para que pudessemos encontrar uma maneira de pensarmos juntas em ações pedagógicas que auxiliassem a entender e intervir de maneira prática nas ocasiões em que ocorriam os conflitos entre as crianças.

O grupo de colegas acolheu a proposta, pois considerou que seria oportuno aproveitar o meu processo formativo para desenvolver um estudo colaborativo. Assim, decidimos organizar reuniões de estudo, as quais se constituiriam em formações realizadas na própria escola.

Ao propor um processo formativo na escola, buscou-se analisar as percepções teóricas dos professores da Educação Infantil sobre a prática pedagógica voltada à resolução de conflitos na sala de referência. Assim, ressalta-se que a formação continuada desempenha um papel fundamental, pois contribui para a aquisição da bagagem teórica docente, oportunizando novos saberes e agregando ideias que serão implementadas por meio de ações na sala de aula.

De acordo com Diniz-Pereira e Zeichner (2011, p. 24), “discussões atuais sobre a carreira docente enfatizam a complexidade dessa profissão, que envolve conhecimento teórico e prático [...]”. Compreendemos, ainda, que ao realizar um

movimento voltado para à formação de educadores-pesquisadores, por meio da pesquisa, estaríamos também contribuindo para que estes atuassem de maneira mais ativa em seu espaço de trabalho, fortalecendo sua participação e protagonismo no ambiente escolar e tivessem “[...] o propósito de entender e transformar sua própria prática, promovendo transformações educacionais e sociais [...]” (DINIZ-PEREIRA; ZEICNHER, 2011, p. 29).

Salientamos que, no diante da formação docente, o que se promove é uma continuidade entre pensamentos, ideias e ações, que se articulam com a realidade em que o professor está inserido, entrelaçando a teoria à prática no exercício da docência. Meerkotter (citado por Diniz-Pereira e Zeichner) destaca que “[o] professor que age e reflete sobre sua prática enquanto intelectual transformador também participa do pensamento e da decisão concernentes ao porquê (sic) e ao em benefício de quem [...]”. (Meerkotter, 1993, p. 18 *apud* Diniz-Pereira; Zeichner, 2011, p. 97).

Ainda para justificar essa pesquisa, procuramos os registros escolares que pudessem mostrar se, de fato, havia situações de conflito entre as crianças. Neste período, entre os dias 03 e 04 de agosto, realizamos uma verificação no livro de ocorrências com relação aos números e tipos de conflitos existentes. Assim, foi possível observar os que foram compreendidos entre os anos de 2017 e 2023.

Dessa maneira, diversas ocorrências são realizadas e descritas no livro, como atrasos, incidentes, entre outras situações vivenciadas pelas crianças, com ênfase, sobretudo, nos desequilíbrios afetivo-emocionais<sup>1</sup>. Nos registros, o termo “agressividade física” aparece com frequência para descrever o comportamento das crianças. Já as expressões “desorganização emocional” e “reações compulsivas” foram utilizadas apenas em dois momentos específicos.

Com o objetivo de compreender as situações vivenciadas pelas crianças nos anos anteriormente mencionados, observou-se que as ocorrências registradas derivavam de diferentes tipos de conflitos. Entre eles, destacam-se: mordidas motivadas por disputas de brinquedos ou por questões de afetividade, bem como manifestações de agressividade por meio de tapas, chutes, socos, empurrões, cabeçadas, gritos, cuspidas, arranhões, beliscões, além de ações como bater com ou lançar objetos.

---

<sup>1</sup> Essa expressão será explicada alhures.

Quanto ao número de registros, esses foram organizados na Tabela 1, discriminados por ano e quantidade de ocorrências<sup>2</sup>. Cabe destacar que, no ano de 2020, os registros foram realizados apenas até o mês de março, sendo retomados apenas com o retorno das aulas presenciais no ano de 2002 devido ao risco de contágio no contexto da pandemia Covid-19.

Tabela 1 – Registros de ocorrências

Ano	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Número de Registros	154	182	233	35	—	27	88

**Fonte:** Livro de Ocorrências. Escola Municipal de Educação Infantil Recanto Feliz, 2017 – 2023.

Nessa lógica, para nós, este número foi considerado alto, pois fortaleceu a ideia de que precisaríamos ir atrás da teoria para auxiliar a compreender e, por consequência, lidar com essas situações no âmbito pedagógico e teórico.

O desenvolvimento desta dissertação está estruturado em cinco capítulos, além da introdução, conforme descrito a seguir: o Capítulo 2 aborda aspectos relacionados à legislação, com ênfase na educação infantil e na formação de professores; o Capítulo 3 apresenta alguns aspectos teóricos sobre a revisão de literatura, organizados em três subcapítulos que discutem: “o resultado do levantamento e o que dizem as investigações sobre intervenções docentes”; “alguns conceitos relacionados à resolução de conflitos”; e “conflitos entre crianças na educação infantil”.

Já no Capítulo 4, são descritos os procedimentos metodológicos e o contexto em que a ação foi realizada, incluindo as fases da investigação-ação, o plano de ação, os instrumentos de coleta e análise de dados, bem como o cronograma de atividades. E por fim, o capítulo 5 trata da análise dos dados, das discussões e dos resultados obtidos.

---

<sup>2</sup>A escola possuía um livro de ocorrências para registrar as situações entre as crianças (inclusive aquelas relacionadas aos conflitos). Trouxemos esses dados, embora não estejamos de acordo com essa prática na Educação Infantil.

Portanto, apresenta-se o referencial bibliográfico que serviu de base teórica para esta pesquisa, seguido dos apêndices, elaborados que se fizeram necessários frente à pesquisa desenvolvida.

## **2 EDUCAÇÃO INFANTIL A PRIMEIRA ETAPA DA INFÂNCIA NA ESCOLA**

Este capítulo versará sobre o referencial teórico utilizado na fundamentação da pesquisa, trazendo os conceitos centrais relacionados à Educação Infantil por meio da legislação vigente, além de descrever os caminhos percorridos nas discussões sobre políticas públicas voltadas à garantia dos direitos sociais das crianças.

### **2.1 A Educação Infantil na legislação e nos documentos normativos**

Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Seção II – Da Educação Infantil, em seu art. 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (anos), em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (2018, p. 22).

A criança passa a estabelecer outras relações e vínculos afetivos, sendo a escola o ambiente promotor de novas interações. De acordo com a BNCC:

Como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada (2017, p. 36).

Os docentes podem proporcionar às crianças da Educação Infantil uma série de possibilidades metodológicas que promovam o seu desenvolvimento integral, qualificando suas aprendizagens de acordo com a sua realidade e com o contexto educativo no qual estão inseridas. Trata-se de uma maneira de contextualizar os ensinamentos em como elas vivem e se socializam, valorizando cada ação

proveniente que esteja relacionada à diversidade cultural e, assim, contribuir para uma melhor qualidade de vida acadêmica.

O Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 2015 com vigência de dez anos, estabelece, em seu artigo 1º, as diretrizes que orientam as políticas educacionais no país. No artigo 2º, destacam-se, entre outros, os seguintes princípios: inciso III – “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”; parágrafo IV – “melhoria da qualidade da educação”; e parágrafo V – “formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade” (p. 12).

Essas, por sua vez, regulamentam, ainda que tardiamente, princípios já estabelecidos na Constituição Federal de 1988, especialmente no que diz respeito ao direito à educação.

No que se refere à Educação Infantil, ela é reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) como a primeira etapa da educação básica, fundamental para o desenvolvimento integral da criança. Nessa perspectiva, busca-se garantir uma formação que se distancie das desigualdades, promova a cidadania e assegure melhores condições de vida e de aprendizagem desde os primeiros anos.

Nesse sentido, as crianças da Educação Infantil devem ser priorizadas em todo e qualquer processo, principalmente durante as suas brincadeiras e interações sociais. Por essa razão, é importante destacar os desafios enfrentados por alunos e professoras em situações de conflitos que ocorrem no contexto de socialização e repercutem diretamente no desenvolvimento integral e no seu processo de aprendizagem. De acordo com a BNCC:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (2017, p. 37).

A responsabilidade pelo desenvolvimento das crianças na Educação Infantil não recai apenas sobre os educadores, mas envolve todos nesse processo. No entanto, o docente, enquanto mediador no ambiente da sala de referência, tem um papel central: cabe a ele promover as aprendizagens necessárias e adequadas a cada

faixa etária, levando em consideração a sua formação e as prioridades que orientam sua prática, e o que realmente prioriza em conduzir seus alunos ao resolver situações conflitantes.

Nesse sentido, o docente promove e estimula as potencialidades de cada criança de acordo com o seu desenvolvimento, trazendo a educação de qualidade para a sua sala de aula. A partir de ações adequadas, ele também fomenta oportunidades únicas de cooperação e participação, além de contribuir e valorizar as que são correspondentes à sua bagagem de conhecimento indispensável para uma qualidade da educação tão desejada por todos, além de suplementar as formações discentes e docentes.

Retornando à legislação, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo de caráter obrigatório que orienta os currículos das escolas. Sua implementação foi estabelecida pela Lei Federal nº 13.415/2017, que promoveu alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em fevereiro de 2017. Assim, ela define as aprendizagens fundamentais que devem ser desenvolvidas ao longo da Educação Básica e estabelece os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para crianças de 0 a 5 anos. Além disso, aborda os eixos estruturantes que fundamentam a prática pedagógica na Educação Infantil.

A BNCC propõe para a Educação Infantil uma organização curricular por meio dos campos de experiências que “leva em consideração a maneira como bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas aprendem e se desenvolvem a partir de experiências cotidianas” (2017, p. 9). A partir das experiências cotidianas, observamos que as crianças transitórias na Educação Infantil “passam por mudanças importantes que envolvem aspectos emocionais, cognitivos, sociais, entre outros” (BNCC, 2017, p. 24).

Nesse aspecto, ao compreender estas questões, o docente busca por formações que contribuam para a qualidade da educação em sua sala de aula, com o objetivo de assegurar uma continuidade da aprendizagem, bem como proporcionar experiências educacionais que levem em consideração, principalmente, os aspectos emocionais dessas crianças. Refletindo sobre a formação docente, o Referencial Curricular Gaúcho nos orienta como ela devem ocorrer:

A formação continuada de professores deve incentivar a apropriação dos saberes pelos professores, levando-os a uma prática crítico-reflexiva, engendrando a vida cotidiana da escola e os saberes derivados da

experiência docente. Significa dizer que o professor precisa refletir sobre sua prática em suas múltiplas dimensões (2018, p. 37).

Após essas reflexões, os docentes estarão mais preparados, pois terão a oportunidade de compreender as situações de conflito e promover a resolução destas da melhor forma possível, baseando-se nas teorias educacionais, e não em soluções oriundas do senso comum, como castigos e punições, ou a ausência de estratégias metodológicas. A formação continuada contribui para que os professores se tornem sujeitos reflexivos diante desse contexto para desenvolver uma prática mais dinâmica e consciente: “[o] processo reflexivo exige também a predisposição de questionamentos críticos e de intervenção formativa sobre a própria prática docente” (RCG, 2018, p. 37).

Tendo isso em vista, os docentes da escola onde foi realizada a pesquisa demonstraram compreender a problemática dos conflitos e buscaram estratégias para resolvê-la de forma efetiva. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca a importância do Projeto Político-Pedagógico (PPP), reconhecendo-o como um instrumento fundamental para orientar as ações educativas e promover uma formação integral dos alunos e afirma que:

[...] o documento que condensa a identidade da escola, esclarece a forma como a instituição está organizada, determina quais são os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os alunos e, sobretudo, qual é o caminho para atingi-los (2017, p. 31).

Em um primeiro momento, a escola de Educação Infantil de São Lourenço do Sul foi criada com o objetivo de atender crianças cujas famílias, em sua maioria compostas por pescadores, que trabalhavam todo o dia. Com as mudanças ocorridas na legislação ao longo do tempo referentes à Educação Infantil, destaca-se a metodologia adotada pela escola na construção do Projeto Político-Pedagógico (PPP), a qual:

[...] busca atender as necessidades e interesses das crianças sempre procurando ouvi-las e estando atentos a todas formas de manifestação, em todos os momentos do seu cotidiano. Através de projetos de trabalho e de atividades significativas a escola busca formas de as crianças aprenderem e se desenvolverem de acordo com as suas possibilidades e especificidades em cada momento do seu processo de formação humana (2017 – 2018).

Refletindo sobre como os conflitos são resolvidos pelos professores nas salas de referência, a escola contempla as ações das famílias e promove para as crianças

“a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade” (PPP, 2017 – 2018). Dessa maneira, o Projeto Político-Pedagógico busca respeitar as especificidades da Educação Infantil, o contexto e as situações que são voltadas para as crianças da instituição. Já as outras questões específicas da escola serão descritas no procedimento metodológico.

Dessa maneira, a infraestrutura das instituições de Educação Infantil possui algumas especificidades que se diferem na organização dos espaços, buscando atender as crianças em um ambiente que promova o seu desenvolvimento integral. No parágrafo anterior, mencionamos as salas de referência. Evangelista (2020) afirma que:

A nomenclatura sala de referência é empregada, nos Parâmetros Básicos para a Infraestrutura de Instituições de Educação Infantil, para determinar uma sala onde as crianças são recebidas, guardam seus pertences, entre outras atividades. O documento defende que as crianças na Educação Infantil utilizem espaços diversificados, como parque, sala de vídeo, tanque de areia, casinha, cama elástica, quadra, áreas verdes, brinquedoteca, biblioteca etc. Diferencia-se da tradicional sala de aula do Ensino Fundamental (p. 177).

Procuramos conceitos sobre a sala de referência no documento mencionado por Evangelista (2020), Parâmetros Básicos para Infraestrutura de Instituições de Educação Infantil, na BNCC e em outros materiais. No entanto, não encontramos uma definição específica para a nomenclatura utilizada, apenas menções às salas de referência na Educação Infantil.

Nessa lógica, podemos ver essa constatação no Referencial Curricular Gaúcho por meio de dois objetivos de aprendizagem e desenvolvimento voltados para as crianças bem pequenas, sendo eles: “Explorar espaços diversos na sala referência [...]” (RCG, 2018, p. 92) e “Vivenciar momentos diários em que as crianças possam falar e escutar umas às outras – nas rodas de conversa, nos momentos de refeição, nos espaços da sala referência [...]” (RCG, 2018, p. 92).

### **3 COMPREENDENDO ALGUNS CONCEITOS RELACIONADOS AOS CONFLITOS NA ESCOLA**

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma revisão de literatura sobre a temática da resolução de conflitos na Educação Infantil. Além de expor os entendimentos dos pesquisadores acerca dos conceitos propostos, busca-se também dialogar, analisar e refletir criticamente sobre a temática.

#### **3.1 O resultado do levantamento e o que dizem as investigações sobre as intervenções docentes**

Eusébio (2018) e Souza (2012) relatam que as manifestações de agressividade se apresentam por meio de tapas, chutes, socos, empurrões, ou seja, de forma física, como também verbal com o intuito de projetar seus sentimentos.

Quanto à compreensão dos pais e dos docentes, Luz (2005) destaca que “muitas vezes por desconhecimento agem de modo a inibir o desenvolvimento de seus filhos e alunos por tentar fazê-los se comportar constante e linear, não dando espaço as crises e conflitos naturais desse período de vida” (p. 156). Assim, estes se utilizam de ações advindas a partir de suas experiências e vivências nas salas de aula, demonstrando dificuldade na resolução dos conflitos existentes.

Dessa maneira, observou-se, ao longo da leitura de pesquisas, artigos, textos e outros materiais, que alguns docentes não dispõem de uma base teórica adequada para lidar com os conflitos agressivos das crianças na Educação Infantil. Assim, acabam recorrendo a intervenções negativas, ainda que, em certos casos, o diálogo seja considerado como primeira opção.

Essas intervenções têm, muitas vezes, o intuito de ameaçar, impor castigos ou isolar a criança para que ela “reflita” sobre seu comportamento. Em determinadas situações, os docentes também culpabilizam os familiares por não estabelecerem limites e, em outros momentos, recorrem à aplicação de castigos e punições como forma de intervenção.

Por essa razão, a partir da reflexão sobre a temática, discorrerei acerca das ações dos docentes diante dos momentos de agressividade das crianças na Educação Infantil. Além disso, apresentarei o entendimento do autor a partir da

problemática, que se caracteriza como um conjunto de experiências adquiridas em sala de aula. Nesse sentido, o autor afirma que:

Como observado em todas as pesquisas ora apresentadas, é geral a identificação da dificuldade, tanto das professoras e professores, quanto dos pais e familiares no que se refere ao trato com situações nas quais a agressividade se apresenta. Essa é uma realidade presente não só no conceito desses atores investigados, mas constitui um problema social que precisa ser melhor compreendido na expectativa de se identificar melhor quais ações coletivas são necessárias para a diminuição de situações nas quais a agressividade hostil se apresenta, bem como da violência de modo geral (Eusébio, 2018, p. 48).

Muitas vezes, as crianças ditas agressivas, culminam por serem rotuladas, o que promove a discriminação e uma tendência de rejeição por parte das outras na escola. Como consequência principal dessas ações, esta vivencia o isolamento, no qual é evitada tanto por colegas quanto por professores crianças, que preferem manter distância devido ao seu comportamento ou à dificuldade em lidar com suas atitudes consideradas negativas, levando em consideração o ambiente escolar conforme a citação a seguir:

Assim, é no ambiente da pré-escola que a criança realiza uma parte considerável de suas interações sociais, tanto com os pares, como os professores. Entretanto, do mesmo modo que esse espaço pode promover o desenvolvimento infantil, ele também é propício para identificação e/ou desenrolar de problemas de comportamento na infância (Souza, 2012, p. 17).

Nesse sentido, é por meio das interações sociais que ocorrem na escola que se torna possível observar e identificar as atitudes comportamentais das crianças sob um olhar reflexivo. Isso ocorre porque toda manifestação agressiva parte de algum fator desencadeador da própria ação. Por esse motivo, identificar a causa principal dessas situações é o primeiro passo para que os docentes possam compreender e repensar suas estratégias de atuação frente à agressividade apresentada. Então, o autor afirma que:

Além disso, é nesse período inicial, a que estamos chamando de primeira infância, que as crianças adquirem as capacidades de: andar, pensar e se comunicar, que lhes possibilitam compartilhar mais intensamente das atividades especificamente humanas. Compreender melhor como ocorrem esses ganhos e como as instituições encarregadas de cuidar das crianças asseguram a imposição de limites e regras de convivência, são questões que os interessam, e que consideramos estarem presentes nos processos de emergência e manifestação de comportamentos agressivos (Luz, 2005, p. 23).

Ao ingressarem na Educação Infantil, as crianças apresentam capacidades voltadas principalmente para o cuidado. Nesse contexto, é papel dos docentes incentivar o desenvolvimento de habilidades motoras, psíquicas e sociais, observando e mediando as relações que se estabelecem no ambiente escolar. Assim, integra-se o ato de cuidar ao processo educativo, reconhecendo sua importância no desenvolvimento integral infantil.

Nas interações cotidianas, manifestam-se tanto aspectos positivos quanto desafios comportamentais. Saber interpretar essas situações e intervir de forma consciente é fundamental a partir da experiência prática adquirida ao longo dos anos.

No entanto, seus efeitos podem ser ampliados quando fundamentada em conhecimentos teóricos consistentes para poder maximizar os resultados da intervenção. Em suma, ter uma base científica sólida produzida pelo nosso conhecimento científico é imprescindível para contribuir e acarretar em transformações significativas nas instituições de ensino e, sobretudo, nas relações sociais que ali se constroem.

Refletir sobre como os professores compreendem os conflitos ocasionados pela agressividade e quais ações de intervenção realizam para resolvê-los é o principal foco neste momento. Com base na minha experiência em sala de aula, observa-se que, em diversas situações, os docentes recorrem à criação de combinados e regras com as crianças como forma de impor limites, além de utilizarem o diálogo como ferramenta de mediação.

As interações que ocorrem no ambiente escolar exercem um papel fundamental no processo de socialização, pois é por meio delas que os professores conseguem identificar a problemática relacionada ao comportamento das crianças. Ao focar especificamente na agressividade, torna-se possível perceber que as ações docentes podem tanto inibir quanto estimular os fatores que desencadeiam que, por ventura, ocasionam as situações de conflito em sala de aula.

Após as leituras realizadas, percebe-se que a maioria dos professores, diante de comportamentos agressivos, adota estratégias como retirar da criança algo de que ela gosta ou colocá-la para sentar na "cadeirinha", como forma de intervir em situações de conflito.

Diante disso, é necessário refletir sobre o real objetivo por trás dessa prática, a partir das seguintes questões: seriam essas atitudes realmente adequadas? Estariam

fundamentadas em alguma teoria que justifique tal posicionamento? Essas questões nos levam a repensar as intervenções pedagógicas frente à agressividade infantil, pois as crianças pequenas não têm, em grande parte dos casos, entendimento sobre o que acontece, podendo gerar sentimentos de mágoa e sofrimento, incluindo o choro como escape da situação.

Essas reflexões reforçam ainda mais a necessidade de zelo por parte das educadoras no que se refere a suas atitudes frente às crianças. É importante que seus atos sejam pensados não somente em termos objetivos do que se pretende ensinar, mas como a criança pode interpretar essas atitudes (Luz, 2005, p. 141).

Além de reverem suas atitudes objetivas frente a esses conflitos de agressividade, os professores também precisam embasar a sua tomada de decisão, para que não haja constrangimentos relacionados à sua postura de educadores. Ensinar crianças pequenas exige muito trabalho, mas também constante pesquisa e reflexão, uma vez que sempre é preciso se atualizar acerca da prática. Em suma, não se pode acreditar que mudaremos o comportamento destas na força, ou por meio de punições. Para isso, o autor afirma que:

Há uma preocupação quando se identifica que algumas professoras podem pensar que “nossa educação é outra” e diferenciar aquilo que as crianças aprendem nas instituições de Educação Infantil daquilo que elas aprendem em casa e não compreendem que os ensinamentos podem ser os mesmos, ou até mesmo muito parecidos, no entanto o que diferencia a aprendizagem nesses dois espaços é a intencionalidade, a forma, o profissionalismo para lidar e ensinar questões do cotidiano das crianças pequenas, bem como as relações que as crianças estabelecem entre seus pares (Eusébio, 2018, p. 93).

O que se busca apresentar nesta reflexão é que, nem sempre, a prática dos professores corresponde às perspectivas do trabalho pedagógico a ser desenvolvido. Muitos ainda insistem em insistir na mesma tecla ao repetir estratégias que já não funcionam e se alinham com as demandas e compreensões do presente.

Nessa lógica, utilizam métodos tradicionais e ineficazes que, além de não produzirem resultados significativos, consomem tempo, pois não incentivam a busca por novas alternativas. Por conseguinte, a ausência de pesquisa e atualização dificulta a ampliação do conhecimento sobre outras formas de mediar situações de agressividade.

Seguindo esse parâmetro, Negrine (1994) afirma que: “aceitar o desafio, quando nos deparamos com crianças com esses comportamentos, é o caminho no sentido de construir uma educação mais aberta, mais científica e de aprendizagens mútuas.”

Portanto, o comportamento considerado positivo é, muitas vezes, aquele da criança que não desafia o professor em sala de aula — a que é vista como tranquila, que senta, escuta, não faz bagunça nem grita. Um dos grandes desafios da Educação Infantil está relacionado ao processo de escolarização, entendido como uma trajetória construída ao longo da vida acadêmica.

Nesse contexto, tende-se a impor um padrão de comportamento tido como “adequado”, sem perceber que estamos lidando com crianças pequenas, que ainda estão em pleno processo de desenvolvimento de habilidades, capacidades, emoções e, acima de tudo, de compreensão do mundo ao seu redor.

### **3.2 Alguns conceitos relacionados à resolução de conflitos**

Conflitos entre crianças no ambiente escolar não são incomuns, pois fazem parte de suas vivências e do processo de socialização. No cotidiano, nos deparamos com situações que, muitas vezes, podem causar estranhamento e, dependendo da interpretação do que observamos, diferentes significados podem ser atribuídos a uma mesma ação.

Ao se abordar os conflitos na Educação Infantil, é comum que a agressividade seja imediatamente associada ao tema, assim como a busca por soluções para esse tipo de impasse. Neste primeiro momento, propõe-se conceituar o presente termo, a fim de favorecer uma compreensão e entendimento mais amplo acerca das ações adotadas pelas professoras diante desses conflitos.

Ao buscar no dicionário, Ferreira (1999) afirma que agressividade é uma “disposição para o desencadeamento de condutas hostis, destrutivas, fixada e alimentada pelo acúmulo de experiências frustradoras”. Já sobre o termo agressivo “diz-se de indivíduo em cuja personalidade prevalece como componente a disposição para condutas destrutivas, hostis”. Ao conceituar conflito, o autor ainda nos revela que a palavra indica “embate dos que lutam; discussão acompanhada de injúrias e

ameaças”, e resolução “ato ou efeito de resolver (se); capacidade de resolver, deliberar, decidir”.

Em virtude da compreensão dos docentes sobre a referida temática, os conceitos encontrados no dicionário direcionam o pensamento e a interpretação destes com relação à agressividade, sendo algo negativo, destrutivo e hostil. Assim sendo, o que se compreende é que eles necessitam agir e ter a capacidade de resolver essas questões conflitantes em sua sala de referência. Assim:

Compreender que os conflitos podem ser positivos, que a agressividade deve ser vista como vital e que as pessoas podem, muitas vezes, manifestar desequilíbrios afetivos emocionais, implica que os educadores devem desenvolver novos olhares sobre seus alunos e apresentar novas formas de intervenção com esses, sem rotulá-los ou criticá-los. Quando se trata das situações que envolvem agressividade ou agressão na sala de aula, utilizar-se-á o termo desequilíbrios afetivos emocionais (Selau; Furini; Pinheiro, 2010, p. 121-122).

Na introdução, o termo “desequilíbrios afetivos emocionais” foi mencionado pela autora em concordância com esses autores por se tratar de situações conflitantes que envolvem crianças. Sob um novo olhar, entende-se que palavras verbalizadas como agressividade, agressão ou agressivo, seriam uma forma negativa e hostil de lidar com alunos menores, contribuindo para uma rotulação inapropriada em decorrência da utilização destes termos específicos.

Dessa forma, as crianças desenvolvem uma variedade de papéis resultantes do ambiente em que estão inseridas. Por isso, o processo de desenvolvimento ocorre conforme as possibilidades que lhes são oferecidas ao longo das etapas de aprendizagem, respeitando suas faixas etárias. A interação, nesse contexto, é constante e imprescindível, sendo um elemento fundamental na Educação Infantil, assim como em outros espaços de convivência, uma vez que também está em curso a construção das relações sociais.

Nessa perspectiva, os desequilíbrios afetivo-emocionais podem se dar de diferentes maneiras, refletindo os significados atribuídos ao ambiente. Em determinados momentos, essas manifestações podem gerar estímulos que resultam em conflitos afetivos, podendo ocasionar uma transformação emocional externalizada que já está presente na vida da criança por meio dos conflitos nesse parâmetro.

### 3.3 Conflitos entre as crianças na Educação Infantil

A criança é tecida de acordo com as experiências e vivências que vão surgindo no decorrer de sua trajetória. Apesar disso, cada palavra, ação ou concordância podem ser bem aceitas, como por outro lado, confrontadas no mesmo instante. Muitas vezes, esse embate gera os principais conflitos entre as crianças, pois estão se desenvolvendo e adquirindo novas perspectivas sociais humanas frente ao outro.

Nesse momento, as questões emocionais fazem parte deste contexto, pois a criança necessita que a sua demanda seja atendida de prontidão. Assim, ao lidarmos com as situações conflitantes na sala de aula, isso permitirá que desenvolvamos ações que contribuam para a sua resolução, atendendo tanto as necessidades quanto os padrões das relações humanas.

Existem normas sociais convencionais que ditam como crianças, adolescentes e adultos devem se comportar, pensar e sentir. Tais normas, porém nem sempre são compatíveis com a capacidade e a habilidade da criança de resolver a situação e satisfazer sua necessidade primordial. Alguns comportamentos de birra, ou por vezes aqueles apontados pelo senso comum como inadmissíveis, podem ser o “gesto expressivo” encontrado pela criança, naquele momento e naquele contexto, para atender à sua demanda (Antony; Zanella, 2020, p. 92).

A reação frente a cada gesto expressivo das emoções afetivas realizadas pelas crianças, irá direcionar como serão resolvidas as situações de conflitos em cada ocorrência. Por esse motivo, é preciso compreender o que desencadeia certas ações comportamentais a partir do histórico da criança, com a finalidade de adotar atitudes compreensivas relacionadas à manifestação do comportamento infantil.

Naturalmente que os conflitos fazem parte da constituição humana, principalmente se tratando do convívio em sociedade. No entanto, compreender o porquê de certas manifestações agressivas, nos possibilita obter resultados positivos que implicarão na interferência para resolver as situações existentes de forma adequada.

Em suma, identificar e compreender precocemente os desequilíbrios afetivos emocionais permite que estas crianças não sejam rotuladas, causando reclamações advindas do seu comportamento, que por ventura prejudiquem o seu rendimento escolar futuro.

Alunos de todas as idades ocasionalmente recorrem a comportamentos agressivos para resolver conflitos interpessoais e enfrentar situações estressantes. No entanto, existem alunos que desde a pré-escola apresentam, de forma consistente e intensa, condutas agressivas, manifestações de raiva, irritabilidade, comportamentos desafiadores, de birra, insultos, ameaças, condutas violentas e recusa à obediência. Em geral, as crianças agressivas não só representam uma ameaça para os seus colegas e professores, mas também se colocam em situação de perigo (Picado; Rose, 2009, p.134).

Nessas ocasiões os professores enfrentam uma grande interrogação, afinal não sabem o que fazer diante destes conflitos, pois a manifestações entre crianças se dão a partir de beliscões, de mordidas, assim como das ações como bater, arranhar, dar pontapés, entre outras formas, variando a quantidade de sequências e ocorrências apresentadas durante esse processo de desequilíbrio.

No entanto, na maioria das vezes, a sua formação básica de pedagogo não lhes dá uma contrapartida frente às decisões que possam ser tomadas diante destes casos, o que impossibilita encontrar estratégias e estratégias que possam lhes dar uma alternativa para amenizar os conflitos em sua totalidade.

Embora haja diálogo entre os envolvidos, os desdobramentos nem sempre são os esperados, pois muitas vezes há uma resistência por parte da criança diante dessa situação. Na grande parte dos casos, ela dificulta a eficácia das estratégias adotadas para a resolução do conflito, resultando em desentendimentos. Isso ocorre porque as ações não são compreendidas como ponto de partida para a solução do problema, uma vez que dependem integralmente das informações e da compreensão que cada indivíduo tem sobre a temática.

O conflito nem sempre envolve violência, embora essa seja sua representação mais frequente em nosso cotidiano, o que, a nosso ver, explica porque é visto como algo negativo, a ser evitado. Definindo em poucas palavras, o conflito é uma situação de oposição entre pessoas envolvidas em uma interação social. Essa oposição pode consistir em diferenças nos objetivos de cada uma, como por exemplo, a negação de um dos protagonistas ao pedido do outro, o que provoca frustração neste último. Pode ser iniciado por uma crítica, que ameaça a boa imagem de si, ou até mesmo por um esbarrão, que pode ser interpretado como provocação, mesmo tendo sido acidental. (Leme, 2009, p. 360).

Apesar dos diferentes enfoques que envolvem essa temática, cabe ressaltar que também as vivências e experiências de cada indivíduo fazem parte do processo e também repercutem nesta problemática. Muitas vezes, as crianças demonstram

certo desconforto com alguma situação estressante, e tendem a expressá-lo a partir de sua própria compreensão da realidade. Nessas circunstâncias, se fecham e rejeitam a comunicação, especialmente quando esta lhes é imposta por meio de regras rígidas ou punições. Como consequência, sua conduta pode se intensificar e se manifestar a partir de comportamentos ainda mais agressivos.

Passamos assim, a analisar as diferentes dimensões de cada conflito e possibilidades de resolução, consequências, e abordagens que possam trazer significado às experiências vividas pelas as crianças. Sendo assim, Leme (2009, p. 360) destaca que, “devem ser lembradas as formas alternativas de enfrentamento, que são por isso satisfatórias, e ao mesmo tempo pacíficas, pois buscam contemplar os direitos e objetivos de todos, como a negociação, o diálogo e a conciliação”.

Os conflitos também servem como estímulos para o desenvolvimento das crianças, contanto que sejam mediados de forma positiva. Para isso, é fundamental que os professores compreendam o seu papel como mediadores, analisando cada um deles de maneira cautelosa e suas causas, para definir uma postura mais assertiva diante de cada situação no cotidiano escolar.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta a escola onde foi realizada a pesquisa, o tipo de pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e como foi realizado o processo formativo.

A pesquisa foi realizada em uma escola da Educação Infantil pertencente ao Programa Proinfância<sup>3</sup> da Educação Infantil, localizada na zona urbana do município de São Lourenço do Sul. A instituição foi criada em 27 de abril de 1988, inicialmente situada no bairro Navegantes, às margens do Arroio São Lourenço. Em 2013, ela foi transferida para o centro da cidade, funcionando em um prédio alugado, onde permaneceu por três anos. Em 2016, retornou ao bairro de origem, agora instalada em prédio próprio, construído por meio do Projeto Proinfância.

Inicialmente, a escola foi criada para atender crianças cujas mães trabalhavam fora e, em sua maioria filhas e filhos de pescadores, que era o principal grupo de pais na época. Por conta dessa demanda, os endereços anteriores situavam-se à beira da Lagoa dos Patos e em frente ao Arroio São Lourenço, Nesse sentido, a escola atende crianças de zero a seis anos de idade, proporcionando condições para o seu desenvolvimento físico, psicológico e intelectual para complementar a ação da família, bem como promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos ao estimular o seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade.

Na época da pesquisa, a escola contava com 175 crianças matriculadas, distribuídas em oito salas de aula. Havia seis turmas em turno integral, correspondentes ao Berçário I, Berçário II, maternal 1 (duas turmas) e maternal 2 (duas turmas). Além disso, funcionavam quatro turmas de pré-escola em turno parcial, sendo duas do Jardim A e duas do Jardim B.

Durante o ano letivo, o atendimento escolar ocorre de fevereiro a dezembro, havendo recesso para os professores no mês de julho. À época da pesquisa, a escola contava com 17 professoras, todas qualificadas para atuar na Educação Infantil. Dentre elas, três exerciam funções administrativas como: diretora, vice-diretora e

---

<sup>3</sup> Proinfância: Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil – FNDE, instituído pela Resolução nº 006, de 24 de abril de 2007.

coordenadora e uma atuava na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Além disso, a equipe era composta por cinco funcionárias responsáveis pelo lactário, cozinha e serviços gerais, além de contar com o apoio de 40 estagiários. Com isso, a participação da escola na pesquisa foi formalizada mediante a assinatura do termo de autorização da instituição co-participante (Apêndice A).

Este projeto caracterizou-se por utilizar a metodologia da investigação-ação, a qual “[...] induce a las personas a teorizar acerca de sus prácticas, inquiriendo en las circunstancias, la acción y las consecuencias de ésta y comprendiendo las relaciones entre la circunstancia, las acciones y las consecuencias [...]” (Kemmis; Mctaggart, 1992, p.31). Uma de suas características é resolver os problemas por meio da ação, melhorando a prática e aperfeiçoando a forma de agir no contexto do grupo.

Segundo Kemmis e Mctaggart (1992, p. 9) o seu objetivo é “[...] mejorar la racionalidad y la justicia de sus prácticas sociales o educativas [...]”, além de tentar compreender a sua prática, as situações em que elas ocorrem e melhorar o que fazem. Nesse sentido, Elliot (1997, p. 17) nos diz que “[...] facilitar la comprensión, la reconstrucción individual y colectiva del conocimiento es, em su naturaliza, una empresa imprevisible por su próprio carácter creador”.

Por meio desta metodologia da investigação-ação, foi realizada uma formação com as professoras da escola, para identificarmos o problema principal das situações de conflito, planejar soluções, implementar melhorias, monitorar e avaliar os resultados das ações. “El conocimiento profesional de los docentes debe formarse en un complejo y prolongado proceso de conocimiento en la acción (saber hacer) y de reflexión en y sobre la acción (saber pensar, investigar)” (Elliot, 1997, p.17).

La vinculación de los términos acción e investigación pone de relieve el rasgo esencial del enfoque: el sometimiento a la prueba de la práctica de las ideas como medio de mejorar y lograr un aumento del conocimiento acerca de los planes de estudio, la enseñanza y el aprendizaje. El resultado es una mejora en aquello que ocurre en la clase y la escuela, y una articulación y justificación mejores de la argumentación educacional aplicada a aquello que sucede. La investigación-acción proporciona un medio para trabajar que vincula la teoría y la práctica en un todo único: ideas en acción (Kemmis; Mctaggart, 1992, p. 10).

A investigação-ação colaborou no sentido de se encontrar um meio que unisse a teoria e a prática, para que, de forma colaborativa, tivéssemos um conjunto de ideias

transformadas em ação. Para que isso ocorresse, a metodologia foi realizada em seu ciclo básico de funcionamento, desenvolvido em fases. “Lewin describió la investigación-acción como um processo de peldaños en espiral, cada uno de los cuales se compone de planificación, acción y evaluación del resultado de la acción” (Kemmis; Mctaggart, 1992, p. 12). Nesse sentido se “reconoce la necesidad de que los planes de acción sean flexibles y dúctiles” (Kemmis; Mctaggart, 1992, p. 13).

Diante desse argumento, percebe-se que, na prática, não é possível prever com exatidão o que poderá acontecer ou qual ação deve ser tomada em cada momento, pois tudo depende da situação vivenciada. A cada contexto apresentado, as ações podem ser ajustadas à medida que os envolvidos compartilham suas experiências educacionais e seus pontos de vista, pois “los hechos se interpretan como acciones y transacciones humanas, en vez de como procesos naturales sujetos a las leyes de la ciencia natural” (Elliot, 1997, p. 25).

#### **4.1 Fases da investigação-ação**

A investigação-ação é colaborativa e participativa, na qual todos os envolvidos no processo salientam suas preocupações frente à problemática, expondo suas frustrações, inquietações e percursos para melhor resolvê-las. No grupo, as opções adotadas são exploradas para que se atinja o objetivo principal, o qual diz respeito à resolução do problema, visando à melhoria da compreensão e da reflexão sobre a sua prática. Conforme Savater (1998):

[...] educar é crer na perfectibilidade humana, na capacidade inata de aprender e no desejo de saber que a alma, em que há coisas (símbolos, técnicas, valores, memórias, fatos...) que podem ser sabidas e que merecem sê-lo, em que nós, homens, podemos melhorar uns aos outros por meio do conhecimento (Savater, 1998, p. 24).

Nesta seção, ficou detalhado como ocorreu a formação através da roda de conversa, com base na investigação-ação, que foi realizada no 2º semestre de 2023. A metodologia adotada se direcionou única e exclusivamente à formação das professoras que também são pesquisadoras da sua própria prática pedagógica, pois “processar informações não é a mesma coisa que compreender significados (Savater,

1998, p. 41). Para tanto, é fundamental que elas compreendam o seu papel em suas salas de referência.

As professoras aceitaram participar do processo de formação mediante a assinatura do (TCLE) termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B), sobre a pesquisa e a importância da problemática. Assim, elas passaram a integrar o grupo de pesquisa no qual, desde o início, participando ativamente de todas as tomadas de decisões com ao todo, 15 docentes. Na tabela 1, as participantes foram identificadas por letras do alfabeto, acompanhadas das respectivas informações sobre sua formação acadêmica, tempo e área de atuação.

Tabela 1 – Formação Acadêmica, tempo e área de atuação das participantes

<b>Professora</b>	<b>Formação acadêmica</b>	<b>Tempo de atuação</b>	<b>Área de atuação</b>
A	Matemática/ Pedagogia	5 anos	Ensino Médio/ Educação Infantil
B	Pedagogia	10 anos	Educação Infantil
C	Pedagogia	20 anos	Educação Infantil
D	Pedagogia	7 anos	Educação Infantil
E	Pedagogia	7 anos	Educação Infantil
F	Educação do Campo	14 anos	Educação Infantil
G	Pedagogia	17 anos	Educação Infantil
H	Pedagogia	16 anos	Educação Infantil
I	Pedagogia	15 anos	Educação Infantil
J	Pedagogia	12 anos	Educação Infantil
K	Pedagogia	10 anos	Educação Infantil
L	Pedagogia	9 anos	Educação Infantil
M	Pedagogia/ Mestre	11 anos	Educação Infantil
N	Pedagogia	21 anos	Educação Infantil
O	Letras Espanhol	10 anos	Anos iniciais/ Educação Infantil

**Fonte:** Nájela P. M. Gonzalez – São Lourenço do Sul-RS/ julho 2023.

As formações oferecidas que vínhamos observando e participando há algum tempo, não demonstravam estar alinhadas às reais necessidades da escola, pois diversas delas abordavam temas ultrapassados, sem agregar conhecimento teórico relevante e, tampouco, dialogar com a realidade atual vivenciada nas salas de referência. Para Savater “[a] verdadeira educação consiste não só em ensinar a pensar como também em aprender a pensar sobre o que se pensa [...]” (1998, p. 42). Com relação à essa demanda:

Se assumirmos o postulado de que os professores são atores competentes, sujeitos ativos, devemos admitir que a prática deles não é somente um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas também um espaço de produção de saberes específicos oriundos dessa mesma prática. Noutras palavras, o trabalho dos professores de profissão deve ser considerado como um espaço prático específico de produção de transformação e de mobilização de saberes e, portanto, de teorias, de conhecimentos e de saber-fazer específicos ao ofício de professor (Tardif, 2008, p. 234).

Nesse enfoque, podemos observar a importância da formação de professores dentro das suas instituições de ensino, pois abordam as problemáticas do seu contexto, a partir da sala de aula e dos alunos, levando em consideração a realidade vivenciada no dia-a-dia, de forma a estar alinhada com o interesse desses profissionais.

Assim, eles estão sempre participam ativamente do processo de reelaboração de seus saberes, por meio da teoria e do conhecimento científico em suas práticas pedagógicas, bem como na tomada de suas próprias decisões com o objetivo de qualificar as ações empreendidas na resolução das problemáticas.

As formações se deram por meio de rodas de conversa que se configuram em um método de ação coletiva em torno da temática dos conflitos na Educação Infantil, na qual os sujeitos têm a oportunidade de se expressarem por meio diálogo, além de ouvir os outros. Segundo Warschauer (1993), uma característica da roda é:

Reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedece a uma mesma lógica. São, às vezes, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante (p.46).

Algumas modificações teóricas foram adotadas na metodologia desse processo de formação, pois não podíamos apenas nos reunir em um círculo, organização a qual Warschauer (1993), chama roda de conversa. De forma organizacional, as professoras formaram pequenos grupos para desenvolver um trabalho colaborativo, pois se compreendeu que a pesquisa seria mais enriquecedora no que diz respeito a pensar, ser, agir e promover ações para resolver as questões apresentadas.

Nesse aspecto, Soller (2016) nos afirma que se “as pessoas realizam as atividades em grupo, os membros se apoiam, estabelecem relações de não hierarquização, visando a atingir objetivos comuns”. Seguindo esse pensamento para que isso ocorresse espontaneamente:

Debemos comprender muy claramente qué estamos haciendo actualmente; debemos ser capaces de describir qué hacemos, debemos comprender en alguna medida el modo en que nuestras descripciones de aquello que hacemos está moldeado por la teoría (por teorías que toman en consideración aspectos particulares de aquello que hacemos y los señalan como importantes), y debemos saber de qué modo nuestro trabajo está moldeado y justificado por determinadas teorías educativas (Kemmis; McTaggart, 1992, p. 72).

Acreditava-se que, dessa forma, haveria uma maior interação entre as professoras envolvidas no processo, assim como uma participação mais ativa na tomada de decisões quanto às estratégias pedagógicas, resultando em benefícios construídos de forma coletiva. Dessa forma, “criam-se estratégias mais estruturadas para a resolução de problemas, a atividade precisa ser explicada e discutida com o grupo sendo necessário levar em consideração as diferentes opiniões dos sujeitos envolvidos” (Soller, 2016, p. 62).

Foram realizados seis encontros, com duração aproximada de duas horas. No total, participaram da pesquisa treze professoras que atuaram de forma a compreender e descrever o que estavam fazendo, levando em consideração aspectos particulares acerca das teorias educacionais.

Retomando o ciclo da investigação-ação, o qual se dá de maneira ordenada em fases que, ao serem concluídas, podem ser revisitadas e reestruturadas, servindo de base para outros projetos que venham a ser desenvolvidos posteriormente. De acordo com Kemmis e McTaggart:

Existe una complementariedad dinámica que vincula esos cuatro aspectos en un ciclo y, en último término, en una espiral de ciclos de naturaleza similar.

Para llevar a cabo la investigación-acción, un grupo u sus miembros emprendem:

- El desarrollo de un plan de acción críticamente informada para mejorar aquello que ya está ocurriendo;
- una actuación para poner el plan en práctica;
- la observación de los efectos de la acción críticamente informada en el contexto en que tiene lugar, y
- la reflexión en torno a esos efectos como base para una nueva planificación, una acción críticamente informada posterior, etcétera, a través de ciclos sucesivos (1992, p.15).

Portanto, estes aspectos serão melhor explicados na sequência, momento no qual será descrita a metodologia desta investigação.

## **4.2 Identificação da preocupação temática**

A “Identificação da preocupação temática” é a parte da investigação-ação que se refere ao problema em questão, o qual foi identificado e reconhecido pelo grupo de trabalho. Kemmis e McTaggart (1992) salientam que a sua identificação “debe intentar la formulación de la naturaleza problemática de una determinada preocupación educativa”. De acordo com estes autores, essa identificação “[...] introduce el grupo a los cuatro aspectos fundamentales de la investigación-acción” (Kemmis; McTaggart, 1992, p.15).

Esta parte da investigação-ação foi descrita na Introdução.

## **4.3 Plano de ação**

A “estrutura da formação” descreve como os encontros foram organizados, bem como as estratégias adotadas pelo grupo para refletir sobre a problemática investigada. A busca por soluções envolveu diferentes alternativas, baseadas na colaboração e participação ativa das professoras durante as formações. Essas ações mostraram-se significativas, promovendo algumas mudanças significativas no contexto atual. Nesse sentido, “[...] o agir de todos os partícipes é com vistas a refletir sobre o que fazem, por que fazem, de que forma fazem e para quem fazem, num entrelaçamento de todos esses aspectos” (Costas, 1996, p. 29).

Os encontros foram realizados por meio de rodas de conversa colaborativas, conforme mencionado anteriormente nas “fases da investigação-ação”. Para melhor organização, eles foram divididos em momentos específicos e seguiram um roteiro

pré-estabelecido. Assim, cada um deles foi gravado e as falas transcritas posteriormente, a fim de ampliar a coleta de dados.

No primeiro momento, a pesquisadora fez uma explanação sobre os fundamentos teóricos relacionados à temática. Ao todo, foram utilizados cinco materiais de apoio, entre textos, artigos e capítulos de livros. Na Tabela 2, são apresentados os textos utilizados, identificados por título, autores, ano de publicação/páginas e descrição teórica.

Tabela 2 – Título, autores, ano de publicação/ páginas e descrição teórica

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano de publicação/ páginas</b>	<b>Descrição teórica</b>
A resolução de conflitos na escola sob a perspectiva da psicomotricidade relacional	SELAU, Bento; FURINI, Anselmo Barce; PINHEIRO, Silvia Siqueira	2010 119 - 135	Conceitos de agressividade
A formação docente e a agressividade infantil	OLIVEIRA, Maria Saúde da Silva; COSTA, Adriana Deodato	2021 6 - 20	Formação docente
A agressividade na concepção de winnicott e suas implicações para a Educação Infantil	LUZ, Iza Rodrigues da	2008 109 - 137	Agressividade na Educação Infantil
Agressividade na educação infantil	SOUZA, Nathalia Mendes Gudim de	2019 420 - 428	Desafio para os professores
O que dizem professores da pré-escola sobre agressividade entre crianças	SOUZA, Carolina Duarte; VIEIRA, Mauro Luis; CREPALDI, Maria Aparecida	2015 46 - 56	Agressividade entre pares de crianças

**Fonte:** Nájela P. M. Gonzalez – Pesquisas realizadas para o projeto de setembro 2022 a julho 2023.

O segundo momento foi marcado pelas discussões reflexivas sobre a teoria e a prática pedagógica. Já no terceiro momento foram realizados alguns questionamentos: “Como esta teoria pode colaborar com a sua prática?”; “Pode auxiliar na resolução dos conflitos?”; “Qual ação poderia ser realizada para resolver as situações de conflitos?” No quarto e último momento, as professoras-investigadoras escreveram de forma reflexiva sobre os questionamentos realizados no momento anterior.

O primeiro encontro foi realizado com todo o grupo de professoras para repassar as estratégias adotadas para a realização da investigação, e também para marcarmos as datas dos próximos encontros, sempre buscando respeitar a sequência de momentos.

Já nos outros três encontros, foram formados grupos por faixa etária, para que assim pudéssemos identificar os conflitos existentes e possíveis soluções para cada etário. A partir dessa oportunidade, as professoras começaram a refletir sobre a teoria e possíveis ações em sua prática pedagógica na sala de referência.

O quinto encontro seguiu a mesma constante dos momentos, mas envolveram todas as professoras. Nessa perspectiva, foram formados grupos diferentes daqueles por faixa etária. As investigadoras se agruparam em dois grupos da seguinte forma: Grupo 1 - berçário 1, maternal 1, maternal 2, jardim A e B; Grupo 2 – Berçário 2, maternal 1, maternal 2, jardim A e B. Sendo assim, cada docente pôde colaborar com as discussões acerca da temática, porém em diferentes faixas etárias.

Ao final do último encontro, ao realizar a investigação-ação os diálogos das professoras, assim como as observações referentes aos fatos transcorridos, buscaram diferentes alternativas levando em consideração a sequência das ações, a fim de que as situações de agressividade se extinguissem ou, ao menos, diminuísse diante das fases e atividades que foram realizadas.

Nessa ocasião, foram repensadas ideias e estratégias para lidar com as situações de conflito nas salas de referência. Para tanto, foi elaborado um mapa conceitual em grupo que trouxe possibilidades significativas de ações para lidar com os indicadores de agressividade.

Novak e Canãs (2010) nos dizem que “mapas conceituais são ferramentas gráficas para a organização e representação do conhecimento”. Dessa maneira, é possível compreender e observar quais conhecimentos estávamos construindo com

relação às ações que foram sendo empregadas, por meio de ligação cruzadas durante a formação. Nesse sentido:

As ligações cruzadas nos auxiliam a ver como um conceito em um domínio de conhecimento representado no mapa se relaciona a um conceito em outro domínio ali mostrado. Na elaboração de conhecimento novo, as ligações cruzadas muitas vezes representam saltos criativos por parte do produtor de conhecimento. (Novak; Canãs, 2010, p. 10).

Por meio da construção do mapa conceitual, conseguimos esclarecer dúvidas, estruturar e dar sentido aos conceitos trazidos pelos textos que serviram de base na formação. Assim tivemos a capacidade de buscar outras ligações direcionadas aos conceitos em consonância com a atuação prática.

#### **4.4 Atuação prática**

Por meio da investigação-ação, também se buscava a possibilidade de realizar ajustes sempre que necessário, uma vez que essa metodologia permite a flexibilidade e a colaboração ativa dos participantes. Após a conclusão das fases do ciclo, elas podem ser retomadas e aplicadas em novos projetos, a partir de uma nova problemática que se dá pelo olhar atento e reflexivo dos docentes. Isso possibilita um processo contínuo de reflexão sobre a prática pedagógica, bem como sobre os conhecimentos, habilidades e ações que podem ser implementadas por meio da investigação-ação.

Nesta etapa, em conjunto com todas as participantes da pesquisa, foram definidas as possíveis ações práticas que surgiram ao longo das formações, enriquecidas pelos conhecimentos teóricos adquiridos por meio dos textos estudados e das discussões realizadas sobre a temática. Assim, as professoras puderam orientar sua prática pedagógica, promovendo a articulação entre teoria e atuação na sala de referência.

## 4.5 Coleta de dados

Alguns instrumentos se qualificaram para que pudesse realizar o levantamento dos dados e então dar prosseguimento a pesquisa.

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (Gerhaldt; Silveira, 2009, p. 32).

Assim, os instrumentos colaboraram com a temática, ao dar um direcionamento para envolver todo o grupo de professoras da comunidade escolar em detrimento de possíveis resoluções, no que diz respeito aos conflitos existentes no âmbito escolar.

Eusébio (2018), ao investigar as ações de professoras, diante de manifestações de agressividade de crianças de quatro e cinco anos de uma Unidade Municipal de Educação Infantil em Belo Horizonte, utilizou como instrumentos de coleta de dados a observação participante e a entrevista.

Assim, foram observadas três professoras de duas turmas da Educação Infantil com idades entre quatro e cinco anos. A intenção era observar a convivência dos alunos menores com seus pares e professoras, pois entendia-se que as crianças nessa faixa etária já compreendiam o uso de regras na sala de referência.

Optou por incluir a realização de entrevistas com as participantes da pesquisa, assim como, com a coordenadora e vice-diretora. Dessa forma, Eusébio (2018) buscou contemplar “os diversos olhares sobre o fenômeno da agressividade e das relações que ali se estabeleceram para certificação de não se restringir apenas à visão e concepção da pesquisadora sobre as ações observadas.” (Eusébio, 2018, p. 17).

Luz (2005), em sua tese de doutorado, teve como objetivo investigar a agressividade na primeira infância, a partir das relações estabelecidas pelas crianças no ambiente familiar e na Instituição de Educação Infantil. Para tanto, também optou por instrumentos de pesquisa como a observação e entrevista.

Além disso, a autora também relata que na primeira, “a responsabilidade e seu sucesso pesam quase inteiramente sobre os ombros do observador salvo,

obviamente, naqueles aspectos que são fontes de vieses e que emanam do exterior, ou seja, da própria situação da observação...” (Luz, 2005, p. 48). De acordo com ela:

[...] a entrevista, se mostra como um momento especial de construção de conhecimento tanto por parte do pesquisador como do entrevistado. O fato de discorrer sobre determinado assunto pode levar o sujeito a esclarecer, repensar, desconsiderar e/ ou reformular suas ideias. Desse modo, o momento da entrevista pode ser usado não só para entender como o sujeito agiu ou pensou, mas fornece também pistas de como está elaborando novas ideias a partir do que está sendo falado (Luz, 2005, p. 50).

Ao ler alguns estudos sobre a temática da minha pesquisa, compreendemos que estes instrumentos, tanto a observação quanto a entrevista, colaborariam na abordagem qualitativa da metodologia, pois uma complementava a outra, permitindo que questionamentos oriundos da observação, pudessem ser esclarecidos por meio da entrevista. Além disso, a análise documental também foi utilizada partindo das questões reflexivas já mencionadas no plano de ação, pois:

A qualidade e a validade de uma pesquisa resultam, por sua vez, em boa parte, das precauções de ordem críticas tomadas pelo pesquisador. De modo mais geral, é a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções, que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise (Cellard, 2008, p. 305).

Investigar o trabalho desenvolvido pelos professores que culminam por analisar a sua própria prática, é uma pesquisa que traz muitos significados no campo da educação. Neste processo, sobressai-se um grande potencial de conhecimento que produz a transformação social dos sujeitos, os quais têm a possibilidade de modificar o seu próprio contexto e o de outros contribuindo para a sua prática pedagógica.

Para realizar a presente pesquisa da investigação-ação foi elaborada a entrevista semiestruturada que disponibilizaremos a seguir e também no (Apêndice C). A entrevista aplicada às docentes participantes da pesquisa era composta de oito questões, que objetivavam compreender os conflitos existentes na Educação Infantil, quais as concepções das professoras acerca destes e o seu entendimento teórico ao intervir para resolvê-los.

Nesse sentido, as entrevistas foram realizadas após as formações, com a intenção de obter e agregar mais dados significativos a pesquisa. As questões são: 1. O que consideras ou compreende sobre conflitos na Educação Infantil? 2. Qual o teu posicionamento diante de crianças que se mostram agressivas no ambiente

escolar? 3. Quais as tuas estratégias e atitudes diante de situações de conflitos das crianças na sala de referência? 4.

Dando sequência às questões, também temos: Que comportamentos indicam que uma criança é agressiva? 5. Como as crianças reagem ao serem chamadas a atenção para eventos conflitantes? 6. A que atribuis o comportamento agressivo das crianças? 7. Como as crianças lidam e resolvem as situações de conflitos entre elas? 8. Costumas usar de teoria em sua prática pedagógica para lidar com as situações de agressividade?

#### **4.6 Tratamento dos dados coletados**

O tratamento dos dados coletados foi realizado por meio da análise textual discursiva, proposta por Moraes (2003), a qual segue um ciclo constituído de produções textuais com três elementos, sendo eles: a unitarização, a categorização e a comunicação. A primeira é realizada através da análise dos materiais coletados e a fragmentação dos textos; enquanto a categorização estabelece relações entre os elementos analisados. Já a comunicação é a captação de algo emergente, novo, havendo a compreensão do que foi analisado e assim poderá ser comunicado.

Assim, ao analisar os dados, é necessário atribuir um sentido que esteja alinhado ao propósito da pesquisa, o que possibilita a identificação de categorias emergentes. “É preciso salientar que este processo de análise, iniciado com a unitarização dos textos, é um processo exigente e trabalhoso. Somente se assim considerado, possibilita atingir o rigor e a qualidade que se esperam de uma análise qualitativa “(Moraes, 2003, p. 196).

## 5 DISCUSSÃO DOS DADOS E ANÁLISE INTERPRETATIVA

Neste capítulo, apresentam-se análise e as discussões que foram organizadas em categorias com relação aos dados coletados. O metatexto que se apresentará em cada categoria foi desenvolvido a partir da análise textual discursiva para melhor compreender cada etapa desse processo.

Dessa maneira, construíram-se categorias emergentes com base nos dados coletados, em consonância com o objetivo da pesquisa e nos conhecimentos da pesquisadora. Durante as formações, as discussões voltaram-se para os relatos dos conflitos existentes nas salas de referência, das estratégias que as professoras utilizavam para resolvê-los, mas sempre com base nas experiências construídas ao longo de suas trajetórias.

A partir da análise surgiu a primeira categoria denominada “Situações que interferem no comportamento das crianças e podem gerar conflitos na Educação Infantil”. Esta foi produzida a partir das entrevistas e observações, aproximando-se à uma leitura imediata, pois no copo do metatexto foram incluídas falas literais das participantes da pesquisa, sendo então necessário interpretá-las para melhor fundamentá-las. Dessa forma, Moraes indica que:

[...] interpretar é construir novos sentidos e compreensões afastando-se do imediato e exercitando uma abstração em relação às formas mais imediatas de leitura de significados de um conjunto de textos. Interpretar é um exercício de construir e de expressar uma compreensão mais aprofundada, indo além da expressão de construções obtidas dos textos e de um exercício meramente descritivo (Moraes, 2003, p. 204).

Após a descrição da primeira da categoria se apresentam mais duas categorias emergentes: “Discussões teóricas e ações direcionadas a resolução de conflitos na Educação Infantil” e “A resolução de conflitos por meio do princípio formativo”. Essas também trazem a análise dos dados coletados na formação e a interpretação das falas que incluem referencial teórico.

A partir desse momento, passa-se a apresentar as discussões e análise interpretativa dos dados coletados.

## 5.1 SITUAÇÕES QUE INTERFEREM NO COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS E PODEM GERAR CONFLITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As situações de conflitos ocorrem nos momentos de interação das crianças por meio do ato de brincar. Diante das situações observadas pelas professoras, existem problemas familiares, interferências externas entre outras questões que possivelmente demonstram servir de estímulo gerando atitudes ou comportamentos conflitantes.

Nesse sentido, as subcategorias a seguir expõem o pensamento de professoras da Educação Infantil sobre os conflitos existentes na sala de referência, em sua maioria, com base em suas experiências, antes de iniciar o processo de formação por meio da investigação-ação. Assim, as entrevistas e observações realizadas mostraram que diversas relações e demais experiências interferem no comportamento das crianças ocasionando situações conflitantes.

### **Interação das crianças**

As professoras percebem como as crianças tratam umas às outras nos momentos de interação, principalmente “na hora do brinquedo livre” (Prof<sup>a</sup>. A, Entrevista 1). Quando estão nos momentos livres de brincadeiras, ocorrem disputas por brinquedos e também por “pertences pessoais” (Prof<sup>a</sup>.D, Entrevista 4).

Conforme a professora E: “É na Educação Infantil que acontecem as primeiras interações sociais, além da família, nas relações que surgem os conflitos entre as crianças, conflitos naturais e necessários para o aprendizado da convivência”. (Prof<sup>a</sup>. E, Entrevista 5). Assim, a professora salienta que os conflitos são positivos e saudáveis, pois fazem parte do ser humano para o convívio em sociedade.

Ao interagir, as crianças aprendem diferentes formas de socialização. Para este processo social, o desenvolvimento infantil é fundamental, pois a interação com seus pares internaliza significados do mundo a seu redor. Neste contexto que diz respeito às relações ocorridas na escola, Kramer (2009, p. 151) afirma que:

Quando interage com o meio, a criança entra em contato com uma série de histórias, ideologias, culturas e seus significados. Nesse movimento de interação e de atribuição de sentidos, ela internaliza conceitos e preconceitos que constituem a sua consciência. O desenvolvimento acontece no contexto

social e se expressa nas interações vivenciadas com outras crianças e com adultos, quando a experiência vai se tornando individual [...]. As interações são a vivência das práticas sociais, a arena onde as crianças internalizam os signos sociais: regras, normas, valores, formas e condições de ser e estar no mundo. Nas interações elas aprendem as formas de ser e estar na escola, com todas as singularidades que permeiam essas instituições. Tais signos e a maneira como eles são valorados socialmente e pelo grupo familiar da criança mostram-se fundamentais no processo de desenvolvimento. (Kramer, 2009, p. 151)

As crianças na Educação Infantil participam de diversas propostas durante o momento em que estão presentes no ambiente escolar, mas a professora E relatou que “houve no início do ano algumas dificuldades na divisão de materiais e brinquedos, mas isso com o tempo foi sanado e aos poucos, a assimilação de regras foi sendo fortalecida”. (Profª. E, Observação 3).

A professora B salienta que a quantidade de crianças presentes nas salas de referência por vezes traz dificuldade ao desenvolver determinadas atividades. Além disso, ela completa que “há 19 crianças na turma, são bem agitadas, mas adoram novos conhecimentos e são bem participativos. Qualquer atividade que envolve se sujar eles estão dentro, são crianças afetuosas e criativas”. (Profª. B, Observação 3).

As atividades desenvolvidas promovem interações essenciais ao convívio social, “sempre incentivamos e acompanhamos as crianças a vencer os desafios referente ao desenvolvimento psicomotor”. (Profª. B, Observação 3).

Com isso, as crianças são capazes de se apropriar de diversos saberes por meio das suas interações, não se limitando apenas aos momentos escolarizados. O seu desenvolvimento ocorre através das relações que estabelecem com o meio, incluindo os seus pares, adultos e demais pessoas, bem como os diferentes espaços e pessoas no âmbito da convivência. Dessa forma:

Entendemos os conflitos como manifestações intrínsecas às relações humanas, sendo naturais e inevitáveis em nossas interações. Isso faz cair por terra a atribuição pejorativa concedida a esses fenômenos, pois reiterando, uma resposta saudável a um conflito, pode contribuir positivamente para as relações interpessoais, garantindo o desenvolvimento e aumento da empatia, da criatividade para solucionar problemas (Santos; Gomes; Costas; Cordeiro; Selau, 2025, p. 3).

Apesar de as crianças estarem envolvidas em suas interações, brincando ou realizando alguma atividade, a professora observa que algo desencadeia os conflitos, pois cada uma tem uma bagagem cultural diferenciada. (Profª. A, Observação 3). Em alguns casos, o desencadeamento dos conflitos ocorre por “coisas muito bobas, ele

está brincando ali, correndo por exemplo, se ele cair, ele se enredou ali sozinho, aquilo já é motivo pra ele ir avançando e estourar”. (Profª. L, Observação 4).

Já a professora F relata que, durante as interações por meio do ato de brincar, ocorrem pequenos conflitos que derivam de desentendimentos momentâneos entre as crianças. (Profª. F, Entrevista 6). Chiaparini, Silva e Leme (2018, p. 604) afirmam que:

Outra forma de explicar as reações das crianças aos conflitos focaliza os processos mentais despertados pela situação de oposição que caracteriza este tipo de ocorrência, como por exemplo, o afeto despertado, a interpretação da situação, da intenção do autor da ofensa, reações possíveis etc. (2018, p. 604).

As escolas de Educação Infantil seguem horários que definem a sua organização, ou seja, estes estabelecimentos não se constituem em um mundo à parte. Embora não trabalhem com pautas rígidas, não significa que se está em um ambiente desorganizado, salienta a Profª.I (Observação 2), por meio da qual a rotina que se apresenta na Educação Infantil exige cumprimento de horários para melhor organização da escola como um todo. Para a participante:

A gente pode até ter um tratamento diferenciado de acordo com o sentimento, com cada um. Mas na função da rotina e no todo, no pedagógico, infelizmente a gente tem que fazer tudo igual. Tanto é que, as propostas são iguais. Mas como cada um vai responder aquilo ali é diferente (Profª. I, Observação 2).

Os relatos das professoras mostram que os conflitos na Educação Infantil surgem em decorrência do cumprimento da rotina, pois “são todos os entraves que impedem que os objetivos educacionais sejam alcançados seja comportamental, físico ou estrutural”. (Profª. L. Entrevista 11). Afinal, ela funciona como uma metodologia de organização das atividades pedagógicas na Educação Infantil, uma vez que incluem os horários, as ações, o trabalho desenvolvido, como se emprega o tempo, entre outras questões diárias.

De acordo com Barbosa (2000, p. 40), “a importância das rotinas na educação infantil provém da possibilidade de construir uma visão das mesmas como concretização paradigmática de uma concepção de educação e de cuidado”. Sendo assim, na Educação Infantil essa prática educativa está sempre presente como uma rotina de trabalho, isto é, uma forma de organização acerca do funcionamento das escolas, descrevendo o que se deve fazer e os momentos adequados para tal.

## Conflitos na Educação Infantil

Há uma compreensão de que ao lidar com as situações de conflitos entre as crianças devemos utilizar a afetividade para melhor lidar com esse problema. Assim, a professora L acredita que as crianças “estão pedindo ajuda, pois por trás da agressividade existem motivos reais que a levaram a agir daquela forma”. (Profª. L, Entrevista 11).

Os conflitos ocorrem principalmente durante as brincadeiras e interações sociais. Para a professora M, “são considerados conflitos os desentendimentos que ocorrem entre as crianças em relação à defesa de cada ponto de vista quando estas estão envolvidas em suas atividades rotineiras”. (Profª. M, Entrevista 12).

Dessa maneira, Chiaparini, Silva e Leme (2018, p. 605) declaram que, “a escola, por sua vez, também é importante instituição de socialização da criança, principalmente pela sua concepção de conflitos, porque esta determina como será tratado esse tipo de ocorrência.” Por esse motivo, a gestão de conflitos depende de como ela estabelece suas regras para evitar ocorrências e de como intervirá quando estas ocorrerem, buscando uma solução mais satisfatória.

Segundo a professora C, os conflitos fazem parte do ser humano. Ela também os considera como: “os desentendimentos entre duas pessoas ou mais e também existem os conflitos internos, que acontecem muito com as pessoas.” Então precisamos aprender a lidar com essas situações como se fossem naturais, atendendo as crianças na medida em que buscamos compreender cada situação sem pré-julgamentos. (Profª. C, Observação 1). Já para a professora G o conflito é “um enfrentamento, um desafio.” (Profª. G, Observação 1).

Os conflitos podem ser gerados por várias determinações, entre elas: de interesses, étnicos, internos, externos, sociais, entre outros. (Profª. I, Observação 1). A professora J ressalta que este é uma situação de problema, divergência, dificuldade de expressar e até aceitar. Conflito pode ser com o outro, ter ideias diferentes, etc, ou com o próprio sujeito, criança no nosso caso tem situações conflitantes, problemas que não compreende, situações internas que podem causar momentos difíceis com outros. (Profª. J, Observação 1). Logo, a professora L traz um outro posicionamento sobre o seu entendimento dos conflitos:

Entendo conflitos como o enfrentamento de opiniões, posicionamentos, diferenças entre valores, crenças, objetivos, onde duas ou mais pessoas diferem seus posicionamentos acreditando serem o mais assertivo, correto, e que seu opositor está incorreto. Portanto o conflito faz parte das vivências pessoais, profissionais dos indivíduos, pois vivemos em grupos, em uma sociedade que diretamente ou indiferentemente acaba por instigar este confrontamento de ideias, opiniões, interesses, que geram conflitos. (Prof<sup>a</sup>. L, Observação 1).

Com a pauta de encontrar uma definição para os conflitos, a professora M os resume como “um ato de divergência entre duas ou mais partes.” (Prof<sup>a</sup>. M, Observação 1). No entanto, a professora H observa que, enquanto seres humanos cometemos erros, pois todos têm o direito de errar, e pensar que “são só crianças, a gente erra a todo momento, criança vai errar também, e tá tudo bem se a gente errar. Eu não me permito errar, mas tento fazer com que eles vejam que aquilo não pode fazer.” Temos que sempre mostrar para as crianças a forma correta, o porquê das regras, para que mesmo que se cometa o erro saibamos como gerir e resolver as situações que vão surgindo. (Prof<sup>a</sup>. H, Observação 2). A professora em questão ressalta que:

Nós temos uma meta, o diálogo é sempre um fator importantíssimo em todas as situações. Já conversei com as estagiárias, que a gente tem que colocar limites para a gente, limites também para as famílias, porque tudo gera conflito, qualquer discussão, qualquer questionamento. (Prof<sup>a</sup>. H, Observação 2).

É importante observar e refletir sobre estratégias para lidar com os conflitos à medida que surgem, buscando mostrar à criança a importância do diálogo na resolução dessas situações. Manter uma comunicação constante com os pais, como forma de compreender melhor os contextos e intervir de maneira adequada. Nesse sentido, a professora B relata uma situação a partir de um conflito em sua sala:

Um menino não queria participar das atividades de competição, sabe? O menino começava a chorar, não queria participar, conversei com o pai e a mãe e eles iam conversar em casa, porque ele tem que aprender a ganhar e perder né? Em casa está acostumado, os pais não o deixam ganhar muito, para ele aprender, agora ele está superbem. (Prof<sup>a</sup>. B, Observação 3).

O que observamos enquanto professoras é que a grande maioria das crianças “tem mais oportunidade de falar, e de serem ouvidas aqui, no espaço que a gente dá para eles.” (Prof<sup>a</sup>.E, Observação 3). Os contextos familiares são diferentes, tem suas rotinas, “em casa, na loucurada, né? Não dão atenção mesmo.” (Prof<sup>a</sup> E, Observação 3). A professora diz que à escola cabe todos os tipos de demandas, inclusive em se

tratando de indivíduos que não se encaixam na sociedade. “Quem é agressivo, quem promove o conflito, aquela coisa não cabe para a sociedade, e aí cabe a quem, de certa forma à escola, no nosso caso, mandam todos para cá”. (Prof. I, Observação 3).

Dessa forma:

Verifica-se, assim, que é preciso desmistificar a ideia de negatividade apresentada nos conflitos escolares e buscar entender o contexto em que eles ocorrem, em que situação a criança se encontra, para poder repensar as práticas pedagógicas e encarar os conflitos de forma mais natural e menos traumatizante para professores e alunos. Verifica-se assim que a concepção de conflito é fundamental para que possam ser geridos de maneira a contribuir positivamente para o desenvolvimento da criança. (Chiaparini; Silva; Leme, 2018, p. 605).

No momento do diálogo, é fundamental exercitar a escuta atenta para compreender melhor cada situação. “Por ventura, se a mesma coisa continuasse, e eu insistisse, ia gerar um conflito, porque a criança iria se desorganizar e não iria fazer.” (Profª. L, Observação 4).

Cada criança é diferente e responde aos estímulos ou as situações de uma forma única, alguns choram, outros gritam, tem as que se isolam, mas precisamos compreender cada situação, observar o contexto e fazer as intervenções de maneira positiva. “Cada um é um, e a base de tudo é o carinho, é o afeto. Cada um tu vais acessar de uma forma.” (Profª. L, Observação 4).

Por isso, o olhar atento em cada momento é essencial, “tu evitas problemas, tu evitas uma série de funções.” (Profª. L, Observação 4). Muitas vezes, nos vemos diante de conflitos que já vem de casa, sendo uma carga para as crianças, e uma delas “é a comparação, ela vem de casa, vem da gente, vem de tudo, e o como lidar em sala é a parte mais difícil.” (Profª. J, Observação 5).

### **Atitudes Conflitantes das Crianças na sala de Referência**

Em muitos espaços onde há interação entre as crianças se consideram os comportamentos agressivos como algo ruim, passível de alguma forma de repreensão. Nesse sentido, a agressividade é algo natural, pois faz parte da nossa construção enquanto seres humanos.

Segundo Luz (2008, p.131) “é algo de difícil entendimento, uma vez que se confronta com muitos dos ideais educativos predominantes em nossa sociedade”.

Além disso: “Os conflitos na Educação Infantil em sua maioria são derivados de algo externo ou interno, sendo ocasionados por disputa de brinquedos, de afeto, de ou para chamar a atenção para alguém ou algo.” (Profª. I, Observação 1).

Tenho um encantamento pelo Maternal 1. Porque muita coisa acontece nessa faixa etária, eles vão se desenvolvendo, a função da autonomia, e tudo é notável, até mesmo os conflitos da própria faixa etária e como são resolvidos, eles são pequenininhos, estão aprendendo, e como professoras precisamos saber agir diante das situações. (Profª O, Observação 2).

No início do ano as professoras se mostram receosas diante das turmas que irão assumir e uma delas afirmou que: “eu estava muito apavorada, eles eram muito pequenininhos, hoje eu vejo que não. Para o ano que vem, eu acho que eles vão se desenvolver muito bem, estou muito contente.” (Profª. H, Observação 6). O diálogo é a base de tudo para resolver determinados problemas que envolvem as crianças, mas “tem algumas famílias que são difíceis de lidar, mas tem outras que são legais.” (Profª. H, Observação 6).

As conversas são diárias e ocorrem em todos os momentos, pois fazem parte da rotina da Educação Infantil em que a rodinha é o momento no qual todos podem expor os seus sentimentos, os seus pontos de vistas e opinar sobre cada situação. “Nós sempre batemos de frente, mas se a criança não gostasse de mim, da nossa relação, ela não demonstraria esse afeto, esse carinho.” (Profª. I, Observação 6).

“Eu acredito que as crianças precisam de limites, e tem a necessidade de que os adultos hajam de certas maneiras, por exemplo impondo esses limites.” (Profª. I, Observação 6). Existem crianças que se sentem mais acolhidas, mesmo havendo certos limites, pois tem o carinho envolvido, o cuidado, a afetividade, “porque ela quer atenção o tempo inteiro.” (Prof. I, Observação 6).

### **Tipos de conflitos**

Existem diferentes tipos de conflitos além dos atos físicos que envolvem os conflitos desencadeados por fatores externos. Há “muitos têm conflitos internos” (Profª. C, Entrevista 3), que são um misto de sentimentos internalizados, pois as crianças não sabem expressar verbalmente o que estão sentindo.

Quando uma criança bate em outra, dentro do grupo existem crianças que implicam verbalmente com os outros ou até mesmo quando uma criança bate. Crianças que mordem ou batem em outras, empurrões ou puxões de cabelos, crianças que quebram objetos, que se irritam com facilidade. (Profª. B, Entrevista 2).

A professora C diz:

No meu ponto de vista, os comportamentos que indicam que uma criança é agressiva são: os gritos, birras, agressões físicas também como mordidas, beliscões, tapas, empurrões, socos e também o que falei primeiro os gritos e as birras que é uma forma de agredir o outro. (Profª. C, Entrevista 3).

Situações de brigas, frustrações, disputa, faltas de controle emocional, reações impulsivas e até mesmo agressões físicas, bem como uso de palavras de cunho agressivo, movimentos involuntários como tapas, empurrões, chutes, cuspes e a não aceitação do pedido de desculpas para a pessoa atingida. Esses e outros são os relatos das professoras que incluem os diferentes tipos de conflitos físicos e verbais, “bater, empurrar” (Profª. D, Entrevista 4). “Empurrar, tirar brinquedos, morder, entre outras atitudes que vemos nessa faixa etária.” (Profª. M, Entrevista 12). A professora B relata o que acontece na sua turma:

Os conflitos que existem na sala são em função de disputa por brinquedos, ou até mesmo disputa por amizade, tem algumas crianças que tem ciúmes de outras brincando, eles já começam a ter grupinhos de amigos, e sempre um acaba sobrando nesses grupinhos, ocasionando alguns conflitos, mas nada muito assim de brigas, uma chama a outra de feia, essa coisa toda, não é mais minha miga, mas não são conflitos de brigas sabe, é só esses conflitinhos assim, tranquilos. (Profª. B, Observação 1).

A disputa por determinados brinquedos também sempre gera conflitos na sala, que “pode ser causado em várias situações, como em dizer um não para a criança, dizer para guardar os brinquedos, tirar o desenho preferido, colocar para dormir quando estiver cansado, mas o maior conflito é a disputa por brinquedos.” (Profª. F, Observação 1). “Ou porque eles veem em casa, tem problemas em casa, os pais não entendem, brigam e coisas assim, aí eles já vêm com aquela cultura de casa e acaba refletindo na escola.” (Profª. D, Observação 1).

E às vezes são coisas simples, disputa por brinquedo, essas coisas assim. As Pessoas pensam diferente, sei lá às vezes não concordam, e essas discordâncias geram conflitos, descontentamento, se falando de pessoas adultas. E pensamentos diferentes, cada um quer que a sua ideia seja a

verdadeira. E às vezes são coisas simples, disputa por brinquedos, essas coisas assim. (Profª. D, Observação 1).

Os conflitos internos são os mais difíceis de lidar, pois a criança não sabe se expressar, muito menos verbalizar o que está sentindo, afinal “estão preocupadas, tristes e demonstram através de conflitos físicos que estão passando por algo. Inúmeras situações podem desencadear birras e choros nas crianças.” (Profª. F, Observação 1). Eles são desencadeados “geram agressões verbais como palavrões, ou físicas, como mordidas, beliscões, tapas, empurrões, entre outras situações que são vivenciadas em suas interações sociais.” (Profª. I, Observação 1).

“O conflito é pedagógico, são situações onde as crianças expressam as emoções e como seres humanos temos todo tipo de sentimento. Brigas, choro e principalmente as mordidas, são recursos que os pequenos usam para se expressar.” (Profª. H, Observação 1). O confronto entre eles se dá para constatar o que ocorreu e, em alguns casos também gera agressividade porque “ela grita, chuta, joga as coisas, tira os tênis dos pés e joga.” (Profª. I, Observação 6).

### **Os conflitos diante de problemas familiares**

De acordo com o relato das professoras, os conflitos que ocorrem na escola se dão a partir de problemas vindos do ambiente familiar e “são vários”. (Prof. A, Entrevista 1). A maioria das docentes também atribuem que aqueles que surgem na escola têm relação com problemas familiares vivenciados pelas crianças. Assim descrevem que as crianças ficam agressivas por “ver conflitos em casa” (Profª. A, Entrevista 1).

A outra afirma que “mudanças dentro da família como separação dos pais, bebês novos, perda de algum bichinho, e também algum transtorno psiquiátrico, falta de atenção” (Profª. B, Entrevista 2), são fatores que contribuem para gerar comportamentos afetivos emocionais nas crianças, os quais geram conflitos em sala de aula. Nessa relação:

Os conflitos na educação envolvem várias questões como por exemplo, problemas pessoais das famílias, onde os alunos acabam fazendo parte desses problemas, e muitas vezes interferem no desenvolvimento dos alunos em sala de aula. Algumas famílias não conseguem educar seus filhos, como falta de convivência com os filhos, muitas vezes deixando na casa dos avós,

ou cuidadores, dificultando uma melhor educação para os pequenos. (Prof<sup>a</sup>. G, Entrevista 7).

Seguindo essas discussões, os conflitos que são observados na escola pela Professora J, “o principal fator é a questão dos conflitos familiares, acho que a falta de estrutura familiar, ou o ambiente tumultuado, são os principais motivos” (Prof<sup>a</sup>. J, Entrevista 9). A Professora L e a Professora M também concordam com o argumento e os fatores apresentados pela professora, pois: “acredito que na sua maioria os comportamentos agressivos das crianças são oriundos de meios familiares desestruturados, de carência” (Prof<sup>a</sup>. L, Entrevista 11), “acredito que seja do comportamento familiar” (Prof<sup>a</sup>. M, Entrevista 12).

As professoras relatam que no diálogo que se tem com os pais, percebe-se que existem alguns casos de falta de atenção dos mesmos as necessidades das crianças, como de passarem mais tempo juntos e ter um olhar e uma escuta atenta. Se isso não ocorre, alguns conflitos surgem para chamar a atenção, quando retornam para a escola “começa essas coisas das mordidas” (Prof<sup>a</sup>. E, Observação 2). Entre essas demandas também surge “a função de algumas crianças com algum transtorno, então a criança pode ser agressiva devido as condições do transtorno” (Prof<sup>a</sup>. C, Entrevista 3). Chiaparini, Silva e Leme (2018, p. 608) relatam que:

Um aspecto importante a ser destacado na resolução dos conflitos é que a solução não pode estar baseada nas consequências dos problemas, mas sim nas causas que permitiram que ele acontecesse, pois a eficácia da resolução de um conflito está em eliminar ou diminuir o que o ensejou. (Chiaparini; Silva; Leme, 2018, p. 608).

Encontramos situações que são difíceis de lidar, pois a família precisa se fazer presente e, com isso, necessitamos desse aporte para poder observar melhor o que pode estar acontecendo em determinado momento ou se é para “chamar a atenção pra ela, é uma criança difícil de entender, de compreender” (Prof<sup>a</sup>. B, Observação 3). Também “entra muito o pensamento das famílias, para elas não tem a parte pedagógica, só existe o cuidar, que é a função da creche” (Prof<sup>a</sup>. I, Observação 2).

Em decorrência de casos específicos a Professora A relata o seguinte: “converso com os casos mais graves, sem se meter muito na intimidade da família e tento acalmar a criança chamando a sua atenção para alguma outra atividade” (Prof<sup>a</sup>. A, Observação 1). Assim, é preciso compreender o que causou o conflito e não apenas culpabilizar as famílias, pois é por meio das soluções contribuir para que os problemas

sejam solucionados. Ainda assim, ocorrem algumas situações em sala de aula que realmente não sabemos o que fazer, como no relato da Professora B com relação à fala de uma criança:

Tem uma menina que está nessa função agora de que vai morrer, né? Falei com a avó. Não sei se andaram conversando, mas deu uma diminuída nisso, porque ela estava toda hora falando que ia morrer, chorando, né? E aí, será que não eram coisas que comentavam? Ficava assim, bota sozinha no escuro, o contexto em casa. Tipo assim, ela dizia a minha barriga, sem sangue, eu vou morrer. Acho que até o Conselho Tutelar deveria estudar essa situação dela em casa. (Profª. B, Observação 3).

A Professora B mostra a partir do seu relato algumas situações por meio das quais pede para que as crianças possam realizar um tema. Assim, em uma data específica ela solicitou para confeccionar um brinquedo, isto é, um jogo que seria utilizado em sala, algo que gerou muitos conflitos, pois segundo ela: “eles são maiores, tem esse sentimento, acabam entendendo melhor, pois alguns não trouxeram e fizeram comentários como: mas eu não fiz, eu não sabia, meu pai sabe?” (Profª. B, Observação 3). Portanto, elas estão envoltas em inúmeras situações que causam desequilíbrios afetivos emocionais.

A menina sentia falta do pai, só chorava, eu não sabia lidar com a situação. Para minha surpresa maior foi no outro dia, a mãe da menina chegando com ela chorando na porta da sala, dizendo que tinham se separado. Como a criança lida com isso? (Profª. A, Observação 3).

A Professora B intervém trazendo o relato de que “algumas famílias são mais difíceis de lidar, entrega de pareceres então, quando saio daqui me sinto pesada, eles despejam bastante coisa” (Profª. B, Observação 3), a Professora I complementa que “é o momento que elas conseguem ter a professora somente para elas, vou desabafar, vou pegar, vou falar também, é pouco tempo, mas vou falar” (Profª. I, Observação 3).

“As mães acham que somos psicólogas, porque elas colocam as situações, falam tudo pra ti, contam toda a vida” (Profª. B, Observação 3). Logo, a Professora I complementa afirmando que “as famílias se sentem como as crianças, são muitos conflitos envolvidos” (Profª. I, Observação 3). A partir das falas, remete-se ao ambiente familiar no momento em que as crianças são envolvidas na separação dos pais:

É difícil, porque eles, os pais não cuidam o que falam perto das crianças, na verdade eles nem cuidam, acabam falando para a criança mesmo, influenciando a criança, ou tu ficas comigo ou tu vais com o fulano. As crianças são influenciadas por um dos pais na separação. Ah! Ele não gosta mais de nós, teu pai nos deixou. E tem a parte do amor comprado também, começa a comprar a criança com algum brinquedo, daí ela prefere ir com o fulano, porque me dá isso ou aquilo (Profª. I, Observação 3).

Além disso, as professoras comentaram o quanto é difícil lidar com esse momento em sala de aula, pois algumas crianças ficam muito abaladas emocionalmente, “eles não dão uma opção para a criança” (Profª. I, Observação 3). No geral, a criança não tem voz, pois não lhes é questionado sobre esse impasse, ou quais são seus sentimentos. “E aí vamos percebendo como é a família e como fica a cabeça dessas crianças, porque eles são pequenos, diante desse fato até que nem tem tanto conflito na sala entre eles” (Profª. I Observação 3).

Nessa lógica, as crianças trazem bastante coisas de suas famílias, “cada uma está vivenciando um momento assim, de dificuldade, e estão bem carregados, porque é muita coisa, é muito sentimento envolvido” (Profª. I, Observação 3). Existem questões familiares recorrentes que influenciam na rotina da criança na escola, como na seguinte fala: “posso estar errada, mas eles sempre têm uma justificativa” (Profª. E, Observação 4). Algumas justificativas, por vezes, não têm fundamento algum, tais como:

Agora que um irmão está em casa, está resfriado, coloca a culpa no irmão que está em casa, acho que ali seu eu mandasse no CUIDE, se eu pudesse, eu acho que ali caberia uma intervenção. Uma ajuda que seria compreender a medida do que fazer. (Profª. E, Observação 4).

A Professora L relatou que, numa conversa com uma mãe pediu a opinião de uma psicóloga para compreender melhor o que estava acontecendo com a criança, porque havia dificuldade por parte dos pais em convencê-la a realizar as atividades.

Assim, em um determinado momento, a Professora falou para a mãe, “essa palavra tu tens que banir do teu dicionário de mãe, tu tens que procurar, então seria muito importante, e então eu falei pra ela, que ano que vem ele iria para o Ensino Fundamental, o olhar a gente sabe que é outro”. (Profª. L, Observação 4). Com isso, o relato da professora demonstra a sua frustração diante dos pais que não se envolvem na vida escolar dos seus filhos e, em especial, às crianças que têm algum tipo de transtorno e apresentam o laudo, conforme a seguir:

Se acontece algo que surpreenda dentro de uma sala de Ensino Fundamental, a abordagem é completamente diferente das que nós temos aqui na Educação Infantil. Eu disse para os pais várias vezes, pelo amor de Deus, é pelo mínimo de qualidade de vida futura dele. Vocês não vão ficar aqui para sempre. E eu nem posso falar esse tipo de coisa. Mas eu falei. (Profª. J, Observação 5).

Com relação à sua sala de aula, a Professora J desabafa comentando que:

Aqui a gente também oscila, eu tenho um dia bom e três não. Mas como, vamos supor assim, eu já conversei com outras pessoas sobre isso. Estou muito frustrada por isso, mas sozinha eu não vou a lugar nenhum. Ainda que seja duas vezes na semana, não vai adiantar. Levei três meses, para ele aprender a encaixar os pinos e relacionar a cor do numeral com a cor do pino, mas eu consegui sozinha, mas levei três meses. Mas aí paramos ali naquela barreira do portão, muitos conflitos familiares envolvidos. (Profª. J, Observação 5).

A Professora I observa que, diante de tantos laudos atendidos pela escola, há pouco suporte para as famílias o que “acaba gerando os conflitos familiares” (Profª. I, Observação 5). Já a Professora K intervém afirmando que o que também causa esse problema e ainda dificulta a realização do trabalho em sala de aula na Educação Infantil, são as questões de parentescos.

Como a escola está localizada em um bairro onde muitos se conhecem e possuem vínculos familiares — tanto entre as crianças quanto entre os auxiliares —, é comum que, muitas vezes, não haja uma compreensão clara sobre o que é ética, pois “falam coisas que não deveriam falar, coisas bobas, de uma criança usar o paninho da outra, por exemplo”. (Profª. K, Observação 6).

Nesse parâmetro, as crianças presenciam diferentes situações no ambiente familiar e trazem essas experiências para dentro da escola, por meio de comentários, conversas e principalmente em suas atitudes, que muitas vezes correspondem aos sentimentos internalizados.

Por exemplo, “a mãe está com problemas emocionais, pessoais e isso reflete na criança. A mãe voltou a trabalhar e os irmãos fazem uma pressão psicológica. Falo assim porque a mãe me contou tudo isso, ela se sente amarrada. (Profª. L, Observação 6). A Professora A completa este exemplo dizendo que “eles chegam na sala angustiados e isso nos deixa com dois corações, atender aquela criança e atender o todo, é bem difícil!” (Profª. A, Observação 1).

Embora as crianças possam trazer problemas de casa, é tarefa do professor não culpabilizar a família e lidar de forma correta com elas, bem como ter consciência

de que por trás da agressividade, pode estar ocorrendo uma luta interna e permanente contra tal comportamento. Sendo assim, é possível valorizar aspectos positivos e construtivos do comportamento de cada criança.

### **Conversa com as famílias**

A escola reconhece o processo de conversa com as famílias como algo de suma importância para compreender as crianças e os acontecimentos que as cercam no cerne doméstico. Por isso, a entrega de pareceres é um momento específico em que os pais são ouvidos e se consolidam estratégias e metas para lidar com os conflitos existentes. Ela é realizada em nossa escola, pois pode acontecer de forma individual ou coletiva, simbolizando um momento significativo de reflexão e aprendizado, afinal: “podemos conduzir novas estratégias ao lidar com as crianças que estão vivenciando determinados e diferentes conflitos”. (Prof<sup>a</sup>. I, Observação 4).

“A entrega do parecer é um momento muito importante, porque na porta, no dia a dia, tu não consegues conversar, expor e tentar compreender o que está acontecendo com determinada criança”. (Prof<sup>a</sup>. I, Observação 4). Mesmo sendo um momento único e considerado importante para as professoras, ainda são enfrentadas algumas problemáticas e barreiras quanto à visão das famílias sobre a Educação Infantil.

E assim qual é o conceito de Educação Infantil? Porque daqui a pouco eles vão achar que é um depósito. Com relação as entregas de pareceres, é muita gente que não vem, se fossem poucos casos, mas são muitos. Então acho que a gente tem que fazer uma coisa mais incisiva assim, geral. Vamos mandar no privado para cada um cobrando essa falta, porque foram feitas várias estratégias de horários que cada professora pudesse ter esse momento com os pais, principalmente para conversar sobre alguns casos mais conflitantes. (Prof<sup>a</sup>. E, Observação 4).

Tem situações que fogem do controle, pois a professora não consegue atender e recorrer toda a vez aos pais. Assim, existem questões que impedem que o diálogo flua de maneira tranquila, “com os que tentei conversar, parece que não deram muita importância, são crianças que eu acho que tinham que ter um acompanhamento”. (Prof<sup>a</sup>. A, Observação 6). A Professora D traz uma situação familiar de comparação entre as crianças irmãs que sempre ocorre em sua sala de aula. Segue seu relato:

Falei com a mãe devido os conflitos na sala, na entrega de pareceres, e o que me entristece bastante, é a mãe e a avó dizerem que um dos gêmeos é nota mil, certo, maravilhoso, perfeito dentro dos padrões da humanidade, o outro fica lá preso dentro da encerra porque não para quieto, que ele sai para caminhar, entendemos que ele tem um laudo, mas é triste (Profª. D, Observação 6).

As professoras se dedicam à construção e elaboração dos pareceres individuais, os quais relatam o desenvolvimento das crianças, sempre com base na BNCC. O objetivo é garantir o desenvolvimento integral, utilizando os eixos estruturantes interagir e brincar e considerando os seis direitos de aprendizagem. Também é valorizada a expressão das necessidades e emoções pelas crianças. Algumas professoras incluem, ainda, relatos de suas experiências vivenciadas em sala de aula diante de situações específicas. A professora A, por exemplo, relata:

Olha primeiro de tudo, a minha experiência. Eu na verdade, até gostaria de falar um pouquinho assim de cada um né? Porque cada um tem um jeitinho ali que é incrível, a mesma idade, mas como oscila mesmo estando no Jardim. Eu achei que não tinha tanta disparidade, o que posso dizer da turma, que eu aprendi, aprendo muito feliz assim. Tens uns ali que eu gostaria de ter conseguido fazer mais por eles, sabe? (Profª. A, Observação 6).

Nesse sentido, é importante ressaltar que, durante as conversas com as famílias, os professores devem falar sobre os aspectos positivos das crianças no ambiente escolar. As famílias confiam à escola o cuidado e a educação de seus filhos, por isso, não devemos focar apenas nos conflitos. É imprescindível ter sensibilidade e cautela ao abordar essas situações, pois nossa postura pode contribuir para uma ação educativa mais acolhedora e eficaz diante dos comportamentos apresentados.

### **Outros problemas que podem interferir no trabalho pedagógico**

Existem outros fatores que interferem diretamente no trabalho pedagógico desenvolvido na sala de aula, por isso, é preciso inovar em estratégias diárias para lidar com os diferentes acontecimentos ao longo do dia. “O que vai fazer a diferença vai ser a união, não tem como cuidarmos tantos bebês com tantas situações e conflitos envolvidos se não tivermos mais pessoal para trabalhar na sala”. (Profª. H, Observação 6).

Assim, a fala da professora remete à importância de que todos, em sala de aula, estejam atentos às circunstâncias ao seu redor. Além disso, ela também destaca a necessidade de mais pessoas para atender à demanda diária. Segue seu relato:

A questão do Berçário 1 é a logística dos funcionários, é um quantitativo muito pequeno para atender quinze bebês, tudo gera conflito, pois eles são pequenos e não querem esperar, mas são conflitos relacionados a fome, a atenção, todos querem comer ao mesmo tempo, o leite, ou querem colo. (Profª. H, Observação 6).

Dessa forma, precisamos de um grande quantitativo de funcionários, considerando a demanda de turmas que a escola precisa atender, afinal: “a presença de auxiliares na sala é essencial” (Profª. A, Observação 1). Quando as crianças chegam na escola com alguma situação que presenciaram em casa, precisamos acolhê-la.

Nesse sentido, os auxiliares nos dão o suporte necessário para atender essa demanda. “Também recebemos estagiários com algumas dificuldades relacionadas a transtornos, então temos que lidar com essas questões além dos alunos em sala”. (Profª. I, Observação 3).

A Professora H, em sua fala, também acrescenta sobre outras dificuldades enfrentadas em relação à sala de aula e a falta de funcionários, pois segundo ela: “é difícil também na função dos estagiários, tu estar com um grupo e daqui a pouco eles não estão mais ali, em tudo assim, principalmente nas conquistas com relação a rotina, nas intervenções com as crianças”. (Profª. H, Observação 6).

Já a Professora C compreende que também existem interferências externas que desenvolvem situações de conflitos em sala de aula, relacionadas ao uso das mídias. “Além dos conflitos atribuídos pelo ambiente familiar, saliento o uso das mídias por parte das crianças, pois tem acesso a muitas informações que não compreendem”. (Profª. C, Entrevista 3).

Nesse aspecto, ela também complementa a fala afirmando que “as coisas mudaram, antigamente era de uma forma, só que aquilo foi, hoje em dia eles têm mais informações por causa do uso do celular e de tudo que se tem disponível”. (Profª. I, Observação 3).

## Como as crianças resolvem seus conflitos e quais são as suas reações

Quando chamamos a atenção das crianças para determinado fato “vejo que tem que ser com muito cuidado, porque se for chamada a atenção por uma pessoa estranha, que não seja da família, sem alguma referência, as crianças tem reações diferentes”. (Prof<sup>a</sup>. A, Entrevista 1). Nessa questão, são observadas pelas professoras diversas reações envolvendo os alunos e os conflitos existentes. Sendo assim, a Professora B diz que, “algumas crianças não dão importância, debocham, outras ficam nervosas, usam o choro, gritos” (Prof<sup>a</sup>. B, Entrevista 2).

As crianças precisam entender que é importante compreender o porquê elas estão fazendo aquilo errado, que aquilo não faz parte de uma sociedade sadia. A grande maioria das crianças compreende que agiu errado e pede desculpas, outras não concordam, reagem, choram, gritam por algum tempo, mas depois elas acabam cedendo. (Prof<sup>a</sup>. C, Entrevista 3).

As reações das crianças são diversas, variando desde explosões de sentimentos até o isolamento, recusando-se a participar das atividades ou de qualquer tipo de interação. A seguir temos alguns relatos das demais professoras sobre as reações dos alunos quando lhes chamam a atenção diante de algum conflito:

Ficam atentos aos relatos do seu comportamento que foi incorreto, dão abraço. (Prof<sup>a</sup>. D, Entrevista 4).  
 Prestam atenção no adulto num primeiro momento, na maioria das vezes percebo um constrangimento. (Prof<sup>a</sup>. E, Entrevista 5).  
 Algumas choram, outras se atiram no chão, ou jogam brinquedos no chão, algumas ficam descontroladas. (Prof<sup>a</sup>. G, Entrevista 7).  
 Algumas choram diante a isto, e daqui a pouco estão fazendo novamente. (Prof<sup>a</sup>. M, Entrevista 12).

Compreende-se que cada criança tem um jeito para expressar quando não gosta de algo e tem reações diferentes diante de uma determinada situação, pois alguns ficam mais agressivos; outros mais quietos ou se afastam, já outros não aceitam e se sentem injustiçados. No entanto, “são inúmeros os pensamentos que podem passar na cabeça da criança, ela pode ter dúvidas se gostam ou não dela, às vezes pelo fato de haver perseguição, é muito triste. (Prof<sup>a</sup>. F, Entrevista 6).

As crianças podem apresentar reações parecidas, porém os motivos que as levam a reagir dessa forma são diferentes. Nesse sentido, a Professora J comenta que “as nossas crianças reagem com resistência, é preciso ter bastante firmeza com

eles para esclarecer e mostrar as consequências do que pode acontecer, a situação em comum que temos é de bastante resistência a nossa intervenção.” (Profª. J, Entrevista 9). Seguindo nessa temática, a Professora K relata que:

A grande maioria reage através do choro, gritos depois de extravasar. Alguns compreendem a situação, pedem desculpas e em seguida agem como se nada houvesse ocorrido, voltam a brincar. Mas também acontece de não querer fazer mais nada e ficam em um cantinho encolhido. (Profª. K, Entrevista 10).

No que diz respeito a cada sala de referência não há divergência de opiniões entre as professoras. Logo, a professora C também nos conta que “a grande maioria das crianças compreende que agiu errado e pede desculpas, outras não concordam, reagem, choram, gritam por algum tempo, mas depois elas acabam cedendo.” (Profª. C, Entrevista 3).

As crianças precisam realmente entender que o que estão fazendo é errado, pois essas situações não fazem parte de uma sociedade sadia. Assim, de acordo com a professora D, ficar atentos aos relatos de seu comportamento é uma forma de compreensão dos fatos ocorridos. (Profª. D, Entrevista 4). No decorrer das discussões, surgem outras questões relacionadas aos sentimentos e às reações dos pequenos diante de situações de agressividade, conforme no trecho a seguir:

Acredito que cada criança tem um jeito para expressar que não gosta, outros ficam mais violentos, outros ficam quietos, outros se afastam, outros não aceitam se sentem mais revoltados ainda, injustiçados. (Profª. F, Entrevista 6).

Algumas choram, outras se atiram no chão, ou jogam brinquedos no chão, algumas ficam descontroladas. (Profª. G, Entrevista 7).

Dificuldade da criança em lidar com uma situação interna ou externa que gera sentimentos que não conseguem expressar de forma clara o que está acontecendo, ocorrendo choros, impulsos, agressividade, solicitação de colo e dificuldade de socialização. (Profª. K, Observação 1).

Eles podem ter reações parecidas, mas o porquê da reação é diferente, é bem diferente. (Profª. J, Observação 2).

As professoras concordam que, na maioria dos casos, as reações das crianças são inesperadas, e muitas vezes elas já não sabem como agir diante dos acontecimentos, justamente porque cada criança reage de um jeito diferente. As respostas, principalmente diante de uma “não”, provocam uma mistura de sentimentos, gerando diversas situações conflituosas e, por isso, exige adaptação das

estratégias para lidar com o ocorrido. A seguir, apresentamos o relato de uma situação vivenciada na sala de referência pela professora A:

Esses dias deu um surto, ele pegou a mochila, e quem diz de voltar, vamos embora, vamos embora, vamos embora, porque eu disse que não ia para a pracinha porque ele não tinha se comportado, e ele não aceitou aquilo ali. E quem disse em fazer se acalmar, numa fúria, numa fúria. Mas alguma coisa assim, parece que o emocional, a emoção dele não está bem, sabe? É impressionante, dizendo assim, é muito ruim.

É difícil das crianças aceitarem e compreenderem o porquê se está chamando a atenção para algo que é errado, quando isso é necessário, eles ficam batendo o pé, não aceitam, gritam, choram. (Prof<sup>a</sup>. A, Observação 3).

Nessas situações, os estagiários, em alguns casos, estabelecem vínculos afetivos com as crianças, o que facilita o processo de acalmar as crianças e ajudá-las a perceber o que acontece ao seu redor. Dentro desse contexto, enquanto professoras da Educação Infantil, não estamos sozinhas em sala de aula, pois contamos com o apoio de outros profissionais que também colaboram na elaboração de estratégias e ações específicas de intervenção em cada momento.

Dessa maneira, a professora C relata que nunca viu em todos os seus anos de profissão “as crianças resolverem sozinhas os conflitos, pois sempre é por intermédio do professor, sempre com o professor mediando a situação”. (Prof<sup>a</sup>. C, Entrevista 3). Diante dos conflitos, a professora F discorda parcialmente da observação feita pela professora C, e afirma que:

Depende da faixa etária. Os maiores já conseguem conversar e tentam resolver sem a intervenção da professora, já com os menores buscamos intervir sempre por meio do diálogo e de atividades pedagógicas sobre as situações do momento, algumas crianças falam que não pode e dão abraço. (Prof<sup>a</sup>. F, Entrevista 6).

Conforme vão se socializando e interagindo com as outras crianças “alguns conflitos são resolvidos entre eles, outras vezes interferimos mostrando que bater é errado, dizendo que o ato está errado, que não é legal, trabalhamos as regrinhas da sala.” (Prof<sup>a</sup>. H, Entrevista 8).

Com relação aos sentimentos envolvidos após os conflitos, a professora J acredita que “nessa primeira infância, nenhum deles, dificilmente guarda o sentimento de raiva ou tristeza em relação ao colega, passa muito rápido.” (Prof<sup>a</sup>. J, Entrevista 9).

As reações são diferenciadas em decorrência do momento, assim como a emoção que se expressa por trás de cada gesto. Assim, a professora K intervém

afirmando que se trata de uma “relação de amor e ódio, no momento ficam chateados, mas a relação vai se consolidando e compreendem que queremos apenas o melhor para e o entrono.” (Profª. K, Entrevista 10).

A promoção do diálogo em sala de aula é fundamental, pois propiciar um espaço de fala e escuta permite que “as crianças dialoguem bastante para resolverem os conflitos, quando não conseguem resolver sozinhas, solicitam ajuda da professora.” (Profª. L, Entrevista 11). Assim, percebe-se que elas tendem a se defender de alguma maneira quando se deparam com as situações de conflitos “seja com força física ou com palavras.” (Profª. L, Entrevista 11).

As docentes sempre precisam buscar estratégias para intervir em sua sala de aula porque “tem coisas que as crianças não sabem lidar e tem certas reações.” (Profª. I, Observação 2). É crucial considerar o contexto como um todo ao buscar formas de lidar com determinadas situações, mas isso depende da observação e dos objetivos estabelecidos pela professora, pois é necessário analisar cada caso de maneira única.

Com isso, as crianças vivenciam um misto de sentimentos e, em alguns casos, acabam por “excluir alguém, então quando uma criança brinca um pouquinho com ela, ela tem o sentimento de posse, acha que a criança é dela e que tem que ser amiga e brincar somente com ela.” (Profª. B, Observação 3). No entendimento da professora E:

Eles são pequenos não compreendem tudo. A professora que estava na turma deixava eles muito assim, ociosos, ela era muito afetiva, carinhosa, mas ela não tinha essa coisa da rotina, da conversa, que com certeza teria compreendido algumas dessas reações diante dos conflitos e as crianças não teriam certas atitudes (Profª. E, Observação 3).

As crianças formam vínculos por afinidade, aos poucos eles vão se acertando por meio do diálogo e das formas de brincar. A professora C traz o relato de uma situação e expõe a sua opinião:

Na verdade, o que eu percebo assim, é que eles respeitam muito o limite um do outro. Hoje mesmo, um queria dar a mão para o outro menino e o outro disse não. Daí ela falou, a gente tem que se respeitar, cada um tem seu gosto. Então geralmente, a discussão é resolvida por eles mesmos. Eles têm uns grupinhos bem divididos assim, mas já melhorou bastante desde o primeiro trimestre. Mas assim, também não teve muitos problemas. (Profª. C, Observação 4).

Antes de se realizar a formação por meio da investigação-ação, todos os relatos traziam a bagagem e o acúmulo das experiências vivenciadas pelas professoras nas

salas de referência. De fato, trabalhar com crianças pequenas diante dessa realidade se configura em um desafio diário de discussões e estratégias.

Os docentes, muitas vezes, conforme Oliveira (2021, p.15) [...] não possuem conhecimento suficiente sobre a problemática em seus cursos de formação, de modo que não compreendem e não sabem lidar bem com as situações de agressividade.” Isso, de certa forma, pode causar uma desestabilidade emocional nesses professores frente às crianças.

Para finalizar a análise desta categoria, ressalto a importância de os professores valorizarem adequadamente os aspectos relacionados ao comportamento agressivo. Quando a criança consegue agir de forma construtiva, significa que foi capaz de controlar suas emoções e impulsos.

Ao ter esse entendimento, os professores não submeterão as crianças ao sentimento de incapacidade diante do problema, mas sim farão com que compreendam o erro diante da realidade. De acordo com Luz (2008, p. 131-132) “na compreensão do comportamento agressivo das crianças, podemos sinalizar a importância de o educador perceber nessa forma de lidar com a realidade um primeiro esforço para compreendê-la”.

## 5.2 DISCUSSÕES TEÓRICAS E AÇÕES DIRECIONADAS A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Esta categoria apresenta a prática da sala de referência a partir da experiência das professoras que participaram da pesquisa. Há pouca teoria a partir da formação realizada por meio da investigação-ação, mesmo após os grupos iniciarem as leituras referentes à temática.

Observa-se esse fato por meio dos relatos, pois de acordo com Souza, Vieira e Crepaldi (2015, p. 55) elas ressaltam em suas falas que “utilizam variadas formas para lidar com a agressividade de seus alunos, envolvendo principalmente: conversas, em especial com a criança que agride; reflexões sobre a atitude; combinados e regras da turma”.

### **A agressividade e os comportamentos agressivos na sala de referência**

Os relatos a seguir trazem o entendimento das professoras sobre a agressividade e os comportamentos agressivos presenciados nas salas de referência. Diante do exposto, se compreende a primeira em concordância com Bohm (2021, p. 58) [...] como resultado de um processo de aprendizagem social”.

Agressividade não é o ato agressivo, porque aí é violência. No caso, empurrar, morder, beliscar, isso já é a violência. Mas a gente como ser humano tem que ter agressividade. Que que é agressividade? Eu tenho que ser agressivo pra me levantar da cama de manhã. Eu tenho que ser agressivo pra ir trabalhar, para ir em busca de algo. Isso sim é agressividade. (Profª. I, Observação 2).

No entendimento da professora I, a agressividade é uma reação natural, quando estamos diante de algo que nos induz a disputar, isto é, o ser humano precisa ser agressivo para ir em frente e enfrentar as dificuldades que se apresentam em suas vidas. O ato físico e agredir, bater, empurrar, é o que gera a violência, ocorrendo a intenção da força física. Assim, a professora B complementa dizendo que:

Até essas próprias questões do punir, dependendo da punição, do castigo, do jeito que é aplicado, do jeito que tu falas com a criança, mesmo que ela esteja naquela situação de comportamento, vai acabar vinculando, acarretando um comportamento agressivo maior, induzindo o quê? A violência. (Profª. B, Observação 3).

As professoras seguem os seus relatos, e em meio às discussões, novas situações relacionadas à violência e agressividade vão surgindo.

A partir do momento que as crianças batem, empurram, beliscam, já é violência, eu não gosto dessa palavra, principalmente quando usada na Educação Infantil, criança pequena, violência, como assim? Mas a partir do momento que existe o ato físico, é violência. (Prof<sup>a</sup>. I, Observação 3).

A professora B surge com uma dúvida, “e a agressão verbal? A verbal também ameaça e humilha, dependendo do jeito que se manifesta, das palavras deferidas, dependendo do jeito que a crianças se encontra no momento, também é um ato de violência.” (Prof<sup>a</sup>. B, Observação 3).

Para melhor compreensão das temáticas em debate, as professoras discutiram sobre a possibilidade de se aprofundar nos textos e buscar outros autores que trouxessem o conceito tanto de agressividade verbal quanto a física, que também são formas de violência.

A professora A traz um relato de algo que aconteceu em sua sala de referência, afirmando que: “o que eu descreveria como agressivo é, a mãe chegar com a criança agarrada, e dizer pra ela, pra dentro, sabe, atirava assim pra dentro da sala, tipo empurrava assim, eu achei uma agressão, sabe?” (Prof<sup>a</sup>. A, Observação 3). Nesse momento a professora L intervém, relatando algumas situações vivenciadas com seus alunos.

Nós tivemos alguns casos em que os educandos se apresentaram mais agitados, com crises mostrando-se, por vezes agressivos, com os professores, estagiários, que foi uma crise bem complicada, o menino ficou irritadíssimo. Ele jogou quase tudo assim, tivemos que interceder a diretora ficou lá. Foi uma situação muito boba. Assim que eu digo, boba, foi um dia que estava chuvoso, que nenhuma turma foi para o pátio. E ele não aceitou. Aí conversando com a mãe, a mãe disse que conversou muito com ele, que eles iriam para o pátio. Aquela coisa toda, porque está enfrentando a questão do irmão, que não está vindo para a escola. Então se a criança caiu, tu corres, dá uma assistência, mostra pra ela que aquilo é um momento importante. Ela ter caído, ter se machucado é um momento importante, por causa da atenção, se tu não deres atenção para aquilo, já gera motivo para a agressividade. Tem que dar toda a atenção, toda a base pra ele ali. Se no almoço ele diz pra ti que não quer comer, mas mesmo assim a gente oferta. E dependendo o jeito que ele te disser que não, se tu insistires, ele se fecha, cruza os braços e por ali vai. Então tudo isso, o como lidar com ele. (Prof<sup>a</sup>. L, Observação 4).

As crianças não conseguem lidar com os seus desequilíbrios emocionais, pois “qualquer coisa é motivo para estourar. Então, até conforme tu vais conduzir aquilo, a

atenção que tu vais dar para aquele momento, pode ser a fagulha para estourar.” (Profª. L, Observação 4). Por isso, identificar quais estratégias devem ser utilizadas pode ser difícil, pois tudo acontece muito rápido e as ações precisam ser imediatas. “Como conduzir a questão da agressividade? É que nem a de bater, de receber o tapa. A função que eles batem na gente.” (Profª. L, Observação 4). Por meio dessa fala, a professora traz outro relato sobre um acontecimento que a deixou bastante frustrada e até magoada, destacando a sua própria reação que também foi inesperada.

Esses dias o menino de uma outra sala me bateu, no mesmo dia na minha sala, outro menino bateu em mim e no estagiário. Quando foi com o menino da outra sala, eu chorei, porque na verdade a gente não espera, geralmente não me afeta, mas naquele dia me afetou. A gente não sabe qual é que vai ser a nossa reação no momento da agressividade. (Profª. L, Observação 4).

Receber a agressão física é algo inesperado mesmo quando isso parte de crianças tão pequenas, pois “é do ser humano, é o instinto na verdade. Ele te bateu, e o teu impulso foi sair da sala e chorar, não é? Mas nem todas vão reagir da mesma forma, cada uma pode ter uma reação diferente.” (Profª. I, Observação 4). A reação diante da ação é algo inesperado, principalmente “na função dos estagiários que não têm formação nenhuma ou para estar em sala de aula e conviver com esses acontecimentos rotineiros.” (Profª. I, Observação 4).

Após o ocorrido, em alguns casos, as professoras optam por levar as crianças à secretaria e convocar os pais para uma conversa. No entanto, diante de certas palavras utilizadas por alguns familiares ao lidarem com os conflitos, as professoras demonstram-se contrariadas e perplexas, principalmente quando são tratadas de forma desrespeitosa como “agressor, assim agora é o vocabulário quando uma criança machuca a outra. É uma palavra forte, mas é o que uma mãe diz para a outra.” (Profª. F, Observação 6). A agressividade é instinto, e pode ser desencadeada por situações particulares que influenciam o comportamento, sendo assim, os seres humanos são culturais, portanto, a cultura prevalece sobre o instinto.

Há alguns casos que envolvem conflitos diários e torna-se difícil estabelecer um diálogo com as famílias, pois elas não concordam com os relatos apresentados pelas professoras. Segundo uma delas: “tem que ter muita conversa, paciência, jogo de cintura, muito de tudo assim sabe? Para realmente conseguir atingir alguma coisa,

pelo pouco que seja.” (Prof<sup>a</sup>. I, Observação 6). A professora I, traz o seu relato referente aos fatos conflitantes que ocorrem em sua sala:

Se tu bateres de frente com ela, sai de baixo, acabou a criança, acabou a sala toda, porque assim a menina grita, chuta, joga as coisas, tira os tênis dos pés para jogar nos colegas, por isso optei por formular com as crianças novas regrinhas. Outra situação, tem um trio que vai se separar no próximo ano, porque assim, se os três se juntam colapsa a sala inteira, eles não param de se bater, eles não participam, eles não param de se empurrar, é incrível eles não podem se enxergar, é um vendaval. Conseguimos apaziguar muitas das situações conversando, mas daqui a pouco já estão fazendo novamente. Agora na questão das famílias, no início do ano a criança não queria entrar na sala, a mãe se incomodou com a situação e tirou o chinelo, foi quando me coloquei na frente e acabei por levar a chinelada. (Prof<sup>a</sup>. I, Observação 6).

As professoras concordam que o comportamento agressivo das crianças acontece por “ver conflitos em casa.” (Prof<sup>a</sup>. A, Entrevista 1). E este ocorre na escola “quando uma criança bate em outra, dentro do grupo existem crianças que também implicam verbalmente com os outros.” (Prof<sup>a</sup>. B, Entrevista 2). Assim, os relatos seguem com observações de que algumas vivências vindas de fora do contexto escolar geram essa situação, já que “as crianças se irritam com facilidade, episódios frequentes de birra, choros.” (Prof<sup>a</sup>. E, Entrevista 5).

A professora B, também cita outros exemplos de comportamento agressivo, a partir de “crianças que mordem ou batem em outras, empurrões ou puxões de cabelos, crianças que quebram objetos, que se irritam com facilidade.” (Prof<sup>a</sup>. B, Entrevista 2). Percebemos que algo não está bem, “algo está incomodando aquela criança, seja uma dificuldade de se expressar, algo que está vivenciando em casa, ou nas interações com os pares.” (Prof<sup>a</sup>. D, Entrevista 4).

Portanto, são várias as hipóteses levantadas pelas professoras para compreender o comportamento agressivo das crianças. “Uma criança que passa fome, uma criança que passa dificuldade, pode demonstrar ter reações de agressividade.” (Prof<sup>a</sup>. F, Entrevista 6). “Aquele criança que foi agredida chora, pede a intervenção do adulto, e em alguns casos revida.” (Prof<sup>a</sup>. E, Entrevista 5). A professora F, traz o seu posicionamento em relação ao comportamento agressivo:

Meu posicionamento com essa criança que está passando por um conflito é investigar, conversar com a família para ver o que está acontecendo. Pode ser alguma coisa da escola, pode ser alguma coisa na família, uma coisa interna, que ela não está sabendo expressar. E através da briga, está sentindo alguma coisa e não sabe dizer, e brigando com os outros é a maneira que ela está querendo expor o que está acontecendo, algo de ruim, algo que está

magoando-a, mas não sabe dizer. Tem crianças que não consegue brincar com os outros, ou interagir ou fazer uma atividade sem bater, sem xingar, sem empurrar, ela tem uma necessidade de machucar os outros, de agredir, de afastar os outros dela, tanto as professoras, os colegas, se torna uma criança agressiva, porque ela usa a violência, a força para afastar, mas é por alguma coisa que ela está passando. Não acredito que tenha alguma coisa específica a que atribuí a agressividade de comportamento agressivo das crianças, cada criança é uma criança. Tem criança que foi muito violentada e nisso ela passa para os outros, um exemplo, outros que não sabem ouvir um não, e quando ouvem são agressivos, outros porque tem problemas neurológicos, de família. (Profª. F, Entrevista 6).

A partir desse momento, começa a aparecer alguns raros momentos em que parece se utilizar da teoria, mas não são citados os autores nos quais realiza o embasamento teórico. Diante dessa demanda, continuam a resolver as situações de conflito por meio de suas experiências, bem como de outras professoras obtidas durante o tempo de permanência nas salas de referência.

Nesse sentido, a professora G concorda com a professora F em algumas questões, pois “o comportamento que indica que o aluno é agressivo é quando bate em alguém sem motivo ou até mesmo tendo motivo, alguns por ser contrariados ou recebem um “não” e não aceita, e se torna agressivo.” (Profª. G, Entrevista 7). A professora H já compreende que os conflitos surgem “por serem pequenos e ainda não conseguem se comunicar ou expressar seus sentimentos.” (Profª. H, Entrevista 8).

O que causa conflito em algumas salas por ocasião “é a busca por atenção, disputa por brinquedos, fato que se considera normal, apenas em alguns casos se acredita que o meio em que a criança vive, interfere no comportamento mais agressivo.” (Profª. H, Entrevista 8). Assim, a professora G observa que “Muitas vezes as crianças disputam brinquedos entre elas, se batem umas nas outras sem motivo, onde algumas vezes choram ou se negam de fazer alguma atividade, ou até mesmo não se alimentam na escola.” (Profª. G, Entrevista 7).

São diversas as situações que podem colaborar para o desfecho da agressão. Nesse instante, a professora J nos diz que o comportamento agressivo:

Seja principalmente a impulsividade, as reações explosivas por qualquer coisa, qualquer situação, ataques, crianças muito ansiosas, criança que briga frequentemente com colegas, que entra nas reações explosivas, nas disputas, xingamentos, acho que são os indícios que nos mostram que essa criança tem tendência a ter bastante dificuldade no controle emocional e acaba se tornando agressiva. Eu acho que a falta de estrutura emocional, os conflitos familiares são os mais complicados, ou a falta de estrutura, muitas

vezes também, não tem nenhum ponto de segurança, são as coisas que mais contribuem. (Profª. J, Entrevista 9).

A dificuldade de entendimento de regras para o convívio social com os colegas e professores envolve desde a aceitação da divisão de brinquedos e materiais, até as regrinhas que são criadas pelas próprias turmas. “Exatamente o contexto social, reproduzem situações que vivenciam. Exceto, para os alunos diagnosticados com transtornos ou deficiências.” (Profª. K, Entrevista 10). A criança tem esse tipo de comportamento porque quer alguém que fique com ela, que a acolha. Assim, “o conflito é um atrito, uma desorganização da criança, uma forma de expressão de que algo está incomodando.” (Profª. E, Observação 1).

Existem crianças que se apresentam saturadas do contato com a turma, pois muitas vezes não querem conversar ou interagir com ninguém. Por outro lado, tem algumas que fazem algo para chamar a atenção, pois querem que os colegas brinquem com elas o tempo todo. Às vezes, elas também não sabem lidar com a frustração.

Nesse entendimento, as estratégias adotadas diferem para cada caso. “Eu não alimento o comportamento reverso dela, ela faz coisa errada para chamar a atenção. Ela tentou fazer coisas, tentou se jogar e se mexer, falando outras coisas como se não estivesse vendo. Porque o comportamento dela é perigoso.” (Profª. J, Observação 2). Conforme as discussões a respeito da agressividade progridem, novas situações vão sendo apresentadas:

Algumas crianças excluem as outras e a partir disso começa o conflito, por meio de brigas, uns batem nos outros, pois querem alguém para brincar. (Profª. B, Observação 3).

Tem crianças que não aceitam brincadeiras competitivas, “eu tenho que ter o cuidado de não fazer, procuro não fazer, faço porque tem que fazer. Mas a competição em si, instigar, não aceitam de jeito nenhum, um começa a chorar, daí peço para se acalmarem. (Profª. A, Observação 3).

Tem uma criança que mesmo com a questão das faltas, apresentou melhora com relação ao seu comportamento e na aceitação da rotina. A questão de que ele está ouvindo mais, a questão do choro diminuiu, ficava bravo e dali o mundo acabava. Melhorou muito, até a questão da autoestima. (Profª. L, Observação 4).

“As crianças querem atenção, tens que ver quando a menina está sozinha, é só ver com menos criança na sala, ela é mais alegre, mais espontânea, ela muda completamente.” (Profª. L, Observação 4). As crianças reproduzem na escola coisas

que veem em casa, porque estão na fase de reproduzir, mas também porque observam o outro fazendo.

Por outro lado, também somos exemplos na escola, uma vez que se tomamos uma atitude mais intensa, enquanto professor ou os estagiários, uma atitude mais agressiva, daqui a pouco a criança também vai reproduzir aquilo ali, mas ela não está vendo em casa, ela está vendo na escola. A professora I diz que:

Temos que estar sempre se posicionando de forma a tentar trazer um equilíbrio pra eles, de ver, não é sempre que conseguimos, no caso das crianças do comportamento mais agressivo. Nem sempre a gente consegue ver o porquê aconteceu, estava tão bem, mas daqui a pouco algo desencadeou aquilo ali e não sabemos. Se supõe que é, mas daqui a pouco não é, é um conflito interno, uma coisa de momento, uma explosão de sentimentos. O bom é conseguir identificar o conflito, quando tu consegues observar, identificar o que pode ser, daí tu avalia e consegue ajudar. (Profª. I, Observação 2).

### **Transtornos por traz da agressividade**

Seguindo os relatos a professora F relaciona as questões de comportamento agressivo a “problemas neurológicos”. (Profª. F, Observação 6). A professora C relata que “tem crianças que são agressivas pois possuem algum tipo de transtorno, o que gera dificuldade em buscar estratégias que sejam eficazes e promovam uma intervenção positiva.” (Profª. C, Entrevista 3).

“Acredito que algumas crianças são agressivas por algum distúrbio de comportamento”. (Profª. G, Entrevista 7). “Os transtornos, é claro, a gente sabe que os transtornos fogem do consciente deles, são reações que eles não têm controle, são involuntárias geralmente”. (Profª. J, Entrevista 9).

Conforme a professora E, outras hipóteses de comportamento agressivo estão relacionadas ao “atraso na maturidade”. Seguindo seu pensamento, ela também observa que o atraso “não é no desenvolvimento”. Assim, a professora L pauta que a agressividade está ligada a “questões clínicas e comportamentais, inseguranças, medos, entre outras questões que podem surgir”. (Profª. L, Entrevista 11). Em relação às crianças com laudos, a maioria deles referentes ao TEA (Transtorno do Espectro Autista), a professora I relata que:

É uma questão bem difícil, sabemos que cada laudo tem as suas terapias, mas manter o que é pedido é complicado, pois não se tem uma base, uma

ajuda, tudo é particular e não é barato. Essas questões também fazem com que a própria família entre em conflito, falam, discutem coisas na frente dos pequenos, e isso se reflete aqui na escola. (Profª. I, Observação 5).

A professora J ressalta que “algumas crianças sofrem agravo de suas condições clínicas por não ter acompanhamento adequado a sua necessidade”. (Profª. J, Observação 5) e traz a situação de um dos seus alunos:

Ele está muito hiperativo, mas está avançando quando ele mostra interesse, quando ele fala, mas o abandono que acontece ali por parte da família, eu sei que é difícil, que fonoaudióloga é caro, mas eles viram que em dois meses o guri estava falando, identificando tudo. Como eles não continuam? Talvez seja apenas falta de estímulo. Talvez ele não tenha atraso nenhum. Talvez ele tenha, como ele é muito sensível nos outros aspectos do autismo, talvez se ele tivesse sido estimulado, ele estaria melhor nessa comunicação básica, não seria nem funcional, mas básica, de dizer o que quer, o que não quer, identificar, pedir uma água. Ele teria aprendido, com certeza. (Profª. J, Observação 5).

Em meio ao diálogo surgem alguns questionamentos e dúvidas envolvendo o desenvolvimento dos alunos como: “Ele apresenta ter um atraso cognitivo?”, que frequentemente geram dúvidas em como é possível desenvolver o trabalho pedagógico com determinada criança. Diante disso, em sala de aula elas começaram a desenvolver estratégias para dar suporte às diversas demandas enfrentadas no dia-a-dia:

Está havendo muito diálogo, entre todos, principalmente com as crianças, como forma de reduzir os conflitos que estão surgindo, na maioria das vezes temos resultados, mas em algum momento aquilo explode, e tu tens que acalmar todos, pedir para sentar na rodinha, vamos respirar todos e iniciar uma nova conversa. Daí sim, conseguimos começar a realizar as atividades. Assim sabe, o barulho, o choro de um outro, as brigas, porque tudo gera disputa, eles brigam, daí ele quer sair da sala. Em alguns momentos, ele também acaba jogando brinquedos nos colegas, mas não para machucar, mas naquele momento de explosão por se sentir incomodado com essas questões. (Profª. I, Observação 6).

Além disso, a professora J destaca que, mais do que o próprio laudo, o que muitas vezes pesa é a dificuldade na imposição de limites. A seguir, os seus relatos:

Essa semana mesmo, um menino aqui, não quis fazer as atividades, daí quebrou as coisas, furou balões, ele está mais difícil. A própria mãe relatou, que até a fono está tendo muita dificuldade para ele fazer as coisas por disciplina mesmo, ou indisciplina na verdade, do que pelo próprio espectro. Na escola também é bastante difícil, permanece pouco tempo em sala, apresenta dificuldades de seguir comandos e de intervenção. Tem um outro menino que apesar de todas as suas conquistas neste trimestre, observei

uma alteração bastante significativa no comportamento, estando mais resistente nas intervenções, mas observando ele no grande grupo na sala, demonstra bastante impaciência, chora com frequência, reage com impulsividade. Um comportamento que em algumas situações dificulta o andamento da turma. (Profª. J, Observação 5).

A questão da falta de limite retorna a discussão do convívio familiar. Tendo isso em vista, a professora I relata sobre um de seus alunos afirmando que: “ele tem muita falta de limite, como tem uma condição a mãe deixa ele fazer tudo o que quer. Conversei já com a mãe ano passado, e senti ali um conformismo com a situação, quando ele ouve não então meu Deus, já não quer fazer mais nada, chora, agride.” (Profª. I, Observação 5). Chiaparini, Silva e Leme (2018, p. 605) nos suscitam a seguinte reflexão:

Por outro lado, as consequências que estabelece para os conflitos, assim como o estilo de gestão, mais ou menos democrático, pode prover experiências significativas para as crianças resolverem de modo construtivo seus conflitos. Além disso, muitas vezes, a escola pré-julga os alunos, considerando sua falta de disciplina ou seus comportamentos inadequados como de culpa exclusiva da família, isentando o ambiente escolar de qualquer responsabilidade pelo problema. (Chiaparini, Silva; Leme, 2018, p. 605).

A professora H observa que também podem existir outras questões, além das neurológicas para explicar o comportamento agressivo das crianças.

Acho que se fosse alguma coisa neurológica, não seria assim. Tenho três casos mais assim para o ano que vem, um deles já estava caminhando, falava algumas coisas, mas quando completou um ano, ele começou a ter um sono muito ruim, começou a gritar, a chorar, parou de falar, começou a regredir, ela caminha e cai. Oral, esquece, ele perdeu os comandos. Conversei com os pais, mas o pai se demonstra bem resistente, a mãe é mais difícil ainda. Ele pegava as coisas, mas agora não, ele parou de segurar, os movimentos repetitivos estão demais. Ele pegava as coisas, mas agora não, ele parou de segurar, os movimentos repetitivos estão demais. (Profª. H, Observação 6).

Em um dos relatos, a professora F traz observações quanto às experiências vivenciadas pelas crianças quando estão com suas famílias, pois: “atos de violência por exemplo, o que gera agressões, e que muitas vezes diante de um não, acabam sendo agressivos.” (Profª. F, Entrevista 6).

Dessa maneira, elas entram em conflito devido às discussões sobre os possíveis tratamentos ou até mesmo, sobre a aceitação do laudo, situação vivenciada diariamente pelas crianças, assim: “muitas vezes, elas chegam na escola mais agitadas, percebemos que algo está errado e elas não conseguem se expressar,

então tudo vira conflito na sala, uma fala, um tom de voz, uma disputa por brinquedo, por afeto. (Profª. I, Observação 5).

Em suma, a falta de terapia prejudica o desenvolvimento das crianças, embora se tenha casos em que a situação é inversa, pois os pais têm o acompanhamento do profissional, além de realizarem outras ao mesmo tempo. Por vezes, a criança:

Está apresentando cansaço, e fica bem difícil na sala, o que gera bastante conflito entre as outras crianças, querem fazer o que ele faz, ou se sente incomodado com o choro, com os gritos dos colegas, daí preciso me desvincular da turma e ficar somente com ele, tentando apaziguar aquela explosão de sentimentos, tanto com ele, quanto com os outros, e é bem complicado. (Profª. I, Observação 5).

Ainda assim, surgem algumas dúvidas sobre a tomada de decisão das famílias diante das terapias que são necessárias para o desenvolvimento das crianças com laudo, com isso: “Essas crianças quase que diariamente entram em conflito com as outras crianças, professoras e funcionários da escola, em alguns casos usam de agressão física, como bater, chutar e dar tapas.” (Profª. J, Observação 5).

Por isso, é importante observar o envolvimento e o entendimento das famílias relacionadas ao desenvolvimento das crianças, tendo foco nos familiares que demonstram certa resistência diante de um possível laudo ou diagnóstico de algum transtorno. Nesse contexto, a Professora J relata o que aconteceu em uma reunião:

Gostei de uma fala das mães na reunião, sabe qual é a conclusão que eu tiro de tudo isso, que eu estou sempre errada. Tu fica procurando cabelo em ovo, tu fica comparando teu filho com os outros, e o que tu quer lendo essas coisas de novo, por que tu quer colocar a tua filha nessas coisas que fica pesquisando, ah, mas tu és professora e percebeu que a tua filha é diferente. Ela disse que de todo o lado, e o mais incrível que pareça é que ela não viveu o luto, porque ela lutou durante um ano e pouco sozinha, dizendo que a vida dela era diferente, que a filha dela tinha autismo, quando o diagnóstico veio, ela disse que sentiu um alívio, tipo eu não estou louca, daí ela ouviu da mãe dela, tu tanto procurou que tu achou. (Profª. J, Observação 5).

Mesmo diante dos relatos e discussões que se seguem, também nos deparamos com aspectos positivos relacionados aos avanços das crianças. Assim: “conseguimos um avanço com ele que foi a questão de ficar para dormir, levou dois anos para essa conquista, por mérito dele e nosso, de garantir todo o possível para que isso ocorresse de forma tranquila.” (Profª. I, Observação 6).

Uma das principais aliadas para colaborar com um ambiente tranquilo é a rotina que se mantém em sala, afinal: “tem que ter a rotina de todos os dias, fazer a mesma

coisa, seguir os mesmos passos, fazer da mesma forma, porque se não, ele se desorganiza novamente, e já não conseguimos fazer nada com a turma toda.” (Profª. I, Observação 6). Com relação à temática, Barbosa (2000) afirma que:

As rotinas podem tornar-se uma tecnologia de alienação quando não consideram o ritmo, a participação, a relação com o mundo, a realização a fruição, a liberdade, a consciência, a imaginação e as diversas formas de sociabilidade dos sujeitos nela envolvidos. Quando se torna apenas uma sucessão de eventos, de pequenas ações, prescritas de maneira precisa, levando as pessoas a agirem e a repetirem gestos e atos em uma sequência de procedimentos que não lhes pertence nem está sob seu domínio, é vivido sem sentido, alienado, pois está cristalizado em absolutos. É fundamental, ao criar rotinas deixar uma ampla margem de movimento, senão encontraremos o terreno propício à alienação. (Barbosa, 2000, p. 45).

Os conflitos não estão somente atrelados ao desenvolvimento atípico, isto é, afirmar que crianças com problemas neurológicos despertam o comportamento agressivo é uma concepção reducionista da realidade, pois segundo Carmargo et al. (2020, p. 7) “exige uma análise contextual cuidadosa, pois todo comportamento tem uma função e suas causas estão frequentemente associadas a fatores relativos ao próprio ambiente em que ocorre.”

Por esse motivo, não se pode afirmar que o comportamento agressivo seja uma característica exclusiva de crianças com problemas neurológicos, pois ele pode se manifestar devido a uma série de fatores, o que exige uma compreensão mais profunda para investigar outros aspectos que possam influenciar tal comportamento.

### **Como as professoras estão resolvendo os Conflitos**

Sempre temos que conversar com as crianças o que é certo e errado, principalmente quando ocorrem comportamentos agressivos, logo as orientamos para que o ato não se repita novamente. “Num primeiro momento muito diálogo, tentar compreender o que motivou a criança a ser agressiva e de alguma forma intermediar para que ela entenda que podemos conversar para atingir o que se deseja.” (Profª. E, Entrevista 5).

A Professora H relata que procura trabalhar o conflito de “forma pedagógica, acolhendo mesmo o sentimento de raiva, compreendendo o motivo da agressividade.” (Profª. H, Entrevista 8). Assim, sempre existe o diálogo, pois a professora J diz que

procura conversar, “compreender quais são os motivos, mostrar as consequências, o que a gente faz no dia a dia na sala de aula.” (Prof<sup>a</sup>. J, Entrevista 9). Quando ocorrem conflitos na sala que geram as agressões físicas:

Na nossa prática, geralmente a gente tem que interferir, então até que as crianças compreendam, entre elas, elas logo esquecem, depois no momento que a gente faz uma interferência ajuda a resolver o problema, ou ajuda eles a perceberem que não é dessa forma. (Prof<sup>a</sup>. J, Entrevista 9).

Na opinião da professora E a resolução dos conflitos, “inicia na sala, com a escuta e com o olhar atento para compreender o que motivou a geração do conflito, na maioria das vezes traz uma causa externa.” (Prof<sup>a</sup>. E, Observação 1). Além disso, ela ressalta que cada criança traz consigo uma história, por isso: “é importante quando educador que adentramos um pouco nessas histórias para auxiliar nesses conflitos.” (Prof<sup>a</sup>. E, Observação 1). Para compreender as motivações por trás dos conflitos, a professora F faz uso da observação na sala de referência:

Quando noto que a criança, demonstra várias vezes conflitos por situações diferentes ou sempre pela mesma situação, converso, explico, se for por disputa de brinquedo ou brincadeira, coloco para observar os outros brincando, explico que não pode fazer, se não obter resultado, procuro conversar com a família e junto busco também através de leituras, desenhos e atividades ajudar a criança. (Prof<sup>a</sup>. F, Observação 1).

A conversa com as famílias é imprescindível para compreender as diversas situações que a criança está enfrentando em determinado momento, ou para averiguar se há realmente algum fator que justifique a agressividade. No entanto, cabe à escola resolvê-las, com base em uma conduta teoricamente amparada

A professora L tenta conduzir essas situações de forma pacífica pelo o que relata, uma vez que: “ao me deparar com situações de agressividade no contexto escolar, procuro primeiramente conversar com a criança, para tentar entender os motivos que estão originando tal comportamento, conversar com a família; para juntos conseguirmos ajudar aquela criança.” (Prof<sup>a</sup>. L, Entrevista 11). Já a professora G tem outra estratégia:

Dependendo do conflito, primeiro procuro conhecer melhor os alunos, saber como é o desenvolvimento deles, quais dificuldades e quais são as limitações dos alunos, para saber qual melhor maneira de solucionar os desafios com a turma, procuro também pesquisar atividades diferenciadas que ajudem a superar os desafios que aparecem no dia a dia na sala de aula. (Prof<sup>a</sup>. G, Observação 1).

A professora H observa que as crianças passam a maior parte do tempo na escola, pois frequentam em turno integral. Assim: “eles passam a maior parte do tempo com a gente, a gente consegue se a gente fizer alguma coisa.” (Profª. H, Observação 2).

Já a professora J relata que devido à situação, busca manter a calma, “conversar, acalmar o espaço, encontrar uma solução para o problema conflito.” (Profª. J, Observação 1). “Primeiro acolher a criança para entender o que está acontecendo, qual o motivo para as reações diversas.” (Profª. K, Observação 1). Em seguida, a professora L complementa:

Com relação aos conflitos que ocorrem em minha sala de referência, busco sempre dialogar com as partes envolvidas, ouvindo sempre suas opiniões e suas motivações que ocasionaram esta situação conflituosa, almejando fazer com que os “atores” envolvidos no conflito entendam que todos podemos nos colocar, colocar nossas opiniões, mas precisamos ouvir o outro e juntos chegarmos a resolução para todos. (Profª. L, Observação 1).

Na sala, é preciso ter atividades que envolvam toda a turma, pois podem fazer a diferença, afinal: “a minha turma é excelente, espero que continue assim, mas a nossa turma é assim, eu sento com eles, eu brinco, converso, dou colo, vou dividindo o colinho.” (Profª. C, Observação 4). Assim, a professora A afirma que faz atividades focando nas questões dos conflitos como: “contar uma historinha, a gente conversa, alguma forma, mas todos os dias aparece um problema.” (Profª. A, Observação 3).

Também é importante ter a percepção do que não está dando certo para resolver os conflitos, pois “daqui a pouco tu vai fazer de um jeito e vai ver que não funcionou, e tudo depende de como a criança está no momento, pode não funcionar.” (Profª. E, Observação 4).

A Professora L ressalta que quando acontece algo, ela diz, “a prof. briga com vocês, a mãe de vocês quando acontece algo não briga com vocês? A prof. também, quando tem algo errado tem que brigar sim, não é porque eu não gosto. É necessário a briga, é necessário chamar a atenção, parar, pensar para resolver.” (Profª. L, Observação 4). Nesse momento, a professora B traz um relato envolvendo a sua rotina com a turma:

Nossas rotinas diárias incluem a roda de conversa no início das atividades, conversamos a respeito de vários assuntos de interesse do grupo, e também falamos sobre o sentimento de cada um. Quem está alegre, porque, quem

não está e quem não está muito feliz e lidamos com os motivos no grupo, mas aqui tem, tem sido assim, ó, bom porque aí todos os dias eu tenho que falar alguma coisa que são felizes, porque eles são alegres, então de uma conversa, de uma das crianças, se torna um assunto para todos, sabem? (Profª. B, Observação 3).

“É bem complicado, a gente tem que ter muita paciência, conversar um pouquinho, aí digo para os estagiários pega o resto da turma aí, porque vou ter que dar atenção aqui.” (Profª. A, Observação 3). Entrando na discussão sobre a questão dos estagiários, a professora H ressalta a falta de entendimento e experiência deles ao acompanhar a turma, por isso afirma: “eu brigo com a estagiária para parar de mimar, porque a gente vê, aquele choro que não é choro, é pra chamar a atenção. Deus, é só mudar o foco, entreter, coisa fácil, né?” (Profª. H, Observação 2).

Existe a compreensão de que as crianças tendem a imitar gestos, falas e comportamentos. Por isso, neste ponto, destaca-se a importância da conduta da professora, que critica as crianças por brigarem em razão de comportamentos agressivos, mas, ao mesmo tempo, relata situações em que ela própria entra em conflito com a estagiária.

Pensar no ambiente da sala de referência é um ponto crucial para trazer segurança, pois: “criar um ambiente agradável, acolhedor mesmo para as crianças.” (Profª. C, Observação 4). Nos momentos em que se dão os conflitos, deve-se manter o diálogo, compreender os sentimentos envolvidos, assim como saber diferenciar os acontecimentos. “Tento resolver com calma, acolhendo aquele sentimento e mostrando que a educação amorosa é a melhor saída.” (Profª. H, Observação 1).

São muitos os sentimentos e pensamentos envolvidos nesse processo e nessa fase de desenvolvimento. Assim: “A criança por muitas vezes não consegue perceber que aquilo que está fazendo pode ser algo errado, que vai machucar o outro, e também não consegue explicar os sentimentos, as emoções envolvidas.” (Profª. I, Observação 2).

São inúmeras as estratégias adotadas pelas professoras para resolver as situações de conflitos que vão surgindo nas atividades pedagógicas diárias. “Trabalhar através da conversa, histórias, tranquilizar os ânimos, utilizar recursos emocionais. Por meio do diálogo e da negociação.” (Profª. B, Entrevista 2). A Professora C afirma que:

A estratégia mais usada é a afetividade. Em primeiro lugar tentar entender o que está acontecendo com aquela criança, tanto o agressor, quanto o agredido, porque está acontecendo o conflito, e depois é muita conversa, muito diálogo, afetividade, a gente dá afeto, porque a criança que agride é uma criança que também está pedindo ajuda, é uma criança que está gritando por favor, me ajuda. Alguma coisa está acontecendo com ela, ou em casa, ou algum conflito interno, alguma coisa está acontecendo com ela. A base de tudo é a comunicação, é o diálogo. (Profª. C, Entrevista 3).

As professoras concordam em suas falas que a maior estratégia para resolver os conflitos é o diálogo com as crianças, seguida de uma conversa franca e esclarecedora com as famílias. Além disso, é possível compreender que elas são importantes nesse processo, porém o ponto chave é o trabalho desenvolvido pelo professor com as crianças. “Uso muito o diálogo, músicas e histórias que falem sobre o tema, salientando que é errado machucar o colega, que as mãos fazem carinho, não batem.” (Profª. D, Entrevista 4). “Muito diálogo, eu com eles, entre eles, reflexão sobre o ato, pedir desculpa, mas entender o que aconteceu.” (Profª. E, Entrevista 5).

Dessa maneira, a estratégia da professora D é a “rodinha de conversa, olhar no olho da criança, conversar.” (Profª. D, Entrevista 4). Já para a professora F, a estratégia adotada consiste:

Em primeiro lugar conversar com a família, conversar com as outras professoras para ver o que está acontecendo, investigar, conversar com a criança, observar para ver o porquê ela está fazendo isso, porque algum motivo tem, conversar com a família para ver o que está acontecendo, se mesmo assim não tiver êxito, pedir ajuda de um profissional, conversar, ler, procurar o que eu posso fazer para ajudar essa criança. (Profª. F, Entrevista 6).

A professora G concorda com a professora F e acredita que:

No primeiro momento é procurar entender como é esse aluno em casa, conversar com a família, tentando entender o porquê dessa agressividade, se acostuma acontecer em casa, quais os motivos que levam esse aluno ser agressivo, também procura dialogar com o aluno, orientando a não ser agressivo. (Profª. G, Entrevista 7).

A professora B relata que sempre observa as situações de conflito e aguarda as crianças resolverem entre elas, “já que estão aprendendo a resolverem os seus conflitos, as suas discussões sozinhas, quando eles não conseguem me chamam.” (Profª. B, Observação 1). Para a professora J, as estratégias adotadas são: “observar, conversar, ter atitudes firmes, e o posicionamento de ficar sempre alerta.” (Profª. J, Entrevista 9).

Sendo assim, a discussão segue com o relato da professora K e suas estratégias para resolver as situações de conflitos:

A busca por tentar compreender o que tem por trás da agressividade, conflitos familiares ou transtornos, para que as estratégias sejam mais eficazes, até mesmo a indicação de profissionais qualificados para essas situações. Sempre buscando os combinados da turma, tentando fazer com que eles percebam seus erros e o que fazer para resolver. As intervenções precisam estar visíveis e a recompensa seja por um carimbo, um adesivo nas primeiras semanas para que estimule as ações positivas. (Prof<sup>a</sup>. K, Entrevista 10).

As estratégias pedagógicas mostram o empenho das professoras em resolver os conflitos em suas salas de referência, tendo sempre como base fundamental o diálogo e a afetividade, para compreender o que está por trás de cada gesto. Por esse motivo, é importante entender que as situações vivenciadas para poder ter a compreensão dos motivos os quais levam as crianças a tomarem certas atitudes. “Primeiramente muito diálogo, é preciso ouvir a criança, buscar entender os motivos que a levaram a agir daquele jeito e traçar estratégias para que a mesma consiga superar estes comportamentos.” (Prof<sup>a</sup>. L, Entrevista 11).

Assim, a professora G exemplifica sua estratégia por meio da rotina com a sua turma:

Quando for a hora da roda de história, procuro introduzir uma história que eu consiga dialogar com a turma algumas soluções de conflitos, ou até mesmo utilizo músicas na roda de música, para dialogar sobre o respeito e afeto que devemos ter com os nossos colegas e educadoras. (Prof<sup>a</sup>. G, Entrevista 7).

Quando as crianças não conseguem resolver as situações conflitantes, pedem para a professora intermediar, por exemplo: “quando é por ciúmes, peço para eles brincarem juntos, converso com eles, que são todos coleguinhas, amigos, não podem brigar com os colegas, que na escola todo mundo tem que brincar junto.” (Prof<sup>a</sup>. B, Observação 1). Seguindo a logística adotada pela professora, ela segue o seu relato observando que:

Alguns já tem mais afinidade com um, na escola a gente tem que ter a interação de todos, eu sempre tento manter na conversa com eles né, sempre deu certo, nunca deu problema, e quando é brinquedo a mesma coisa, ou trocamos de brinquedo ou ninguém brinca com esse brinquedo, vamos brincar com outro, ou vamos dividir, sempre ensino eles primeiro a compartilhar o brinquedo, se não está dando certo o compartilhamento, então vamos guardar esse e pegar outro, é assim que tento trabalhar com eles. (Prof<sup>a</sup>. B, Observação 1).

Diante desta discussão sobre as interações das crianças, a professora D faz uma observação sobre as estratégias adotadas para a resolução dos conflitos:

Mais empatia, assim dos adultos, mais reflexão, mais compreensão e os pequenos também, eu trabalho assim bastante, e resolvi bastante, até tinha no início alguns pequenos casos, mas através da contação de histórias, conversando, dando muito carinho, colinho, abraço, também trabalhamos músicas que falam de abraço, são coisas assim que trabalhei com os pequenos, histórias que trazem o contexto que não pode machucar o coleguinha, músicas e conversas, aí dá uma boa amenizada. (Profª. D, Observação 1).

Dessa maneira, é preciso tirar o foco da criança por meio de algum objeto, do diálogo ou qualquer outra situação, para tentar desviar a sua atenção e resolver as situações de conflito. “Quando a criança estiver em uma crise, tentar chamar, trazer outros elementos para a conversa que desviem o foco do que provocou a situação de conflito.” (Profª. E, Observação 2). “Tirar o foco daquilo ali é o começo, chamar a atenção para outra coisa. Mediação, diálogo e empatia são as estratégias para que se diminuam os conflitos.” (Profª. M, Observação 1).

Já a professora L traz o relato sobre as mudanças que ocorrem nas turmas de um ano para o outro, e como as crianças diferem em virtude da troca de professoras:

Mas o que funciona com uma criança, não funciona com a outra. Sabe o que que muda, eu trabalhei uma manhã com essa turma no ano passado. E ela hoje, enfim, é totalmente diferente do que eu tinha com eles, né? É diferente, porque é o convívio estamos estabelecendo um vínculo. É bem diferente muda muito, é bem isso que a professora falou, tu não ter rótulo daquele aluno que tu vais receber. (Profª. L, Observação 4).

Diante dos relatos das professoras, observa-se que, em alguns casos, em vez de desviar o foco, há a intenção de direcioná-lo à criança e à situação desencadeada. Por exemplo: “para ele se sentir importante, está se sentindo importante ali no grupo, a questão da autoestima tudo isso melhorou muito com ele, é um avanço que eu tenho que destacar, porque foi muito bom, mesmo faltando bastante.” (Profª. L, Observação 4).

Cada criança no seu ritmo, sua maneira de ser e de agir, por isso: “as propostas de atividades são pensadas com o intuito de proporcionar muitas alegrias, aprendizado, socialização, eles brincam e se divertem bastante, cada um com suas especificidades que nos encanta”. (Profª. D, Observação 2). As estratégias adotadas,

mostrar as propostas para a turma, envolver todos é fundamental, mas “o interesse da criança é o mais importante.” (Prof<sup>a</sup>. C, Observação 4).

Apesar de serem raros os momentos pontuados por teoria, as professoras desenvolveram estratégias para conseguirem lidar com as situações de conflitos. Assim, grande parte concorda que a observação dos fatos e o uso da afetividade é um dos pontos essenciais para resolver determinados conflitos. “É preocupante a angústia do professor que, durante a sua formação, não teve as devidas orientações para passar por toda essa complexidade que constitui a agressividade infantil [...] (Oliveira, 2021, p. 16).

Além disso, mesmo que sejam raros os momentos pontuados por teoria, a sua ausência acarreta em uma compreensão e interpretação distanciada, como por exemplo: afirmar que a agressividade é culpa de problemas neurológicos, bem como culpabilizar as famílias.

Dessa maneira, com base na teoria, a conduta das professoras poderia seguir um caminho diferente, adotando estratégias mais adequadas à compreensão da realidade vivenciada pelas crianças. Por esse motivo, é preciso saber direcionar o trabalho pedagógico para que a resolução de conflitos se torne mais efetiva, especialmente considerando que, nessa faixa etária, muitas crianças ainda não desenvolveram plenamente suas habilidades sociais.

### 5.3 A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS POR MEIO DO PRINCÍPIO FORMATIVO

Neste momento, apresento a última categoria emergente derivada da pesquisa realizada que traz discussões parciais que diz respeito aos autores por meio do princípio formativo. No entanto, em muitas ocasiões, não são mencionados os dados referentes a autoria como: nomes, artigos, datas ou páginas.

#### Princípio Formativo

As estratégias adotadas para resolver os conflitos sempre passam por modificações, porque: “daqui a pouco tu vais tentar resolver com a mesma estratégia e não vai dar certo, porque naquele dia a criança não está bem, ou até mesmo nós não estamos bem, e o nosso tom de falar também muda.” (Profª. I, Observação 4). Assim, existem casos e situações que são bem difíceis de lidar:

E aí tu ficas, que nem no caso ali, que tu ainda não conseguiste identificar o que a menina tem, o que é, o que pode ser. Mas de repente, só a gente não basta, né? Porque enquanto a família também não tiver o olhar para aquela criança, e não levar aquela criança para um outro profissional também, ter um outro olhar, fazer uma avaliação do que poder ser, ela vai ter problemas sim, mais para frente também, de aprendizagem, ela vai ter, na vida emocional dela nem se fala, vai acarretar uma série de coisas. Então, o quanto antes a gente conseguir lidar com essas coisas, com esses detalhes, a gente tenta resolver, mas também precisamos do olhar, da ajuda das famílias. (Profª. I, Observação 3).

Em algumas situações, as questões do contexto familiar também dificultam as estratégias adotadas na escola para resolver os conflitos. Nesse caso: “tudo que se relatava para a mãe que ocorria durante o dia, ah ele fez isso, fez aquilo, a mãe falava que ele ia apanhar quando chegasse em casa”. (Profª. E, Observação 6).

Por isso, prestar atenção aos detalhes de cada situação pode configurar na melhor forma de buscar a resolução para os problemas assim como repensar e aprimorar o trabalho pedagógico. Assim: “começar a resolver as situações entre nós, na turma, na sala, e as coisas fluírem, irem se resolvendo.” (Profª. I, Observação 2). Logo, a professora K complementa:

Criar estratégias/combinados para buscar a resolução do conflito desde painéis, prêmios para o final da semana, recursos para a volta a calma,

brincadeiras e músicas que falam sobre o tema a ser trabalhado e caso não seja resolutivo aí buscamos auxílio da família para traçar a melhor estratégia e ir até em busca de rede de apoio. (Profª. K, Observação 1).

As discussões que se seguem trazem mais aparentemente a teoria discutida nas formações, por meio de trechos dos textos e artigos, e em sua maioria não são mencionados os autores, ano ou páginas destes. Nesse meio, surgem indagações em relação ao comportamento agressivo das crianças, as quais são discutidas, induzindo a reflexão a partir das seguintes perguntas: “Oliveira pergunta de que forma se expressa o comportamento agressivo nas crianças da Educação Infantil? E como os professores devem lidar com essas condutas?” (Profª I, Observação 2). Assim, a professora M responde:

A gente já sabe que de várias formas, tem vários tipos, elas trazem coisas de casa, tem as coisas que desencadeiam, o dividir a atenção, aquilo não é bom pra mim, mas é a forma que a criança tem. A gente acaba pela experiência ali, achando várias formas, várias vezes dá certo com um, com outro não dá. (Profª. M, Observação 2).

A professora M segue a discussão trazendo mais um trecho do texto, o qual diz que: “o professor precisa desenvolver uma visão ampla ao lidar com a criança agressiva, procurando analisar o porquê de tal comportamento, bem como observando se tal atitude foi intencional.” (Oliveira, 2021, p.7). Mas nem sempre é possível ter certeza, mesmo por meio da observação, se determinada atitude teve ou não a intenção de ser agressiva. Assim, a professora H reflete sobre a turma do Berçário:

No caso aqui mesmo é berçário, são bebês, será que ele teve a intenção? Não, é o instinto. Às vezes é o instinto, né? Vou me defender ou algo assim. Nesse texto mesmo a autora Oliveira, traz muito o Piaget e o Wallon, Piaget fala que a inteligência aí, é o que entra na agressividade, os conflitos entram muito na parte do desenvolvimento, da inteligência, do emocional, da afetividade. (Profª. H, Observação 2).

Cada professora traz um olhar sobre a sua prática pedagógica em relação à turma na qual atua, por isso se faz necessário trazer tranquilidade e equilíbrio para as crianças em momentos de crise emocional diante dos conflitos, bem como para a evolução do desenvolvimento em qualquer faixa etária. “Assim como o desenvolvimento cognitivo da criança é progressivo, o comportamento da criança

também é, e deve ser analisado e trabalhado de forma que possa ter mais equilíbrio.” (Oliveira, 2021, p.9).

No decorrer das discussões e reflexões o diálogo e a afetividade estão sempre presentes como ações que influenciam positivamente sobre os atos de agressividade. A professora I menciona uma citação que faz parte do artigo de Oliveira onde desenvolve essa questão por meio das palavras de Piaget: “Na realidade, a tendência mais profunda de toda atividade humana é a marcha para o equilíbrio. E a razão – que exprime as formas superiores deste equilíbrio – reúne nela a inteligência e a afetividade” (Piaget, 2011, p. 63).

Além disso, compreender os diversos ambientes nos quais as crianças estão inseridas é fundamental para refletir sobre a agressividade. No entanto, nem sempre são apenas elas que manifestam comportamentos mais agressivos despertam maiores preocupações. Assim: “não quer dizer que, porque o ambiente da criança seja agressivo, que a criança vai ser agressiva. Daqui a pouco a criança fica ali no cantinho retraída, porque já tem medo de entrar no conflito.” (Profª. D, Observação 2). Nessa interação, a professora K menciona Oliveira, 2021, p. 10, que traz Wallon:

Para quem, pelo contrário, não separa arbitrariamente o comportamento e as condições de existência próprias de cada época do desenvolvimento, cada fase é um sistema de relações entre as capacidades da criança e do meio que faz com que eles se especifiquem reciprocamente. O meio não pode ser o mesmo em todas as idades. Ele é feito de tudo o que favorece os procedimentos de que a criança dispõe para obter a satisfação de suas necessidades. Mas, por isso mesmo, é o conjunto de estímulos sobre os quais se exerce e se regula sua atividade. Cada etapa é a um só tempo um momento da evolução mental e um tipo de comportamento. (Wallon, 2007, p. 29).

Levando todos esses aspectos em consideração, é possível refletir sobre os processos de desenvolvimento das crianças que são acompanhados por conflitos, podendo sempre estarem relacionados ao ambiente e impulsos como um escape em determinada situação.

Por essa razão, a professora I traz um pouco do texto por meio de uma citação de citação: “em todos os casos, às vezes a ocasião é insignificante” (Wallon, 2007, p.137), a ocasião do fato que aconteceu, “os impulsos são como efeito de uma auto-ativação, de uma incontinência, de um escape dos controles habituais da conduta. Esses controles ainda são débeis e inorganizados na criança.” (Profª. I, Observação 3). Assim, a professora B complementa:

Então, que dizer, às vezes é os impulsos, mas ela não tem uma organização, ela não faz aquilo ali porque ela quer, é uma. Como ela não tem um autocontrole, uma maturidade, ela acaba pelo impulso fazendo certas coisas, né? E eles, por serem desorganizados, também “no adulto devido a vicissitudes íntimas ou fisiológicas. O vendaval passa sem deixar mais motivos para a atividade subsequente do que os que a atividade anterior...” então assim, é um vendaval, naquele momento, naquela hora, mas daqui a pouco passa, de uma hora para a outra aquilo passa. (Profª. B, Observação 3).

As professoras culpabilizam diretamente as famílias pelo comportamento agressivo das crianças, ao dizer que estas desestruturam e fomentam tais ações. Entretanto, na sala de referência o foco é o trabalho desenvolvido pelo professor, o qual precisa estar amparado teoricamente. A professora I menciona um trecho do texto de Oliveira na página onze: “A criança percebe que a reprodução é possível através da motivação, que o impulsiona à imitação que normalmente vem do adulto, a partir da qual a criança vai reproduzir da sua forma.” (Profª. I, Observação 3).

Muitas vezes, ao falarmos, não temos o devido cuidado com o que dizemos. De certa forma, isso pode motivar a criança a repetir aquele comportamento. Elas acabam imitando os adultos, tanto nas falas quanto nas atitudes. O que o adulto faz, a criança tende a reproduzir à sua maneira. Mesmo quando um adulto está apenas relatando algo, ela pode repetir, mas não exatamente da mesma forma e sim conforme sua compreensão, que ainda está em desenvolvimento. Assim, a professora A intervém:

Ainda na página onze, Oliveira nos diz que: ...fatores como o ambiente em que os indivíduos vivem, bem como aquilo em que eles acreditam, ou o que conhecem e fazem, quando relacionados, explicam o comportamento humano, que é, assim, influenciado de diversas formas. Nosso próprio comportamento mesmo quando adultos, é influenciado de diversas formas, dependendo do meio que a gente está inserido, dependendo do que a gente está se propondo, porque também pegamos as coisas para nós. (Profª. A, Observação 3).

A professora I fala que o que dá certo numa turma, não dá certo na outra, tu podes até tentar e dar certo, não existe uma receita, tem muita coisa envolvida, Oliveira nos diz que, “o comportamento agressivo é definido pelos julgamentos sociais.” (Profª. I, Observação 3). Nós mesmas começamos a julgar, o adulto começa a julgar determinadas ações das crianças, sem saber como lidar com as situações, por isso a criança acabando sendo rotulada e tomando para si aquilo que ouviu, por fim reproduzindo falas e atitudes que não são condizentes com a realidade. Com isso, a professora E traz mais um relato:

Responsáveis por dizer se tal conduta se expressa de forma não aceitável ou se o comportamento é preciso e socialmente aprovado, página 11. Então a gente tem um comportamento, já foi aprovado, esse é o certo, não é assim, eles estão aprendendo, eles ainda não têm a maturidade, só que a gente julga que tem um comportamento certo. Mas daqui a pouco o que é um comportamento correto para ti, dependendo da percepção da pessoa, não serve para a outra, mas enquanto adultos vivemos em uma sociedade, e a gente já tem predefinido, ó, para viver em sociedade é dessa forma, né? (Profª. E, Observação 3).

Na página 12, Oliveira comenta que, “entre outros fatores que podem levar a criança a atitudes agressivas estão os problemas sociais e familiares”. (Profª. C, Observação 3). Exatamente onde começa, e a escola vai entrar somente um pouquinho depois na vida das crianças, pois estão aprendendo a lidar com as suas emoções.

Assim, Oliveira traz uma citação de Santos, 2008, na qual afirma que: “essas crianças ao sentirem a ausência e a necessidade de suas bases estruturais apresentarão comportamentos em desacordo com os aceitáveis socialmente para, de algum modo, conseguirem a sua maneira a satisfação às suas necessidades”. (Profª. I, Observação 3).

Quais são as bases estruturais da criança? A base principal é a família. Ainda segue o texto com uma citação de Pesce, 2009, na página 13, que afirma o seguinte: “práticas parentais inadequadas, caracterizadas por disciplina ineficiente, negligência, ausência de atenção e afeto, disciplina relaxada, punição inconsistente, são tidas como prejudiciais ao desenvolvimento infantil, podendo desencadear comportamentos agressivos.” (Profª. I, Observação 3). Com isso, a professora A ressalta:

É como se estivesse empurrando o que a família teria que resolver, empurrando para a escola. E aí, a criança vê a família como o seu primeiro modelo, exercendo uma importante influência no seu comportamento, página 14. A família sim exerce uma importante influência no comportamento dessas crianças. E aí acabam empurrando muitas vezes isso para a escola, para a escola resolver, porque as famílias já não querem mais resolver o conflito. (Profª. A, Observação 3).

Oliveira traz mais uma citação na página 14 de Pietro e Jaeger, 2008: “o acolhimento parece um bom caminho para se chegar às crianças agressivas, a fim de entender o que elas demandam, à família ou à escola, mas que lhe é particular e tem relação com todos que a cerca”, página 1. (Profª. I, Observação 3).

Dessa forma, cada caso é particular, como destacou a professora E: não estamos acolhendo apenas as crianças, mas também suas famílias. Família e escola precisam, juntas, encontrar caminhos para lidar com esses desafios, pois não há outra forma eficaz de enfrentá-los. É necessário refletir sobre nossa prática. Como afirma Oliveira (p. 14):

Compreender a singularidade da criança e o fato de que ela vive no meio de uma sociedade, absorvendo e expressando múltiplas coisas, é um caminho para que consigamos ver com mais sensibilidade cada criança no seu contexto familiar, que é refletido diretamente na escola, Oliveira 2021. A criança expressa e absorve múltiplas coisas, por onde ela passa, ela vai intensificando tudo isso de alguma forma, a professora A está tendo bem esse olhar também, né? A professora B também na função de quando se preocupa, acho que todas nós, né professora E, temos essa sensibilidade de ver, de tentar achar algo para ajudar aquela criança, para tentar resolver, mas nem sempre a família tem essa aceitação. Não cabe somente a nós, se a família não pegar junto com a escola, a responsabilidade não é só nossa, né? A gente tenta sim, mas não é. Não cabe, e às vezes somente o chegar na família já é difícil. (Prof.<sup>a</sup> I, Observação 3).

A teoria sempre está vinculada a prática, pois sempre tem algo que observamos ou lemos, que pode nos ajudar muito na questão principal dos conflitos em sala de aula. Assim, Oliveira fala: “sobre a necessidade de contrato afetivo entre as pessoas. Do educador ter a veracidade dos fatos”. (Prof.<sup>a</sup> I, Observação 4).

Assim, observar o que desencadeia o conflito e o que provoca a agressividade, compreendendo e atribuindo significado a cada criança e a cada situação, torna-se possível quando o professor está atento, sensível e comprometido com sua prática pedagógica. Com isso: “compreende a real situação que originou o problema, fica mais fácil lidar com as situações do cotidiano, Oliveira página 14.” (Prof.<sup>a</sup> A Observação 4). A professora L traz uma citação do autor acompanhada com seus comentários:

Muitas crianças ao entrar em uma escola, não entendem sobre regras, sobre ter uma rotina e que podem ter uma reação mais agressiva quando tais princípios são colocados em prática na sala de aula, páginas 14 e 15. E podem, porque na maioria das vezes não sabemos o contexto daquela criança, então muitas vezes a criança acaba encontrando um refúgio na escola. (Prof.<sup>a</sup> L, Observação 4).

“A criança encontra refúgio na escola, que até mesmo pode se apresentar como o único ambiente que vai educá-la para viver melhor socialmente, inclusive preenchendo a lacuna que foi deixada pela família, trazendo mais segurança e confiança página 15.” (Prof.<sup>a</sup> B, Observação 4). Com isso, a escola é um ambiente

que vai promover diferentes possibilidades para determinada situação: “a partir do momento que temos as formações, a teoria nos esclarece algo sobre a nossa prática.

A experiência de estar em sala, de uma turma ser diferente da outra, vai fazendo também que consigamos arrumar, organizar estratégias para resolver os conflitos. (Profª. I, Observação 4). Na sala existem muitas possibilidades de desorganização emocional, como nos traz Souza na página 47 a partir do contexto escolar quanto à socialização das crianças:

Elas realizam parte expressiva de suas interações sociais com outras crianças. Isso torna o ambiente escolar um espaço propício para a promoção do desenvolvimento infantil, assim como para identificação e/ou desenrolar de problemas de comportamento na infância. Dessa forma, deve-se atentar para os contextos e circunstâncias, em termos desenvolvimentais, em que a agressividade é parte dos processos de maturação e adaptação da criança, para que não se considere todos os comportamentos agressivos como problemáticos. (Profª. I, Observação 5).

O próximo relato faz referência ao comportamento de crianças atípicas, trazendo na fala da professora as questões da inclusão, e a dificuldade de entendimento das outras nesses casos, pois: “lidam com questões mais específicas, a primeira coisa é a repetição dos comportamentos, gerando novos conflitos, principalmente relacionados a agressividade.” (Profª. A, Observação 5).

Souza nos revela nas páginas 53 e 54 que: “grande parte das crianças responde aos comportamentos agressivos dos pares excluindo a criança agressora, indicando que talvez a estratégia dessas crianças seja uma resposta de agressão relacional a comportamentos de agressão externalizada.” (Profª. I, Observação 5). Assim, a professora J traz outro trecho do artigo na página 54:

Três temas compreenderam a agressividade como resultante da fase desenvolvimental da criança, e mais três entenderam-na como decorrente de desenvolvimento atípico ou mal-estar da criança. Seguindo que muitas questões, apontam para uma lacuna por parte de algumas educadoras sobre o desenvolvimento infantil. Como este não é estaque, reflete-se que parte da agressividade expressa nessa idade, pode ser considerada como desenvolvimental, principalmente se a criança ainda não adquiriu habilidades sociais. Então seguimos em busca de resoluções que possibilitem pelo menos amenizar os conflitos na sala de aula, partindo ou não de casos atípicos. (Profª. J, Observação 5).

Nesse sentido, sempre parto do princípio da problemática de que algo errado está acontecendo com determinada criança, a partir da: “a observação, a escuta

daquela criança pode indicar alguma coisa, assim procuramos embasamento teórico para auxiliar no enfrentamento dessas situações.” (Profª. E, Entrevista 5).

Além disso, também: “Costumo ler, entender, buscar como eu posso trabalhar em sala, achar uma dinâmica, achar um jeito que ajude essa criança, que transforme o ambiente escolar mais prazeroso, tanto pra ela, quanto para os outros que estão a volta.” (Profª. F, Entrevista 6). Assim, entender o que está acontecendo de uma forma mais dinâmica possibilita abrir nossas mentes para a pesquisa teórica, bem como para que possamos trazer uma resolução mais pacífica para determinados conflitos.

“É uma forma de estarmos em constante aprendizado e na busca de recursos e estratégias ainda não utilizadas para tentar resolver a situação.” (Profª. K, Entrevista 10). “Procuro ler sobre o assunto, busco informações sobre o desenvolvimento, me oriento com outras colegas mais experientes, e também nos cursos da internet encontro o apoio teórico que necessito.” (Profª. H, Entrevista 8).

“A teoria que procuro utilizar é planejar atividades voltadas para amenizar situações de agressividade, pesquisando, lendo sobre o assunto.” (Profª. G, Entrevista 7). “Acho que tudo que a gente faz ou todas as situações novas, a gente procura realizar uma leitura, um estudo, ter um embasamento, de maneira geral sempre procuro ter uma base para tentar resolver algum problema.” (Profª. J, Entrevista 9).

O professor deve estar atento e mediar os conflitos, entendendo os motivos de ambas as partes. Assim: “Conhecer as fases do desenvolvimento infantil e a realidade dos alunos ajuda nessa compreensão porque deve estar seguro para colher os sentimentos das crianças e desenvolver com as famílias uma parceria para a solução dos conflitos.” (Profª. H, Observação 1).

“Precisamos sempre estar embasadas teoricamente para sabermos a melhor forma de agir frente a um entrave.” (Profª. L, Entrevista 11). “Temos que objetivar estimular a tolerância, as diferenças, e melhorar o convívio entre as crianças e torná-las mais pacientes e prestativas com o outro.” (Profª. B, Observação 3).

“Acredito que a resolução de conflitos se dá muito pela afetividade e também é importante que eles deem importância para o que a professora fala.” (Profª. E, Observação 4). “A gente não aprende, tanto na graduação na Pedagogia, o que sempre passam, as informações giram em torno da afetividade.” (Profª. C, Observação 4).

“A professora tem que saber o que está trabalhando, ser segura para passar para os pais, quando somos questionadas temos que estar muito bem embasadas

teoricamente do que estamos falando.” (Prof<sup>a</sup>. E, Observação 4). “As leituras trazem significado diante das problemáticas a serem resolvidas.” (Prof<sup>a</sup>. I, Observação 5).

Nos relatos, as professoras falam da afetividade, mas em nenhum momento explicam o conceito de afetividade, dessa forma, fica evidente que não há embasamento teórico para tal. De acordo com Ferrarezi (2023, p. 79) “o indivíduo é o resultado do desenvolvimento de vários processos, afetivo, mental, cognitivo e físico, tanto interno como externo”. Assim sendo, o seu desenvolvimento depende de determinados fatores relacionados às suas experiências afetivas e sociais.

“Comecei a pesquisar também, me informar, as trocas na formação, é muito diferente, tudo muda.” (Prof<sup>a</sup>. E, Observação 2). “Peguei dicas com a função da formação, a gente acha que eles são pequenos e que não vão entender, precisei compreender as fases e depois conversar com as estagiárias para dizer que o que as crianças estavam fazendo não era maldade.” (Prof<sup>a</sup>. H, Observação 2).

“Foi ótimo, depois das formações, procurei envolver todos em todas as atividades, porque a primeira tendência era afastar a menina que se envolvia nos conflitos para diminuir. (Prof<sup>a</sup>. D, Observação 3). “Agora deu uma boa acalmada na questão, essa função que a gente trabalhou, que nós estamos trabalhando, se a gente observar e seguir com as leituras, a gente consegue.” (Prof<sup>a</sup>. M, Observação 4).

Seguindo com as discussões, a professora H diz que “às vezes eu não tenho segurança de me posicionar. Isso que me falta. Sabe, eu sei que está correto, o que estou fazendo. Mas daí surge o conflito em relação aos estagiários, que ficam criticando.” (Prof<sup>a</sup>. H, Observação 2). “Devagarinho eu entendi, fui entendendo aquilo ali, depois das formações, fui tentando desfocar ela da intenção da mordida, fazia ela se envolver na rodinha, dar mais atenção, fomos percebendo como são espertos, muitas vezes é só para chamar a atenção.” (Prof<sup>a</sup>. D, Observação 2). Logo, a professora I intervém a partir de seu relato:

Então assim, são essas coisas, entra bem a questão da formação, a gente não aprende a resolver. Não tem uma aula específica, disciplina para lidar com isso, com os conflitos. Chegamos lá, caímos de paraquedas. Porque assim, tu estudaste, mas eles não te disseram, ó, é assim, tu vais fazer isso. Não, tu acabas tendo que aprender sozinha. Na prática, e a prática diz muito, aí tu adquire certa experiência, daí tu vais fazer uma graduação, que acho que foi o caso de todo mundo, começou a trabalhar pra depois fazer. Aí tu vais lá, tem a teoria, alguma coisa sobre, mas ninguém naquele momento ensina que quando chegar assim, quando tiver um conflito, ou na hora da alimentação, do sono da tua turma, tu vais fazer desse jeito. Então tu acabas tendo que aprender só com a prática, com as experiências que se vai adquirindo. Ai quando tu estás lá, vamos dizer no meio da tua carreira, daí tu

diz bah, tu começa a olhar com outros olhos. No passado eu poderia ter resolvido, mas eu também não tinha maturidade ou faltava isso, ou faltava aquilo, para conseguirmos fazer, faltava teoria para compreender certas situações e lidar com elas de maneira mais apaziguadora. (Profª. I, Observação 2).

“Eu achei tri boa a formação, e o quanto foram positivas as contribuições de todas e dos textos que foram discutidos, isso é bom para todas nós”. (Profª. E, Observação 2). “Eu também não sei resolver sozinha, e essa formação justamente veio a contribuir, a teoria vai ajudar sim, vai contribuir mais, aprendemos mais até mesmo a pesquisar sobre as demandas de cada sala”. (Profª. I, Observação 3). “Então, houve no início algumas dificuldades na divisão de brinquedos e com os materiais, mas após as formações e as leituras, com o tempo foi sanado e aos poucos conseguimos resolver os conflitos”. (Prof.B, Observação 3).

Além disso, a professora B traz mais um relato referente às estratégias adotadas para resolver os conflitos:

O trabalho com valores esteve presente todos os dias e também estamos envolvendo conhecimento socializado sobre compreensão, atitudes de respeito, solidariedade. Porém, em alguns momentos ainda existem conflitos iniciados por uma colega. Até os que não sentavam junto, já sentam junto, estão aprendendo a escutar o que o outro fala. Essa questão da rodinha de que eles começaram sobre os sentimentos, está sendo muito importante também, porque, digamos, precisam relatar, falar. Conflitos existem, tem essa menina e mais três meninos, esses estão fazendo tudo muito junto, outras atividades fora da escola, então criando alguns acordos, mas nada que não se possa colocar numa cadeirinha. (Profª. B, Observação 3).

Diante desta fala, a professora L também traz o seu relato, referente as estratégias adotadas, após o início das discussões dos textos e das formações:

Com relação a esses acontecimentos, as crises, os conflitos, nós estamos conversando, conversei com eles, eles estão pedindo desculpas. Conversei com os pais também, disseram que no caso desses meninos, iriam procurar ajuda psicológica, até por causa de problemas maiores futuramente. Com relação a menina, estamos tendo mais função, quando estamos só com ela conseguimos fazer algo, mas no grupo ela desafia, ela tem comportamentopositor, não quero, não faço, então é isso com a mãe também. A mãe disse que conversa, mas na verdade não é isso né? É uma coisa que ela vai ter problemas. No grande grupo se percebe que todos interagem com todos, eles têm grupinhos, mas todos se relacionam muito bem entre si. São amigos, parceiros, demonstram muito afeto, tem uns que só vão embora somente quando dão tchau e abraçam todo mundo. Temos esses casos mais afoitos de parceria, mas já melhorou bastante. Até para sentar era uma briga, na hora do almoço não queriam comer porque não sentavam do lado de um e de outro. Daí deu uma reduzida boa, desfocaram, percebi que eles começaram a se sentir mais incluídos.” (Profª. L, Observação 4).

“Realizamos várias atividades para trabalhar as emoções. Quando o problema aparece a gente está conseguindo conversar com eles e consegue resolver esses conflitos, o que também ajuda na relação com as crianças”. (Prof<sup>a</sup>. C, Observação 4). “Estamos em conflito com as famílias, mas tudo que estamos fazendo aqui, as formações, tem nos ajudando em sala de aula em algum momento, a refletir e ir em busca de estratégias diferentes que possibilitam resolver as problemáticas. (Prof<sup>a</sup>. E, Observação 6).

Além disso, ela também afirma que: “Eu achava que não ia conseguir fazer com eles, mas agora no final, se consegue contar uma história pra eles, eles já conseguem prestar atenção. Em relação as crianças, eu acho que nunca estive tão feliz enquanto professora, nunca me senti tão realizada.” (Prof<sup>a</sup>. H, Observação 6).

“Achei que eu ia fazer diferente, que eu ia fazer mais, mas eu não percebi todos os dias, que tu chegas com uma intenção, um intuito e tu não consegue fazer aquilo. Eu acho que eu escolhi correr atrás, e estou muito feliz assim, porque eu consegui.” (Prof<sup>a</sup>. A, Observação 6).

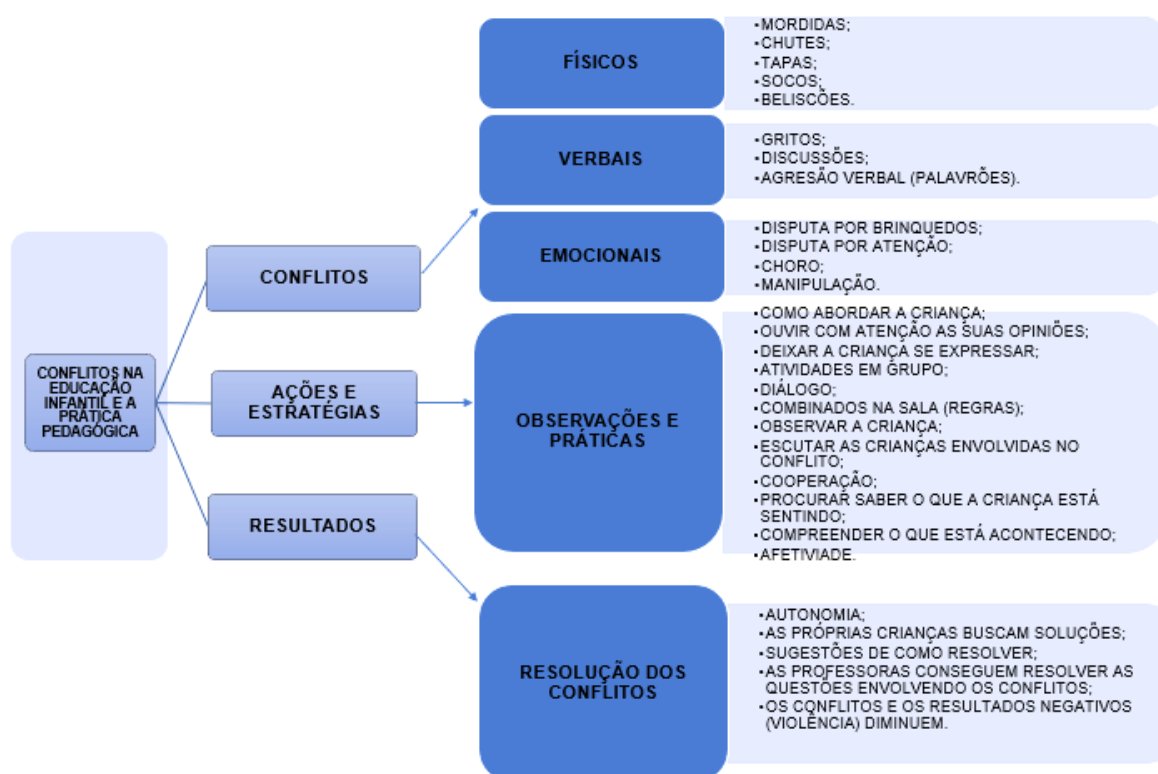
“Através da rolinha de conversa, no momento do brincar e do falar, começamos a perceber a melhora dos conflitos existentes na sala, também criamos novas regrinhas propostas pelas crianças.” (Prof<sup>a</sup>. D, Observação 6). “Notamos que ele começou a interagir mais, que os conflitos que existiam até em função das outras crianças na sala de aula, se extinguiram de certa forma, estão ocorrendo em menor número.” (Prof<sup>a</sup>. I, Observação 6).

Os conflitos são inerentes à condição humana, especialmente quando se inicia o desenvolvimento das relações sociais, como ocorre na Educação Infantil por meio da interação. Diante dessa realidade, todos temos um papel fundamental para desempenhar no desenvolvimento das crianças. Como afirma Luz:

Os cuidadores (professores, pais e demais adultos) desempenham papel inegável no processo de desenvolvimento das crianças, entretanto, sua forma de agir e pensar não deve impedir o reconhecimento das especificidades do comportamento infantil. Se considerarmos essas ideias, podemos reconhecer as dificuldades e exigências da tarefa educativa, pois as singularidades do comportamento de cada criança é que devem permear a relação educativa em substituição a um modelo de criança idealizado pelos adultos. (2008, p. 130).

A partir das discussões realizadas ao longo da pesquisa, especialmente sobre a questão de quem exerce o papel no desenvolvimento das crianças, foi elaborado, ao final da formação, um mapa conceitual. Esse material apresenta, de forma mais clara e abrangente, os conflitos existentes na Educação Infantil, a prática pedagógica adotada, bem como as ações e estratégias utilizadas para a resolução desses conflitos.

## Mapa Conceitual



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

## Quadro Comparativo de Respostas

O quadro abaixo foi elaborado a partir de perguntas feitas no início e ao final da formação, com o objetivo de comparar se houve, de fato, mudanças no pensamento e na prática pedagógica das professoras após a realização da pesquisa. Para isso, dois questionamentos foram propostos. Para isso, foram elaborados dois

questionamentos, são eles: “o que você entende por conflitos?” e “Quais estratégias tu utilizas para resolver os conflitos na sua sala de referência?”.

PROF <sup>a</sup> .	QUESTÕES	ANTES DAS FORMAÇÕES	APÓS AS FORMAÇÕES	Percepções da pesquisadora
A	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	Acredito que há vários, mas vou falar sobre um específico os que as crianças vem de casa com coisas que viram acontecer e mexe com eles, eles chegam na sala angustiados e isso nos deixa com dois corações um de atender aquela criança e outro de atender o todo ( as outras crianças)! É bem difícil, a presença de auxiliares na sala é essencial!	São vários, o maior ao meu ver são problemas familiares.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não incluiu <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?	Eu converso com os casos mais "graves" sem me meter muito na intimidade da família e tento acalmar a criança e chamar a atenção para alguma atividade!	Muita conversa, tentativas de conversas.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não incluiu <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
B	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	Vou falar sobre o que eu vejo na minha turma tá, os conflitos que existem na sala são em função de disputa por brinquedos, ou até mesmo disputa de amizade, tá, tem algumas crianças que tem ciúmes de outras brincando, eles já começam a ter grupinhos de amigos, e aí sempre um acaba sobrando nesses grupinhos, aí acaba dando alguns conflitos, mas nada muito, assim de brigas, uma chama a outra de feia, essa coisa toda, não é mais minha amiga, mas não são conflitos de brigas sabe. É só esses conflitinhos assim tranquilos.	Quando uma criança bate em outra, dentro do grupo existem crianças que implicam verbalmente com os outros ou até mesmo quando uma criança bate.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS	E o que que eu faço, sempre tento intermediar né, primeiro eu vejo como está, eu sempre espero eles resolverem entre	Trabalhar através da conversa, histórias, tranquilizar os ânimos, utilizar recursos emocionais.	Percebo uma <u>mudança de estratégias</u> após a formação,

	CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?	eles, eles já estão aprendendo a resolverem os seus conflitos, as suas discussões sozinhos, quando eles não conseguem me chamam tá, eles vem e me aviso para intermediar, quando é por ciúmes peço para eles brincarem juntos, essa situação assim, converso com eles, que são todos coleguinhas, amigos, não podem brigar com os colegas, que na escola todo mundo tem que brincar junto, que alguns já tem mais afinidade com um, na escola a gente tem que ter a interação de todos, eu sempre tento manter na conversa com eles né, sempre deu certo, nunca deu problema, e quando é brinquedo a mesma coisa, ou trocamos de brinquedo ou ninguém brinca com esse brinquedo, vamos brincar com outro, ou vamos dividir, sempre ensino eles primeiro a compartilhar o brinquedo, se não está dando certo o compartilhamento, então vamos guardar esse e pegar outro, é assim que tento trabalhar com eles.		mesmo <u>não</u> incluindo <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo.
C	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	Entendo conflito como desentendimentos entre duas pessoas ou mais e também entendo que existam conflitos internos, que acontece muito com as pessoas.	Compreendo como conflitos na Educação Infantil, aqueles conflitos de uma criança com outra, de um grupo com uma criança, assim como os conflitos internos que eles têm, muitos tem conflitos internos também.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?	As estratégias são com muita conversa e muito amor, carinho para entender as partes.	Em primeiro lugar tentar entender o que está acontecendo com aquelas crianças, tanto o agressor, quanto o agredido, porque está acontecendo o conflito, e depois é muita conversa,	Percebo que após a formação houve uma <u>mudança no entendimento do conflito e que algo pode estar afetando essa criança.</u>

			<p>muito diálogo, afetividade, a gente dá afeto, porque a criança que agride é uma criança que também está pedindo ajuda, é uma criança que está gritando por favor, me ajuda. Alguma coisa está acontecendo com ela, ou em casa, ou algum conflito interno, alguma coisa está acontecendo com ela.</p>	<p>mesmo <u>não</u> incluindo <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo.</p>
D	<p>O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?</p>	<p>Conflito pra mim, é assim, as pessoas pensam diferente, sei lá às vezes não concordam, e essas discordâncias geram conflitos, descontentamento, se falando de pessoas adultas. E pensamentos diferentes, cada um quer que a sua ideia seja verdadeira, e acabam um dos exemplos. E as crianças por disputa de coisas, ou por esses que eles veem em casa, já vem assim, tem problemas em casa, e já vem com aquela coisa de, né de ver conflitos em casa, os pais não se entendem, brigam e coisas assim, ai eles já vem com aquela cultura de casa e acaba refletindo na escola. E às vezes são coisas simples, disputa por brinquedo, essas coisas assim.</p>	<p>Pequenas disputas por pertences pessoais.</p>	<p>Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.</p>
	<p>QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?</p>	<p>Estratégia né, mais empatia, assim dos adultos, mais reflexão, mais compreensão e os pequenos também, eu trabalho assim bastante, resolveu bastante até tinha no início assim alguns pequenos casos, aí contando histórias, conversando né, dando muito carinho demais, colinho, abraço, trabalhamos músicas que falam de abraço e eles dão</p>	<p>Rodinha de conversa, olhar no olho da criança, conversar.</p>	<p>Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.</p>

		abraço, são coisas assim que eu trabalhei com os pequenos, histórias que não pode machucar o coleguinha, músicas e conversas aí dá uma amenizada boa.		
E	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	Conflito é um atrito, uma desorganização da criança, uma forma de expressão de que algo está incomodando.	É na Educação Infantil que acontecem as primeiras interações sociais, além da família, nas relações que surgem os conflitos entre as crianças, conflitos naturais e necessários para o aprendizado da convivência.	Percebo aprendizados decorrentes da formação, pois inclui <u>debates</u> trabalhados no processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?	A resolução dos conflitos na sala, na minha opinião iniciam com a escuta, com o olhar atento para compreender o que motivou a geração do conflito, na maioria das vezes traz uma causa externa. Cada criança traz consigo uma história, é importante quando educador que adentramos um pouco nessas histórias para auxiliar nesses conflitos.	Muito diálogo, eu com eles, entre eles, reflexão sobre o ato, pedir desculpas, mas entender o que aconteceu.	Percebo pouca aprendizagem decorrente da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
F	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	Conflito pode ser causado em várias situações, como em dizer um não para criança, dizer para guardar os brinquedos, tirar o desenho preferido, colocar para dormir, quando estiver cansado, disputa por brinquedos, enfim inúmeras situações que podem desencadear birras, choros, nas crianças. Outras vezes as crianças estão preocupadas, tristes e não sabem dizer o que estão sentindo, demonstram através dos conflitos que estão passando por algo.	Considero como conflitos os desentendimentos que ocorrem durante as interações das crianças nas brincadeiras.	Percebo pouca aprendizagem decorrente da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA	Quando noto que a criança, demonstra várias vezes conflitos por situações diferentes ou sempre pela mesma situação, converso,	A minha estratégia em primeiro lugar é conversar com a família, conversar com as outras professoras para ver	Percebo aprendizados decorrentes da formação, pois inclui <u>debates</u> trabalhados no

	SUA SALA DE REFERÊNCIA?	explico, se for por disputa de brinquedo ou brincadeira, coloco para observar os outros brincando, explico que não pode fazer, se não obter resultado, procuro conversar com a família e junto busco também através de leituras, desenhos e atividades ajudar a criança.	o que está acontecendo, investigar, conversar com a criança, observar para ver o porque ela está fazendo isso, porque algum motivo tem, conversar com a família para ver o que está acontecendo, se mesmo assim não tiver êxito, pedir ajuda de um profissional, conversar, ler, procurar o que eu posso fazer para ajudar essa criança.	processo de formação.
G	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	Conflito pra mim penso que é um enfrentamento, um desafio.	Considero que os conflitos na educação são várias questões que são conflitos como, por exemplo, problemas pessoais das famílias onde os alunos acabam fazendo parte desses problemas onde muitas vezes interferem no desenvolvimento dos alunos em sala de aula.	Percebo aprendizados decorrentes da formação, pois inclui <u>debates</u> trabalhados no processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?	Dependendo do conflito, primeiro procuro conhecer melhor os alunos, saber como é o desenvolvimento deles, quais dificuldades e quais são as limitações dos alunos, para saber qual melhor maneira de solucionar os desafios com a turma, procuro também pesquisar atividades diferenciadas que ajudem a superar os desafios que aparecem no dia a dia na sala de aula.	Quando for a hora da roda de história, procuro introduzir uma história que eu consiga dialogar com a turma algumas soluções de conflitos, ou até mesmo utilizo músicas na roda de música, para dialogar sobre o respeito e afeto que devemos ter com os nossos colegas e educadoras.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
H	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	Na minha salinha de berçário o conflito é pedagógico, são situações onde as crianças expressam as emoções e como somos seres humanos temos todo tipo de sentimento. Brigas, choro e principalmente as	Os conflitos são principalmente durante as brincadeiras e interações sociais. Por serem pequenos e ainda não conseguirem se comunicar ou	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no

		mordidas, são recursos que os pequenos usam para se expressar.	expressar seus sentimentos os conflitos aparecem.	processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?	Tento resolver com calma, acolhendo aquele sentimento e mostrando que a educação amorosa é a melhor saída. O professor deve estar atento e mediar os conflitos, entendendo os motivos de ambas as partes. Conhecer as fases do desenvolvimento infantil e a realidade dos alunos ajuda nessa compreensão porque deve estar seguro para colher os sentimentos das crianças e desenvolver com as famílias uma parceria para a solução dos conflitos.	Primeiramente converso com os auxiliares para orientar sobre a realidade das crianças, situações que vivenciam para compreendermos os motivos que levam a criança a tomar certas atitudes. Também busco estratégias juntamente com as famílias, direção e colegas.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
J	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	Conflito, uma situação de problema, divergência, dificuldade de expressar e até aceitar. Conflito pode ser com o outro, ter ideias diferentes, etc. Ou com o próprio sujeito (criança, no nosso caso) tem situações conflitantes, problemas que não compreende, situações internas que podem causar momentos difíceis com outros.	Situações de brigas, frustrações, disputa, as faltas de controle emocional, as reações impulsivas e até as situações de agressões físicas.	Percebo aprendizados decorrentes da formação, pois inclui alguns <u>debates</u> trabalhados no processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?	Tento manter a calma, conversar, acalmar o espaço, encontrar uma solução para o “problema” conflito.	As estratégias, observar, conversar, ter atitudes firmes, e o posicionamento de ficar sempre alerta.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
K	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	Dificuldade da criança em lidar com uma situação interna ou externa que gera sentimentos que não conseguem expressar de forma clara o que está acontecendo, ocorrendo choros, impulsos, agressividade, solicitação de colo e dificuldade de socialização.	A dificuldade de entendimento de regras para o convívio social com os colegas e professores, desde a aceitação de divisão de brinquedos e materiais, para com as regras para ir para ao pátio.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS	Primeiro acolher a criança para entender o que está acontecendo, qual motivo	Sempre buscando os combinados da turma, tentando fazer	Não percebo aprendizados decorrentes da

	PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?	para as reações diversas... Em seguida, criar estratégias/combinados para buscar a resolução do conflito desde painéis, prêmios para o final da semana, recursos para a volta a calma, brincadeiras e músicas que falam sobre o tema a ser trabalhado e caso não seja resolutivo aí buscamos auxílio da família para traçar a melhor estratégia e ir até em busca de rede de apoio.	com que eles percebam seus erros e o que fazer para resolver. As intervenções precisam estar visíveis e a recompensa seja pro um carimbo, um adesivo nas primeiras semanas para que estimule as ações positivas.	formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
L	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	Entendo conflitos como o enfrentamento de opiniões, posicionamentos, diferenças entre valores, crenças, objetivos..., onde duas ou mais pessoas diferem seus posicionamentos acreditando serem o mais assertivo, correto, e que seu opositor está incorreto. Portanto o conflito faz parte das vivências pessoais, profissionais dos indivíduos, pois vivemos em grupos, em uma sociedade que diretamente ou indiferentemente acaba por instigar este confronto de ideias, opiniões, interesses, que geram conflitos.	Considero que os conflitos na Educação Infantil, são todos os entraves que impedem que os objetivos educacionais sejam alcançados (seja comportamental, físico ou estrutural).	Percebo aprendizados decorrentes da formação, pois inclui <u>debates</u> do processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?	Com relação aos conflitos que ocorrem em minha sala de referência, busco sempre dialogar com as partes envolvidas, ouvindo sempre suas opiniões e suas motivações que ocasionaram esta situação conflituosa, almejando fazer com que os “atores” envolvidos no conflito entendam que todos podemos nos colocar, colocar nossas opiniões, mas precisamos ouvir o outro e juntos chegarmos a resolução para todos.	Primeiramente muito diálogo, é preciso ouvir a criança, buscar entender os motivos que a levaram a agir daquele jeito e traçar estratégias para que a mesma consiga superar estes comportamentos.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.

M	O QUE VOCÊ ENTENDE POR CONFLITOS?	O ato de divergência entre duas ou mais partes.	Considero como conflitos os desentendimentos entre as crianças.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.
	QUAIS ESTRATÉGIAS TU UTILIZAS PARA RESOLVER OS CONFLITOS NA SUA SALA DE REFERÊNCIA?	Mediação, diálogo e empatia são as estratégias para que se diminuam os conflitos.	Sempre digo para pedirem desculpas e não fazer de novo.	Não percebo aprendizados decorrentes da formação, pois não inclui <u>debates</u> ou <u>autores</u> trabalhados no processo de formação.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Traçando um comparativo no quadro acima envolvendo respostas das sujeitas investigadas, percebo que houve poucos aprendizados decorrentes da formação, por não incluírem em suas falas os debates ou autores que foram trabalhados no processo. Também foram raras as mudanças nas estratégias para resolver as questões de conflitos em suas turmas com base na perspectiva de Souza, Vieira e Crepaldi (2015):

[...] as professoras falaram mais sobre os comportamentos que elas consideram agressivos nas crianças, as intervenções que fazem diante da agressividade e os motivos aos quais atribuem esses comportamentos do que sobre as interações entre pares de criança que envolvem comportamentos agressivos. (p. 49-50).

Concordo com os autores, pois, diante das respostas analisadas, percebe-se que não houve um entendimento aprofundado sobre as situações de interação que envolvem comportamentos agressivos. Assim, o que se observa são falas que descrevem atos de agressividade, muitas vezes compreendidos apenas como conflitos. Com base nos relatos das estratégias adotadas pelas professoras, é possível perceber que não há diferenças significativas na forma como as intervenções são conduzidas a partir das abordagens para solucionar os problemas.

Por outro lado, também me permito refletir sobre o modelo de intervenção realizado. Nesse caso, o número reduzido de formações pode ter contribuído para a limitação das aprendizagens. Isso porque poderiam ter sido incluídos outros textos

relacionados à problemática, possibilitando novos debates, além de uma compreensão mais aprofundada da temática, favorecendo a construção de novos aprendizados.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação é o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo analisar as compreensões teóricas dos professores da Educação Infantil sobre a prática pedagógica referente à resolução de conflitos na sala de referência. Para alcançá-lo, adotou-se metodologia da investigação-ação que busca resolver as problemáticas por meio da ação, promovendo mudanças significativas no âmbito da sala de aula das professoras no que diz respeito à intervenção dos conflitos existentes.

A partir disso, realizamos uma formação com as professoras por meio de rodas de conversa, onde foram debatidas questões sobre o problema principal das situações de conflitos. Nesse sentido, as reflexões foram aprofundadas por meio de artigos e textos discutidos durante esse período, buscando analisar de maneira crítica o âmbito da prática, assim como contribuir para a prática pedagógica, monitorar e avaliar os resultados, promovendo assim ações colaborativas.

A formação se deu em seis encontros e os textos eram enviados previamente às professoras. Assim, cada reunião tinha duração aproximada de uma à duas horas, com exceção do primeiro e último encontro, que contaram com a presença de todas as profissionais. Já os demais foram realizados em grupos menores, organizados conforme a faixa etária das crianças.

Dessa maneira, as reuniões iniciavam com uma pequena introdução apresentada pela pesquisadora. Em seguida, o grupo seguia com a discussão acerca do referencial teórico proposto, refletindo sobre a problemática e a realidade vivenciada nas salas, relacionando teoria e prática. Ao final de cada uma delas, definiam-se ajustes e novas abordagens para lidar com os conflitos nas turmas.

Para a realização dos debates e estudos do grupo, utilizei cinco textos, artigos e capítulos de livros, os quais foram apresentados no plano de ação, juntamente com seus autores. Estes materiais embasaram as discussões sobre a temática, trazendo momentos de reflexão e análise das estratégias de intervenção aplicadas na sala de referência. A partir disso, destaca-se a importância das professoras repensarem suas práticas pedagógicas, a fim de incluir novas teorias que tragam o embasamento necessário para adotar formas mais diversas para resolver os conflitos sem prejudicar o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos.

Com isso, as formações proporcionaram avanços limitados no aprofundamento dos conhecimentos sobre a temática em discussão, uma vez que foi percebida certa

resistência à mudança pela maioria das professoras. Isso mostra a necessidade de reestruturar a maneira como essas formações são oferecidas, garantindo que tragam propostas inovadoras desde o início de sua carreira profissional.

Após ser concluída a visão geral acerca da temática na dissertação, apresentam-se, a seguir, as considerações finais referentes às categorias analisadas, fundamentadas na pesquisa desenvolvida, nos dados e em seus principais resultados.

Na categoria “Situações que interferem no comportamento das crianças e podem gerar conflitos na educação infantil”, observou-se que, desde o início da pesquisa, o ponto de vista das professoras em relação aos conflitos, é que eles são resolvidos por meio das suas experiências e vivências dentro do ambiente educacional. Neste primeiro momento, não houve menções relativas à teoria em nenhum relato.

De maneira geral, percebe-se diante das respostas fornecidas nas entrevistas que as professoras organizavam estratégias de intervenção nas situações de conflito, mas sem cunho teórico que possibilitasse o conhecimento do desenvolvimento de cada faixa etária, para intervir e conduzir de maneira mais assertiva em cada situação.

A categoria “Discussões teóricas e ações direcionadas a resolução de conflitos na educação infantil” aponta para alguns obstáculos enfrentados pelas professoras, como o entendimento dos familiares e da equipe de trabalho da sala de referência, em meio aos relatos de como lidar com as situações de agressividade das crianças.

Diante dessas dificuldades, torna-se evidente a necessidade de as professoras repensarem a sua prática pedagógica, assim como as estratégias adotadas e recursos utilizados, a fim de uma abordagem teórica que oriente as suas intervenções. Ter esse respaldo é fator fundamental para conduzir e ter um embasamento de apoio ao relatar questões e problemas cotidianos para os envolvidos.

Na categoria “A resolução de conflitos por meio do princípio formativo”, foram incluídas ao longo das discussões, em raros momentos, menções e algumas frases destacadas da parte teórica. Também foram observadas poucas mudanças nas estratégias de intervenção por parte de algumas professoras, mesmo com a formação em andamento. Sendo assim, percebeu-se o quanto é difícil se desacomodar e sair da zona de conforto, principalmente quando há limitações impostas pelo próprio grupo de trabalho.

Os dados revelaram que, apesar da demanda inicial de como resolver as situações de conflitos, fica evidente que não houve mudanças na prática pedagógica por meio da teoria, mesmo após a formação. Essa constatação foi realizada a partir das respostas e das entrevistas no quadro comparativo, mostrando ser um desafio ainda maior, pois o esforço e a dedicação precisam vir de cada sujeito, para fomentar a construção de aprendizagens e mudanças significativas e, principalmente, avanços concretos na área.

## REFERÊNCIAS

ANTONY, Sheila; ZANELLA, Rosana (orgs.). **Infância na Gestalt-terapia: caminhos terapêuticos**. Summus editorial, 2020.

BARBOSA, Maria Carmem. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, 2000.

BOHM, Verônica. **Agressividade**. In: SÍVERES, Luiz; NODAR I, Paulo César (Orgs.). *Dicionário de Cultura de Paz*. Volume 1. Curitiba : CRV, 2021, p. 57 – 59.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e o Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – 2. Ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Educação (PNE) 2014 – 2024** : Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. – 2º. Ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

\_\_\_\_\_. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Conselho Deliberativo. Resolução nº 006, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre o Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância).

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2006.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher, DA SILVA, Gabielle Lenz, CRESPO, Renata Oliveira, DE OLIVEIRA, Caleb Rangel, MAGALHÃES, Suelen Lessa. **Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores**. *EDUR • Educação em Revista*. 2020; 36:e214220.

CELLARD, André. **Análise documental. A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. **O jogo protagonizado como elemento potencializador da ação reflexiva de professores pré-escolares**. 1996. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1996.

CHIAPARINI, Cândida; SILVA, Ivone Maria Mendes; LEME, Maria Isabel da Silva. **Conflitos interpessoais na educação infantil: o olhar de futuros professores e egressos**. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Vol. 22, núm. 3, Set/Dez 2018: p. 603-612.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; ZEICHNER, Kenneth. **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

EUSÉBIO, Walquíria de Souza. **Percepções e ações de professoras diante das manifestações de agressividade das crianças em uma instituição de Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação e Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 163 p. 2018.

EVANGELISTA, Ariadne de Sousa. **Sala de referência ideal para as crianças e para as profissionais da educação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Zero-a-seis, Florianópolis, v. 22, n. 41, p. 175-203, jan./jul., 2020

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio eletrônico – XXI** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERRAREZI, Renata Soares Leal. **Um traço e um abraço: afetividade como elemento facilitador da aprendizagem**. Trabalho realizado no programa de mestrado em Educação na Universidade Ibirapuera-UNIB, São Paulo, SP, Brasil Rev. Psicopedagogia 2023; 40(121):76-83.

FONSECA, Karla Haydê Oliveira da. **Investigação-ação: uma metodologia para prática e reflexão docente**. Revista Onis Ciência, Braga, V. 1, Ano 1 N° 2, setembro/dezembro 2012.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa. A pesquisa científica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HAMMES, Lúcio Jorge; MARROCHE, Cristiane Cardozo. **Desafios para resolução de conflitos na Educação Infantil**. Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society, v. 05, ed. especial, abr., 2019, artigo nº 1110.

HAMMES, Lúcio Jorge. **Formas de resolução de conflitos em escolas públicas de Jaguarão, RS**. In: SELAU, Bento; HAMMES, Lúcio Jorge. (Orgs). Educação inclusiva e educação para a paz: Relações possíveis. São Luiz /MA: EDUFMA, 2009, p. 87-95.

KEMMIS, Stephen; MCTAGGART, Robin. **Como planificar la investigación-acción**. Impreso en Romanyá/ Valls, S.A. 1ª reimpresión: mayo de 1992.

KRAMER, Sonia. et. al. **Infância e Educação Infantil: concepções e ações**. PUC/Rio: Projeto de Pesquisa, 2009 (Mimeo).

LEME, Maria Isabel da Silva. **Violência e educação: a percepção de pré adolescentes sobre a autoridade da escola e da família no conflito interpessoal**.

Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto, Brasil. Temas em Psicologia, 2009. Vol.17, núm. 2, p 359-370.

Livro de Ocorrências. Escola Municipal de Educação Infantil Recanto Feliz. São Lourenço do Sul/ RS, 2017 – 2023.

LUZ, Iza Rodrigues da. **A agressividade na concepção de Winnicott e suas implicações para a educação infantil.** Aprender – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação. Vitória da Conquista. Ano VI, n. 11, p. 109 – 137, 2008.

LUZ, Iza Rodrigues da. **Agressividade na primeira infância: um estudo a partir das relações estabelecidas pelas crianças no ambiente familiar e na creche.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 209 p. 2005.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva.** Ciência e Educação, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

NOVAK, Joseph Donald; CANÃS Alberto. **A teoria subjacente aos mapas conceituais e como elaborá-los e usá-los.** Práxis Educativa, Ponta Grossa, v.5, n.1, p. 9-29, jan.-jun. 2010.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil: Perspectivas psicopedagógicas.** 1ª ed. Prodil. Porto Alegre, 1994.

OLIVEIRA, Maria Saúde da Silva; COSTA, Adriana Deodato. **A formação docente e a agressividade infantil.** Delmiro Gouvea – AL, 2021, p. 6 – 20.

PICADO, Juliana da Rocha; ROSE, Tânia Maria Santana de. **Acompanhamento de Pré-escolares agressivos: adaptação na escola e relação professor-aluno.** Psicologia, Ciência e Profissão, 2009, p. 132-145.

PPP Escola Municipal de Educação Recanto Feliz. São Lourenço do Sul/ RS, 2017-2018.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis: Vozes, 2004, p. 110.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil,** v. 1. Secretaria de Estado da Educação: Porto Alegre, 2018.

SANTOS, Andreia Mendes dos; GOMES, Laura Brito; COSTAS, Fabiane Adela Tonetto; CORDEIRO, Aliciene Fusca Machado; SELAU, Bento. **Debates da Psicologia da Educação da região Sul do Brasil acerca da violência nas escolas.** Revista de Educação PUC-Campinas, [s.l.], v. 30, 2025. DOI: 10.24220/2318-0870v30a2025e14544. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/14544>. Acesso em: 16 de maio de, 2025.

Site FNDE. Disponível em <<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/proinfancia>>. Acessado em 27 de maio de 2023.

SAVATER, Fernando. O valor de educar. Martins fontes. São Paulo, 1998.

SELAU, Bento; FURINI, Anselmo Barce. **Psicomotricidade Relacional e Inclusão na Escola**. Lajeado: Ed. da Univates, 2010.

SELAU, Bento; FURINI, Anselmo Barce; PINHEIRO, Silvia Siqueira. **A resolução de conflitos na escola sob a perspectiva da psicomotricidade relacional**. In: SELAU, Bento; FURINI, Anselmo Barce (Orgs.). *Psicomotricidade Relacional e Inclusão na Escola*. Lajeado: Ed. da Univates, 2010, p. 119 – 135.

SELAU, Bento; HAMMES, Lúcio Jorge. **Educação inclusiva e educação para a paz: Relações possíveis**. São Luiz /MA: EDUFMA, 2009.

SOLLER, Tatiana Lourega. **Aprofundando as discussões sobre as metodologias e princípios norteadores da prática pedagógica**. 2016. 139 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2016.

SOUZA, Carolina Duarte de. **Caracterização da agressividade entre pares de crianças por professoras pré-escolares**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 173 p. 2012.

SOUZA, Carolina Duarte; VIEIRA, Mauro Luis; CREPALDI, Maria Aparecida. **O que dizem professores da pré-escola sobre agressividade entre crianças**. *Psico*. Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 46 – 56, jan. – mar. 2015.

SOUZA, Nathalia Mendes Gudim de. **A agressividade na educação infantil**. *Revista Even. Pedagóg. Número regular: Educação Ambiental*. Sinop, v. 12, n. 2 (31. ed.), p. 420 – 428, ago./dez. 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set/dez. 2005.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de autorização co-participante



Solicito à direção da Escola \_\_\_\_\_, do município de São Lourenço do Sul, a autorização para a realização do projeto de pesquisa intitulado “A resolução de conflitos na educação infantil: um olhar da teoria sobre a prática pedagógica”, sob responsabilidade da professora mestranda Nájela Pereira Medeiros Gonzalez com orientação do professor doutor Bento Selau da Silva Júnior, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa. A autorização respeita a legislação em vigor sobre ética em pesquisa em seres humanos no Brasil (Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/12 e regulamentações correlatas).

Em resposta a solicitação:

Eu, \_\_\_\_\_, ocupante do cargo de diretora na Escola \_\_\_\_\_, situada no município de São Lourenço do Sul, autorizo a realização da pesquisa “A resolução de conflitos na educação infantil: um olhar da teoria sobre a prática pedagógica”, sob a responsabilidade da pesquisadora e professora Nájela Pereira Medeiros Gonzalez, tendo como objetivo primário analisar as compreensões teóricas dos professores da educação infantil sobre a prática pedagógica referente à resolução de conflitos na sala de referência.

Afirmo que fui devidamente orientado sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa nela recrutados, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

São Lourenço do Sul, 15 de maio de 2023.

---

Assinatura do responsável e carimbo e ou CNPJ da instituição co-participante

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: A resolução de conflitos na educação infantil: um olhar da teoria sobre a prática pedagógica

Pesquisadora responsável: Nájela Pereira Medeiros Gonzalez

Orientador: Bento Selau da Silva Júnior

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa

O (a) docente \_\_\_\_\_ está sendo convidado (a) para participar de forma colaborativa, na pesquisa “*A resolução de conflitos na educação infantil: um olhar da teoria sobre a prática pedagógica*”, sob responsabilidade da professora mestranda e pesquisadora Nájela Pereira Medeiros Gonzalez, com orientação do professor doutor Bento Selau da Silva Júnior, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa. Esta pesquisa tem por objetivo analisar as compreensões teóricas dos professores da educação infantil sobre a prática pedagógica referente à resolução de conflitos na sala de referência, por meio de formação docente em roda de conversa.

Afirmo que fui devidamente orientado (a) sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização de dados exclusivamente para fins científicos e que as informações a serem oferecidas para o pesquisador serão guardadas pelo tempo que determinar a legislação e não serão utilizadas em prejuízo das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa, é garantido o anonimato dos sujeitos e sigilo das informações.

Por meio deste documento e a qualquer momento você poderá solicitar esclarecimentos que julgar necessários sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação em qualquer tempo, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após o esclarecimento sobre a pesquisa, no caso de aceitar fazer parte deste estudo, assine este documento ao final, disponível em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável.

Devido o estudo consistir em uma investigação-ação, o retorno e benefícios das ações ocorrerá concomitante ao seu desenvolvimento, entretanto, a pesquisadora irá incluir em suas ações a divulgação da dissertação aos participantes da pesquisa.

São Lourenço do Sul, 04 de julho de 2023.

---

Participante da pesquisa

---

Bento Selau da Silva Júnior

---

Nájela Pereira Medeiros Gonzalez

## APÊNDICE C – Entrevista semiestruturada



## ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Mestranda: Nájela Pereira Medeiros Gonzalez

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr. Bento Selau da Silva Júnior

1. Identificação

1.1 Formação:

1.2 Tempo de atuação:

1.3 Faixa etária de atuação:

2. Em relação aos conflitos existentes na Educação Infantil

2.1 O que consideras ou compreende sobre conflitos na Educação Infantil?

2.2 Qual o teu posicionamento diante de crianças que se mostram agressivas no ambiente escolar?

2.3 Quais as tuas estratégias e atitudes diante de situações de conflitos das crianças na sala de referência?

2.4 Que comportamentos indicam que uma criança é agressiva?

2.5 Como as crianças reagem ao serem chamadas a atenção para eventos conflitantes?

2.6 A que atribuis o comportamento agressivo das crianças?

2.7 Como as crianças lidam com e resolvem as situações de conflitos entre elas?

2.8 Costumas usar de teoria em sua prática pedagógica para lidar com as situações de agressividade?